

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA APLICADA
MESTRADO

O GOSTO PELA LEITURA:
FATORES QUE MOTIVAM OU CONTROLAM ?

Marcia de Souza Moraes

MARINGÁ

2000

MARCIA DE SOUZA MORAES

**O GOSTO PELA LEITURA:
FATORES QUE MOTIVAM OU CONTROLAM?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - Mestrado, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada na Área de Ensino - Aprendizagem de Língua Materna.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Romilda Marins Corrêa

MARINGÁ, 2000

MARCIA DE SOUZA MORAES

**O GOSTO PELA LEITURA:
FATORES QUE MOTIVAM OU CONTROLAM ?**

Maringá, 2000

Prof Dr Antônio Suárez Abreu

Prof^ª Dr^a Sílvia Inês. C. C. de Vasconcelos

Prof^ª Dr^a Romilda Marins Corrêa

Por todo o mundo a sociedade se acha em desordem, e uma transformação radical se faz mister. A educação dada à juventude deve moldar toda a estrutura social. A tensão física, combinada com o esforço mental, conserva a mente e o moral numa condição mais saudável, sendo feito muito melhor trabalho. Sob este ensino, sairão de nossas escolas alunos educados para a vida prática, habilitados a dar o melhor uso a sua capacidade intelectual.

Ellen G. White

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre ao meu lado, direcionando o caminho a seguir.

Aos meus pais, pelas orações, carinho e amor sem limites.

Aos meus irmãos Marcelo e Léia, pela admiração e confiança.

Ao Armando, pelo amor e apoio constante. Pelo carinho como me auxiliou neste trabalho.

Aos professores do Programa de Mestrado por contribuírem para uma formação acadêmica diferenciada.

À professora Romilda, minha orientadora, por ter depositado confiança no meu trabalho e por direcionar horizontes a serem descobertos nos momentos difíceis.

À professora Sílvia Vasconcelos, pela sinceridade e franqueza como orientou o caminho a ser seguido.

Aos sujeitos participantes que constituíram o “corpus” desta pesquisa.

Aos meus tios Hedésio e Tereza pela credibilidade e apoio que demonstraram.

À amiga Débora, pela paciência e interesse em me auxiliar quando precisei.

Ao Instituto Adventista Paranaense, particularmente a Prof^a Dirce, pois sua compreensão possibilitou a realização desta pesquisa.

SUMÁRIO

RESUMO.....	VII
ABSTRACT.....	VIII
INTRODUÇÃO.....	1
1. CENÁRIO GERAL	1
2. LEITURA E SOCIEDADE.....	2
3. UM ALVO MAIOR.....	4
1. CAMINHOS PERCORRIDOS.....	8
1.1 EXPONDO A METODOLOGIA	8
1.2 ETAPAS DA PESQUISA / INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	9
1.3 ASPECTOS DISCUTIDOS COM OS ENTREVISTADOS.....	10
2. LINGUAGEM E LEITURA: HISTÓRIA E CONCEPÇÃO.....	11
2.1 AUTOR: PROTAGONISTA DA LEITURA.....	11
2.2 TEXTO: SIGNIFICAÇÃO ÚNICA	13
2.3 RELAÇÃO TRIANGULAR: AUTOR, TEXTO E LEITOR	20
3. O GOSTO PELA LEITURA	26
3.1 GOSTO: COMO O TRATAMOS?.....	26
3.2 É DESTE GOSTO QUE ESTOU FALANDO	27
4. GOSTAR DE LER E EMOÇÕES: O QUE TEM A VER?.....	30
4.1 KRASHEN: FILTRO AFETIVO	31
4.2 LEITURA EMOCIONAL.....	32
4.3 MOTIVAÇÃO	32
4.4 AFETIVIDADE.....	34
5. FAMÍLIA: BERÇO DE LEITURAS ?	35
5.1 ESCRITA: PRESENÇA IMPRESCINDÍVEL PARA O DESENVOLVIMENTO DO GOSTO PELA LEITURA.....	35
5.2 PAIS QUE MAIS FAZEM DO QUE FALAM	37
5.3 FAMÍLIA: SOCIEDADE NATURALIZADA.....	37
6. AMBIENTE ESCOLAR+PROFESSOR+ALUNO= LEITURA?	39
6.1 RELAÇÃO DE COMPLEMENTARIDADE	39
6.2 RELAÇÃO MESCLADA.....	40
6.3 PEÇAS FUNDAMENTAIS	42
7. ANÁLISE.....	44
7.1 QUADRO GERAL DAS CATEGORIAS	45
7.2 DO AMBIENTE ESCOLAR AO ACADÊMICO	47
7.3 QUE ESTÍMULO?.....	48
7.4 ALGO ESPECIAL	53
7.5 A ARTE DE ORIENTAR	56
7.6 QUEM LÊ O QUÊ?.....	60
7.7 MERO INSTRUMENTO OU UMA POSTURA?	64
7.8 OBRIGAÇÃO OU PRAZER?.....	69
7.9 CATEGORIAS EM DESTAQUE.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
BIBLIOGRAFIA	82
ANEXOS.....	88

RESUMO

Esta pesquisa qualitativo-quantitativa tem como objetivo primordial detectar fatores que influenciam no processo do desenvolvimento do gosto pela leitura. A proposição desta se justifica pela diversidade de pontos de vista existentes em relação à leitura e à necessidade de pesquisas que contribuam para o bom andamento do processo de gostar de ler, o que está bastante vinculado ao corpo docente.

Este trabalho está intimamente ligado à questão do desenvolvimento do gosto pela leitura e substancia-se em uma teoria composta por fatores que se relacionam ao contexto da pesquisa, com a finalidade de levantar e discutir itens sobre possíveis dados que estejam mesclados nesse processo.

Com o intuito de satisfazer o objetivo da pesquisa, os sujeitos envolvidos neste trabalho foram doze acadêmicos, que fazem parte de diferentes instituições e de cursos também distintos. Escolhi esses indivíduos, pois é de se supor que, com onze anos ou mais de contato com o processo de ler, possuam uma bagagem de leitura, a princípio, razoável e sejam capazes de citar aspectos que acreditam terem sido de importância básica para sua formação enquanto leitor.

A análise foi fundamentada nos dados fornecidos pelos sujeitos, cujo relato apresentou aspectos que influenciaram negativa ou positivamente o seu comportamento em relação ao gosto pela leitura.

A pesquisa revelou que o gosto por leituras não é algo que se desenvolve com um único tipo de estímulo, mas sim acontece com o desenrolar do tempo e da maturidade de cada indivíduo. Os lugares freqüentados e as situações vivenciadas por leitores em formação podem contribuir para o processo de leitura, mas especialmente foram citados dois ambientes: escolar e familiar, lugares estes lembrados pelos sujeitos como principais responsáveis por estímulos que contribuíram ou atrapalharam o desenvolvimento desse processo.

A partir da análise realizada sobre os fatores que contribuem positivamente ou atrapalham o processo de desenvolvimento do gosto pela leitura, esta pesquisa pretende contribuir para que se compreenda melhor a ocorrência desse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Fatores/Gosto/Leitura.

ABSTRACT

This quantitative-qualitative research has as the main objective to detect factors that influence in the development process of the interest in reading . This work proposition is justified by the diversity of view points about reading, and the necessity for researches that may contribute to the good running of the process of reading appreciation, which is closely linked to the teaching body.

This work is intimately linked to the question of the development of the reading appreciation and is substantiated by a theory composed by factors related to the context of the research, with the aim of arising and discussing items about possible data within this process.

With the intention to satisfy the objective of this research, the subjects involved in this work were twelve university students from different courses and institutions. They were chosen based on the supposition that, with eleven or more years of reading activity behind them, they already possess a reasonable reading experience and are able to mention aspects they believe have been of fundamental importance in their formation as a reader.

The analysis was based upon the data furnished by the subjects , whose accounts presented aspects that influenced positive or negatively their behaviour related to their interest in reading.

The research revealed that the interest in reading is not something which is developed from just one kind of stimulus, in fact it happens with the passing of the years and maturity of each individual. The places frequented and different situations experienced by readers during their formation may contribute to the reading process. However, two environments in special, school and family, were mentioned by the subjects as the main responsible ones for the stimuli that contribute or hinder the development of this process.

From this analysis made upon the factors that contribute positively or hinder the development process of the interest in reading, this research intends to contribute to the better understanding of the existence this process.

KEY WORDS : Development/ interest/ reading.

INTRODUÇÃO

1. Cenário geral

“ Em sociedade, são múltiplos e diversificados os usos da leitura. Lê-se para conhecer. Lê-se para ficar informado. Lê-se para aprimorar a sensibilidade estética. Lê-se para fantasiar e imaginar. Lê-se para resolver problemas. E lê-se também para criticar e, dessa forma desenvolver posicionamentos diante dos fatos e das idéias que circulam através dos textos”.

(SILVA,1998 b:27).

Esta é uma pesquisa da área de Lingüística Aplicada, tendo como objeto de investigação um problema concreto da linguagem do ser humano: a leitura. Por ser a leitura um item bastante vinculado ao nosso dia-a-dia e por tratar-se de um problema, na opinião de professores em geral, surgiu o desejo de investigar fatores que influenciam no desenvolvimento do gosto pela mesma.

No que se refere ao processo de desenvolvimento do gosto pela leitura, sabemos que há fatores que contribuem ou não para que isso aconteça. Acredito ser fundamental traçar um levantamento dos melhores caminhos e formas de se estimular o gosto pela leitura e, contrapondo-se a isso, verificar quais são os fatores que desenvolvem o sentimento de repúdio ao ato de ler, para que este não acabe sendo uma obrigação.

Quero explicitar o conhecimento que tenho a respeito de outros fatores como os distúrbios de aprendizagem e deficiências cognitivas que, inseridos em um contexto maior e mais diversificado, precisam ser levados em conta, mas que neste momento não serão analisados, uma vez que o “corpus” que constitui o campo de análise desta pesquisa não é constituído por essa gama de questões e também porque esse assunto solicitaria um trabalho mais específico e centrado em outras áreas de estudos.

Este levantamento de dados a respeito dos fatores que influenciam diretamente no desenvolvimento do gosto pela leitura será uma contribuição ao corpo docente que é o grupo que, a princípio, tem mais contato com os leitores em formação.

Questões como: influências familiares, emoções, relação professor-aluno, aluno X ambiente escolar e concepções de linguagem, as quais desencadeiam específicas concepções de leitura, são fundamentais para compreendermos melhor o processo de desenvolvimento do gosto pela leitura, por isso, fazem parte do embasamento teórico deste projeto.

Para visualizar a pesquisa como um todo, apresento, a seguir, sua proposição de uma forma bastante sintética, mas acredito objetiva, explicitando o seu percurso.

O trabalho será constituído por três partes básicas: na primeira, apresentarei a fundamentação teórica que irá nortear o trabalho; na segunda, o levantamento de dados coletados por meio de questionários realizados com estudantes do nível superior e, na terceira, farei uma análise dos dados fornecidos pelos leitores em relação aos fatores que estão intimamente ligados ao desenvolvimento do gosto, ou não, pela leitura.

À medida que a análise for sendo realizada, traçarei paralelos com a teoria apresentada, quer seja para afirmar a atuação de determinados fatores, do ponto de vista dos estudantes, no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura ou negar a atuação dos mesmos. Ressalto ainda que o fato de estar realizando uma pesquisa que se refere ao desenvolvimento do gosto pela leitura, não quer dizer que estarei privilegiando somente fatores positivos, ao contrário, irei analisar também os fatores que influenciam de uma forma negativa no desenvolvimento do gosto pela leitura e lesam o processo de aprendizagem e apreciação da mesma.

A análise do material coletado abrangerá itens que se referem aos anos iniciais de estudo, intermediários e dados relacionados às influências externas à escola (pais, amigos, parentes e outros).

Por razões éticas, não serão mencionados os nomes dos indivíduos selecionados. Justifico a escolha de alunos que estão cursando o ensino superior pela grande demanda de comentários que ouço a respeito do gosto pela leitura dos indivíduos desse nível e por já estarem há mais de onze anos na instituição escolar, o que, a princípio, indica uma bagagem de leitura razoável.

2. Leitura e sociedade

Não poderia deixar de citar algo sobre o desenvolvimento histórico da leitura no Brasil. Concordando com Lajolo e Zilberman (1991), as tentativas iniciais de independência política do Brasil (praticamente uma política catequética) foram decisivas para a prática da leitura. O nacionalismo e a modernização encaminharam os primeiros contatos e hábitos referentes à realização de leituras, logicamente uma formação altamente influenciada pela cultura européia. Perceba o estranhamento por parte dos brasileiros ao observarem um viajante inglês que lia bastante:

“Alguns dos meus vizinhos, tanto em Itamaracá quanto em Jaguaribe entravam às vezes enquanto eu estava lendo e achavam estranho que eu achasse prazer nessa atividade. Eu me lembro de um homem que dizia: ‘ _ O senhor não é padre; portanto por que o senhor lê? O senhor não está lendo um breviário? Em outra ocasião, contaram-me que eu tinha granjeado a fama de um homem muito santo, porque estava sempre lendo”.

(Lajolo e Zilberman, 1991:129)

Na citação acima fica claro que a leitura era encarada de uma forma um pouco diferente dos dias atuais, embora ainda não tenhamos o ideal de processo de leitura desejado. A leitura era reconhecida como uma prática necessária e quase que exclusiva dos religiosos, para aumentarem seus conhecimentos teológicos.

Um pouco mais tarde, no século XVI, a imprensa é descoberta e no século XVIII, com seu aperfeiçoamento, ela se tornou um fator contribuinte para o desenvolvimento do processo de leitura no Brasil, sociedade a qual introduzia a oportunidade de conhecer o mundo e interagir com este, por meio de leituras, mesmo que ainda fosse de maneira precária. Segundo Zilberman (1982), todo sujeito está capacitado para realizar o ato de ler, obviamente que essa leitura ocorrerá a partir de estímulos da sociedade que envolve cada um.

As mudanças nos campos econômico, tecnológico, científico, cultural e outros começaram a se desenvolver com o passar do tempo e a partir dessas progressos ocorre a ampliação do sistema escolar, paralelamente à revolução burguesa, o que conseqüentemente propicia o aumento do público leitor. Os códigos oral e visual manifestados por meio de teatros e circos ficam para um segundo plano, enquanto o código da escrita passa a predominar dentro do contexto social.

Esse desenrolar da escola e da leitura gerou um grande mercado cultural, a escola passa a ser vista como um local onde se transmite a tradição do saber para ser utilizada no futuro, o ambiente escolar chega a ser definido como intermediador entre criança e cultura.

Atualmente, é possível dizer que é passado o tempo em que ler era um fim em si mesmo. Hoje, o processo de desenvolvimento da leitura é visto e esperado como um ponto referencial de partida do processo de aprendizagem. Lourenço Filho (1959), na abertura do primeiro volume de sua série didática “Pedrinho”, diz:

“ Ler por ler nada significa....” (p.14)

Concordando com muitos outros estudiosos, Zilberman (1982) acredita em uma leitura constituída de vazios, os quais cada leitor preenche, aprecia, aceita ou recusa de acordo com o seu conhecimento e experiência de mundo. Para Smolka (1989), a leitura também é um processo ativo, repleto de reconstruções de sentido.

Essa leitura interativa e mediadora, atualmente, reconhecida como produtiva e eficaz, vem sendo bastante estudada e divulgada; no entanto, estou questionando fatores que estão intimamente ligados e inseridos no processo de leitura desde a sua origem: Como uma criança aprende a ler no contexto escolar? Qual é o papel que o professor e a

escola desempenham nesse contexto? É o lar uma fonte de contribuição positiva ou negativa para o desenvolvimento do gosto pela leitura? E os fatores emocionais são importantes nesse processo?

Todas essas questões citadas podem ser melhor compreendidas se levarmos em consideração características de desenvolvimento social, intelectual, lingüístico e afetivo do leitor em relação à prática da leitura.

Para Silva (1989), leitores em desenvolvimento possuem grande capacidade para ler o mundo e os símbolos que o expressam. Cada indivíduo, neste caso cada leitor, possui uma maneira de interpretar e modificar o mundo, isso se dá em função do grau de integração e desenvolvimento dos fatores que influenciam esse sujeito: meio escolar, família, emoções e outros.

Desenvolver o gosto pela leitura, segundo Silva (1983), é abrir novos horizontes, é ter a possibilidade de experienciar outras alternativas de existência; é concretizar um projeto consciente, fundamentado na vontade individual. Traçar uma receita dizendo o que fazer e como fazer para desenvolver o gosto pela leitura não é meu objetivo, antes quero despertar o interesse pelo assunto detectando determinantes do dia-a-dia que influenciam, colaboram ou atrapalham esse processo de gostar de ler. Sendo assim, pode surgir o questionamento: por que saber quais são os principais determinantes que atuam no processo de desenvolvimento da leitura?

Acredito que gostar de ler contribui para a formação não de somente mais um indivíduo-leitor, mas de uma pessoa que sabe questionar, contestar e se posicionar frente à realidade que a vida oferece no dia-a-dia. Esse indivíduo descrito terá mais possibilidades de participar dos contextos que a sociedade oferece, expondo suas opiniões com argumentos mais sólidos que sustentarão suas idéias e posicionamentos.

3. Um alvo maior

Creio que não possa existir uma preocupação maior por parte do docente do que a formação de um indivíduo como cidadão. Penso que nenhum conteúdo, de qualquer que seja a disciplina, possa ser mais importante que a formação de um indivíduo atuante dentro da sociedade, por isso procuro apresentar, claramente, um conceito de leitura como sendo algo muito mais amplo, do que simplesmente uma prática interna do ambiente escolar ou um mero instrumento que supre a necessidade de troca de informações do nosso cotidiano.

Silva (1983), após pesquisa baseada nas obras do estudioso Arthur Koestler, afirma que a leitura constitui-se na principal dieta nutricional para o crescimento criativo de um indivíduo. O autor estudado por Silva (1983) diz que existe uma delicada distinção entre hábito e criatividade. Afirma que os hábitos, apesar de formarem o centro de estabilidade do comportamento organizado, reduzem o homem a um ser condicionado. Ao contrário, a criatividade une duas ou mais dimensões da experiência, torna possível uma evolução mental mais ampla, ou seja, ela supera o hábito pela originalidade.

A definição de criatividade de Koestler é extremamente interessante para nós que estudamos a questão da leitura. Ele não diz que a criatividade é simplesmente produzir novas idéias a partir do nada, mas sim buscar elementos da cultura, reativá-los e recombiná-los através da imaginação.

O que mais podemos desejar do processo da leitura? Desenvolver o gosto pelo ato de ler pode ser o início da recuperação dos elementos da nossa cultura, a reativação do interesse pelos mais diversos tópicos que a nossa literatura oferece e, por fim, a combinação e ligação de elementos sociais e individuais, formando, assim, o gosto particular de cada um pela leitura.

Gosto, não aquele que se vende e se compra, ou aquele que se escuta por aí, mas aquele gosto construído pelo contato e seleção de textos que somente cada indivíduo é capaz de fazer.

Depois deste estudo a respeito da criatividade posso deixar mais um conceito prático de leitura. Ler é criar. Para Silva (1983), todos os indivíduos dentro de um contexto de liberdade e oportunidade são capazes de ler, conseqüentemente, de criar. Um leitor criativo procura se superar no momento da leitura, ele reconstrói as possibilidades de significação oferecidas pelo texto, ou seja, cada sujeito, quando lê, está construindo aquele texto com outro discurso.

Tudo isso que estou discutindo indica para um fator muito simples, mas ainda não muito utilizado - bagagem de experiências que o aluno traz consigo. Pensando a respeito dessa bagagem, justifico a escolha de depoimentos de alunos que já tiveram uma caminhada e um contato razoável com a leitura, para detectar os possíveis determinantes do desenvolvimento do gosto pela leitura.

Diversas pesquisas, de natureza aplicada, vêm evidenciar o interesse pela área da leitura. Na realidade, é algo embutido na vida do ser humano. A todo momento, estamos exercitando a leitura, quer na infância ou na vida adulta, em casa ou na rua, na escola ou no supermercado.

A leitura não se acaba em simples decodificações da linguagem escrita. Segundo Kozan (1996), o ato de ler é algo mais complexo e tem uma íntima relação com a vida. Na mesma linha, Freire (1982) diz que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Esse ato de ler acredita em um indivíduo-leitor que não somente decodifica um texto, mas é capaz de realizar uma leitura ativa e crítica, interagindo com o texto e resultando, posteriormente, em um leitor maduro.

Tomei, como ponto de partida para minhas reflexões, pesquisas como as de Kleiman (1989/1998), Silva (1998 b), Magnani (1989), artigos e outros que contemplam análises sobre a leitura e seu processo.

Observando a preocupação desses estudiosos, por meio de seus trabalhos que buscam apresentar uma leitura mais abrangente, senti-me altamente estimulada para desenvolver uma pesquisa nessa linha da área da leitura que, apesar dos estudos que estão sendo desenvolvidos, acredito ainda não terem sido esgotados.

Creio ser a abordagem do tema muito importante, no sentido de dedicar maior atenção a fatos, momentos e estratégias que influenciam o gosto pela leitura.

Como estudiosa de questões que se referem à linguagem e, mais especificamente, ao que toca esta pesquisa - fatores que influenciam o gosto pela leitura, no decorrer de minha vida acadêmica, tenho observado pessoas que se enquadram em duas classes: a primeira é formada por indivíduos que admitem ser apaixonados pelo ato de ler e fazem isso com muito prazer - o que denomino aqui de *amantes da leitura*, e a segunda é constituída por aqueles que dizem não ser amantes da leitura, mas, por necessidades diversas, a praticam - chamados por mim de *leitores por obrigação*.

Durante a minha experiência como aluna do curso de Letras, não era raro ser questionada sobre a leitura. Nas conversas formais ou informais, pude perceber com clareza a diferença de opiniões e de depoimentos a respeito de como se concebe o processo de desenvolvimento do gosto pela leitura.

Essa situação gerou a inquietação e a curiosidade de estudar os fatores positivos e negativos que influenciam no desenvolvimento do gosto pela leitura e desencadearam o objetivo principal desta pesquisa, que é o de detectar os fatores que determinam o processo de formação de desenvolvimento do gosto pela leitura para contribuir com sugestões que possam intervir positivamente. Esse processo de desenvolvimento do gosto por leituras envolve muitos fatores, desde ambientes frequentados pelos leitores até fatores emocionais do cotidiano.

Portanto, a minha pergunta de pesquisa é:

“Quais são os fatores que contribuem positivamente ou atrapalham o processo de desenvolvimento do gosto pela leitura?”

1. CAMINHOS PERCORRIDOS

O objetivo principal desta seção é apresentar a metodologia utilizada para a pesquisa. Apresento uma descrição dos sujeitos envolvidos no estudo justificando a escolha dos mesmos, descrevo os instrumentos de pesquisa utilizados e o tipo da pesquisa em questão.

1.1 Expondo a metodologia

Sendo prioridade desta pesquisa detectar os fatores que contribuem ou atrapalham o processo de desenvolvimento do gosto pela leitura, fez-se necessário utilizar modelos qualitativo-quantitativos de estudos, uma vez que estes se preocupam mais com o processo do que com o produto, por isso coerentes para pesquisas da natureza que estou realizando.

Lüdke e André (1986) apresentam características básicas do estudo qualitativo, as quais acredito estarem mescladas no desenrolar da pesquisa, provando assim que é possível realizar uma pesquisa de natureza qualitativo-quantitativa:

- 1- ambiente natural como fonte de dados e o pesquisador como seu principal instrumento;
- 2- dados coletados são predominantemente descritivos (história, sujeitos, acontecimentos);
- 3- preocupação maior com o processo;
- 4- vidas dos entrevistados são focos de atenção do pesquisado;
- 5- a análise dos dados tem uma tendência ao processo indutivo.

Lüdke e André (obra citada) admitem que qualidade e quantidade podem estar intimamente relacionadas. Concordando com os autores, acredito que o uso de dados quantificáveis como a idade, nível cultural, trajetória escolar, ocupação e outros não desmerecem um trabalho. É perfeitamente possível utilizar dados quantitativos em uma pesquisa e a análise desta ser composta por valores significativos, portanto ser possuidora de uma dimensão qualitativa, como afirma a autora:

“ Deixa de ser o estudo qualitativo porque reportou números? É evidente que não. No caso o número ajuda a explicitar a dimensão qualitativa”. (p.24)

1.2 Etapas da pesquisa / Instrumento de pesquisa

Como objetivo principal da primeira etapa, tive a realização de leituras individuais para enriquecer o embasamento teórico no que se refere especificamente aos principais fatores que influenciam no desenvolvimento do gosto pelo ato de ler. Nesta etapa, busquei uma teoria que se relacionasse ao contexto da pesquisa, com a finalidade de levantar e discutir itens sobre possíveis dados que estariam mesclados no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura e mais tarde poderiam ser ou não coletados por meio de questionários.

Esta pesquisa possui sujeitos, acadêmicos que fazem parte de diferentes instituições e de cursos também distintos. Como campo de pesquisa e instrumento de trabalho foi utilizado um questionário, o qual mais à frente será melhor descrito.

Após o embasamento da pesquisa, o próximo passo foi conversar com os acadêmicos selecionados. Esse contato foi importante porque pude detectar os principais fatores responsáveis pelo desenvolvimento do gosto pela leitura. Essa conversa foi estruturada a partir de um roteiro- aplicado por meio do questionário, pois acredito que seja:

“... a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja (...) referindo-se a um meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preencha.”

(Cervo e Bervian, 1972 :47)

Nesta etapa, então, busquei levantar e identificar os dados fornecidos pelos acadêmicos, que possibilitassem o conhecimento dos aspectos que influenciam no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura. Esses questionários são apresentados logo após a análise da pesquisa.

Nesse momento da pesquisa, passei a analisar os dados coletados a partir das respostas dos questionários e detectar os que são primordiais no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura. Esses dados detectados foram classificados em categorias, o que resultou em um quadro, o qual será apresentado no início da análise, explicitando as categorias que analisei.

No que diz respeito à natureza da pesquisa, segundo Cavalcanti (1986), esta pesquisa também se caracteriza por ser de natureza aplicada, por ter tido sua gênese em um problema constituído na prática e, em seguida, ter sido buscada a sua base teórica na Linguística Aplicada, a princípio e, posteriormente, em outras ciências, tais como a Filosofia e a Psicologia.

Após esse percurso, os dados coletados foram analisados e, finalizando a pesquisa, sugeridos os encaminhamentos com a intenção de colaborar para um bom desenvolvimento do processo do gosto pela leitura.

1.3 Aspectos discutidos com os entrevistados

- 1-. Colégios ou escolas freqüentados anteriormente nos ensinos fundamental e médio.
- 2- Instituição em que estuda atualmente - pública ou privada.
- 3- Área em que atua no momento.
- 4- Fatores que estimularam a leitura nos primeiros anos escolares.
- 5- Fator marcante em relação à leitura durante a vida.
- 6- Metodologias das aulas de língua portuguesa - leitura.
- 7- Leituras que realiza atualmente com maior freqüência.
- 8- Conceito e objetivo de leitura.
- 9- Causa da leitura que realiza atualmente.

Dependendo de cada entrevistado, surgiram maiores detalhes durante a conversa sobre os determinantes do gosto pela leitura, os quais foram melhor observados na transcrição dos questionários que se encontram no espaço dedicado à análise.

2. LINGUAGEM E LEITURA: HISTÓRIA E CONCEPÇÃO

Concordando com Câmara (1975), as concepções de linguagem precisam ser citadas e lembradas, pois estas auxiliaram e ainda contribuem para formação de diferentes concepções de leitura, das quais traçarei um paralelo conforme for citando as concepções de linguagem.

Uma das questões indispensáveis, quando se fala no ensino de leitura, é a postura que cada indivíduo possui em relação à concepção de linguagem, pois esta concepção, de certa forma, molda o processo de ensino de leitura dentro da sociedade como um todo.

A seguir, apresentarei um breve panorama histórico a respeito do desenvolvimento e das transformações que a teoria sobre a linguagem tem vivido, contextualizando a visão de leitura de cada momento.

2.1 Autor: protagonista da leitura

Fatores como a invenção da escrita, a diferenciação de classes e o contato com comunidades estrangeiras desencadearam os primeiros estudos em relação à linguagem. Neste período da Pré-Linguística e Paralinguística vou focalizar os seguintes estudos: Estudo do certo e do errado, Estudo da língua estrangeira, Estudo filosófico da linguagem, Gramática normativa e tradicional.

Segundo Câmara (1975), a diferenciação de classes deu origem ao que se chamou de *Estudo do Certo e do Errado*. Nesse caso, a sociedade seguia a língua das classes de maior poder aquisitivo, uma vez que os traços lingüísticos utilizados por elas se tornaram os únicos adequados e válidos.

Da Renascença ao fim do século XVIII surgiu o estudo da *língua estrangeira*. Viajantes e comerciantes traziam experiências e, conseqüentemente, a abundância de dados refletia admiração e despertava interesse. Uma maneira encontrada pelos primeiros estudiosos dessa área para apresentar as espécies de língua foi agrupá-las por uma classificação geográfica. Com o estudo filológico (análise de textos antigos) durante o período helenístico em Alexandria, também surgiu a necessidade de se estudarem “línguas estrangeiras”, uma vez que havia textos escritos em dialetos gregos, latinos e, mesmo, em muitas línguas não clássicas.

Nesse mesmo período, a principal discussão levada a efeito pelos gregos diz respeito à *filosofia da linguagem*. Interessavam-se pela adequação da linguagem ao

pensamento e preocupavam-se em elaborar uma teoria do conhecimento, que definisse as relações entre a noção e a palavra que a designa (significado e significante). O pensamento do filósofo grego partia desta afirmação: *toda palavra contém uma verdade e a tarefa do filósofo é buscar esta verdade*. Daí vem o termo etimologia, pois *étimo* é igual a *verdade*.

Após esse período, na Idade Média, começa a se firmar um exame dos fatos lingüísticos. De um lado, esses estudos trazem algumas contribuições para o desenvolvimento da Lingüística e de outro algumas confusões sobre língua e linguagem.

A gramática normativa, definida pelos gramáticos como conjunto de normas para falar e escrever bem. Neste momento, posso refletir novamente sobre o perigo de limitar a língua simplesmente por meio de concepções do que é certo ou errado, baseada em restritos grupos privilegiados. Isso nada mais é do que dizer que tudo que foge ao padrão imposto pela minoria é errado.

Inserida nessa concepção de linguagem como sendo dominadora, a leitura é considerada como um processo de identificação do ponto de vista do autor. Toda a atenção e o crédito do texto estão voltados para a intenção dele. O que o autor quis dizer com isto ou aquilo é a pergunta básica que identifica esse momento do processo da leitura.

Essa visão tradicionalista dá crédito a uma linguagem que se associa diretamente ao pensamento, afirmando assim que pessoas que não são capazes de se expressar não pensam, uma vez que a expressão se constrói no interior da mente.

Ainda nesse contexto, podemos encontrar a questão das gramáticas tradicionais. Dentro da gramática tradicional é bastante notável um excesso de atenção dispensada à morfologia, enquanto a sintaxe fica em segundo plano. Roulet (1978) ressalta que é mais importante para a comunicação saber construir um enunciado do que saber pôr todos os constituintes na forma correta respeitando todas as variantes combinatórias, porém é muito claro que a gramática tradicional dava ênfase à morfologia em detrimento da sintaxe.

A apresentação de regras e definições nas gramáticas tradicionais são pouco práticas e às vezes chegam a ser falsas provocando equívocos de aprendizagem e, conseqüentemente, desencadeando deficiências posteriores ao aprendiz. Definições vagas são sempre apresentadas, e fica a cargo do professor e do aluno fazer cada qual a sua própria conclusão e aplicação. Não nego aqui a contribuição dos gramáticos tradicionais no que diz respeito à língua, embora suas gramáticas somente tenham apresentado afirmações e regras.

Este breve histórico sobre os primeiros estudos a respeito da linguagem não tem a mínima pretensão de ignorar o que os estudiosos desenvolveram. Ao contrário, desejo expor o respeito a essa primeira fase de pesquisas, que, de certa maneira, contribuiu para o desenrolar da história da linguagem, que é algo dinâmico e por isso possui mudanças cotidianamente.

2.2 Texto: significação única

No decorrer da história da lingüística emergiram tendências distintas que não a negaram como ciência, mas sim procuraram renovar seus métodos. O Estruturalismo e o Gerativismo foram alguns desses movimentos, que trouxeram muitas mudanças e reflexões contribuindo para a ciência em formação - a Lingüística.

Dentro de um contexto agitado em que se encontravam os estudos que envolviam a linguagem, posso dizer que se deixou de simplesmente fazer história e começou-se a fazer lingüística não considerando uma inovação individual como episódio privado da vida de um falante, mas se procurou explicar uma inovação no ato de ser adotado por uma língua, no seu pertencer a um sistema lingüístico da comunidade e não mais ao falante singular.

Como o próprio nome já deixa transparecer – Lingüística Estrutural, a língua é estudada como uma estrutura, pelo fato de ser formada por elementos que mantêm entre si determinadas relações. Ela é tida como forma e não como substância (sistema estrutural- calcado nas formas). A língua é um conjunto de regras em combinação e interfere na maneira como o indivíduo vê o mundo e se relaciona com este.

Com o Curso de Lingüística Geral, o europeu Ferdinand de Saussure foi quem iniciou o Estruturalismo. Seus estudos focalizaram outro fator principal e básico: a Linguagem - “ ESTUDAR A LÍNGUA PELA LÍNGUA.” Essa iniciativa não despreza a língua, tomando-a apenas como um papel coadjuvante de instrumento para um outro estudo, ao contrário, é atribuída a ela um lugar de protagonista nos estudos que começam a voltar seus interesses para a área em questão.

Apesar de ter sua formação embasada na Lingüística Histórico-comparada, Saussure foi o marco para a Lingüística como ciência propriamente dita. Trabalhou com várias dicotomias e a linguagem, centro da sua teoria, poderia ser vista sob dois ângulos: social e individual. O aspecto social refere-se à “langue” que é a língua vista como um sistema abstrato, homogêneo, social e imposto pelo meio em que o indivíduo está inserido. O outro lado da moeda seria a “parole”, também conhecida como fala. A

“parole” diz respeito à utilização que o indivíduo faz da língua, ou seja, é a concretização em forma de produção oral e escrita. Ao contrário da “langue”, a “parole” é heterogênea e individual, oferecendo oportunidade de o falante fazer escolhas na hora de concretizar seu discurso.

Saussure faz levantamentos sobre o que é Lingüística e o que não é, o que interessa estudar e o que não interessa, obviamente segundo a sua teoria. No desenrolar desses estudos, ele prioriza a “langue” por ter um caráter abstrato e homogêneo. Credor da sua teoria, ele justifica essa escolha dizendo ser muito mais fácil desenvolver trabalhos sobre uma língua abstrata, do que sobre uma língua em uso com muitas variações e possibilidades no momento da prática.

Uma vez que Saussure estabeleceu a língua como prioridade nos seus estudos, ele apresenta uma outra dicotomia que irá analisá-la sob dois pontos de vista: sincrônico e diacrônico.

A Lingüística sincrônica da linguagem enfoca um período específico, ela faz ciência e passa a ser um novo paradigma. Esse momento ressaltado seria um recorte de uma determinada data da história sendo enfatizada para se realizar um estudo sobre ela. Diferente desse estudo, a lingüística diacrônica realiza um trabalho contínuo, pesquisando um tema requisitado dentro de um quadro histórico, levando em conta as mudanças e transformações que o dia-a-dia proporcionou ao elemento estudado, a língua.

Segundo Saussure, o que interessa para a Lingüística é a sincronia, justifica isso dizendo que a diacronia faz uma sucessão de sincronias. Depois de alguns estudos e leituras, pode ser dito que a sincronia foi escolhida por estar mais próxima dos olhos humanos para se realizar um estudo. Pesquisar sobre uma determinada data, colhida em meio à longa história é mais acessível do que trabalhar com todo um período histórico, uma vez que o elemento que se deseja estudar está inserido nesse vasto contexto e é algo dinâmico, que se desenvolve e se modifica a cada minuto que passa – a língua.

Dando continuidade aos estudos baseados em dicotomia desenvolvidos por Saussure, tenho o seu pensamento de que tudo na língua são relações, sendo estas divididas ou classificadas como paradigmáticas e sintagmáticas.

A relação paradigmática também conhecida como associativa é constituída por um quadro de possibilidades, ao qual o falante recorre para fazer sua opção e colocá-la em prática. O processo paradigmático diz respeito a uma relação entre elementos da própria natureza, que, quando o falante faz a opção de um, exclui, automaticamente, o

outro. É possível traçar um paralelo simples, mas que deixará essa situação mais acessível ao entendimento:

“Quando você chega em um restaurante e começa escolher o que vai comer, automaticamente, exclui outros pratos oferecidos pelo estabelecimento.”

Agora vejamos um outro exemplo:

“Aquela menina é.....”

- linda
- bonita
- maravilhosa
- especial
- charmosa e outros...

No momento em que você optar por uma das palavras, as outras são excluídas, mas continuam no plano paradigmático, podendo ser utilizadas em um outro momento.

As relações sintagmáticas, diferentemente das paradigmáticas, não são mutuamente exclusivas, os elementos que as constituem se completam.

“Maria está muito bonita.”

Nesse exemplo existe uma relação sintagmática, os termos se inteiram uns aos outros trazendo o significado desejado à tona, o qual não seria o mesmo com a ausência de um dos elementos presentes.

Entre tantos estudos realizados por Saussure, ele também conceituou como signos os elementos que constituem a língua. Esses elementos, por sua vez, constituem-se de significado e significante. O primeiro diz respeito ao conceito que cada indivíduo faz das “coisas do seu mundo”- (feixe de idéias), e o segundo se refere à imagem acústica, que se relaciona com o feixe de idéias.

Para essa concepção de linguagem, ler é apreender os sentidos que o texto oferece. A significação está no próprio texto, sendo que é ele que autoriza ou determina as possíveis leituras a serem realizadas.

Essa corrente considera a língua como um código, ou conjunto de signos que se combinam segundo regras, capaz de transmitir ao receptor uma determinada mensagem, ou seja, concebe a linguagem como meio primordial para a comunicação. Na linguagem como instrumento de comunicação, o fundamental é a descrição e a classificação das línguas, apenas considerando que a aprendizagem está condicionada a uma simples repetição sistemática de modelos pré-estabelecidos, deixando de lado a significação.

Surgiram dentro do estruturalismo outras escolas linguísticas, tanto européias quanto americanas. Cada escola se fixa em aspectos diferentes da teoria de Saussure e explora um determinado campo. Quero mencionar o conhecimento de escolas como a Glossemática, a de Praga e outras, as quais não vou me deter nesta pesquisa.

A teoria Gerativista ou Transformacional, corrente considerada por alguns como pós-estruturalista, constituída por uma teoria explicativa da linguagem, segundo o modelo idealizado por Chomsky (1973), reage aos objetivos classificatórios do estruturalismo. Essa teoria procura se colocar com características explicativas da linguagem. Chomsky (obra citada) tem como objetivo representar a competência linguística do falante. Competência essa que não apenas oferece condições de gerar frases simplificadas, mas estabelecer relações entre construções menores, que geram outras mais complexas.

É importante lembrar que o conhecimento do falante (competência), muitas vezes se contrasta com o uso que é feito. Em outras palavras, o que estou dizendo é que o desempenho do indivíduo não retrata fielmente a sua competência, uma vez que nele podem interferir fatores externos como o contexto, limitações de memória, atenção ou falta de atenção e outros.

Saussure estudava a língua como um sistema de sinais designado ao intercâmbio de idéias. Charles Bally (1967) complementou essa visão refletindo sobre o campo lingüístico, ao que ele chamou de Estilística. Bally (obra citada) vem considerar a língua como uma relação íntima e essencial com a vida e seu uso no cotidiano do indivíduo. A estilística de Bally (obra citada) é o estudo dos processos lingüísticos, que ocorrem dentro de cada sistema e segundo ele são constituídos de padrões estilísticos e de uma gramática interna.

Dentro da abordagem estilística de Bally (obra citada) são considerados itens como: concepção de expressividade, a focalização da fala diária e uma das características mais importantes é que ele considerava que um sistema lingüístico é sempre incompleto e transitório, no qual a expressividade é o que dá impulso dinâmico para a língua. Não podemos encerrar as considerações sobre a escola de Bally e deixar de ressaltar a dupla significação dele dentro da lingüística sincrônica: criou a estilística, ampliando a visão de Saussure e fez uma análise lingüística mais concisa, dando um novo conceito de sintagma e criando um instrumento valioso para o desenvolvimento da lingüística sincrônica de Saussure.

Outra escola que abordaremos é a do Círculo Lingüístico de Praga. Os estudiosos se manifestaram em 1928 no primeiro Congresso Internacional de

Linguística. O feito que repercute até hoje realizado pela escola do Círculo de Praga é o estudo sobre a fonologia que, em relação ao que estava acontecendo na época, foi surpreendente. Podemos dizer que Praga era uma escola constituída por estudiosos que tinham interesses muito vastos, literários e culturais, mas o aspecto mais desenvolvido nos seus estudos, realmente, foi a fonologia, na qual se desenvolveu a importante teoria dos traços distintivos (pertinência).

Surgiram também escolas americanas, que possuem diferenças bastante perceptíveis: Mentalismo e Mecanicismo.

Imerso no Mentalismo, Sapir (1961) busca mostrar o que era realmente pertinente nos valores funcionais da língua sem se ater à abordagem indo-européia. Para ele, a tarefa do lingüista é a análise completa da forma lingüística. Sapir (obra citada) deixa de lado o caráter coletivo e concentra suas teorias nos padrões de linguagem e no seu plano geral formal, não acreditando em uma relação casual entre elementos fonéticos e morfológicos. Ele possuiu uma influência muito forte na Linguística Americana, levantando discussões sobre assuntos relevantes como: o estudo descritivo, o impulso lingüístico e as inter-relações entre língua e pensamento.

Por outro lado, temos Bloomfield (apud Lepschy, 1971) um legítimo mecanicista. Ele se baseia na teoria Behaviorista de métodos científicos e experimentais. O nome Mecanicista existiu em função de que tudo, partindo de estímulos, era possível segundo a sua teoria. Levando em conta que o Behaviorismo é uma teoria psicológica, que explica os fenômenos mentais, analisando os comportamentos observáveis e reduzindo-os a respostas de determinadas situações - estímulos e respostas, é possível dizer que a Linguística aplicada ao Behaviorismo reduz a comunicação ao conhecido esquema citado acima - estímulo e resposta. Segundo Bloomfield (apud Lepschy, obra citada) a fala é um ato mecânico e automático baseada a um simples nível de observação.

Ao contrário do Mentalismo de Sapir (1961), que possuía uma “consciência lingüística”, o Mecanicismo se apresentava como um sistema positivista, que considera a linguagem como uma consequência natural de ações e reações. Ao utilizar o método experimental, Bloomfield (apud Lepschy, obra citada) contribuiu para os estudos de línguas estrangeiras, mas não muito para as línguas maternas, pois desprezou o princípio da criatividade do aluno, e este por sua vez corre o risco de se tornar um falante mecânico e conhecedor da língua num plano estritamente estrutural e funcional.

Frente à enorme variabilidade das respostas que um certo estímulo pode provocar, Bloomfield não aceitou a tentativa de solução mentalista, que atribuiu essa

variabilidade a um fator não-físico, ele escolheu por isso a solução mecanicista. A importância essencial das teorias de Bloomfield consiste em apresentar uma descrição rigorosa e coerentemente formalista e não psicológica dos fatos gramaticais. A lingüística americana pós- bloomfieldiana foi marcada por um caráter taxonômico, isto é, fundamenta-se no processo de segmentação e classificação dos elementos lingüísticos.

Outra escola a ser citada nesta resenha é o Funcionalismo. Os dois nomes de destaque segundo o ponto de vista lingüístico são o de Martinet (1975) e Jakobson (1971). Na realidade, não existe um grupo acabado para definirmos o Funcionalismo, por isso podemos dizer que se trata de uma linha de estudo que considera a Estrutura e a Função. Halliday (1974) também considera a língua desempenhando funções e com finalidades de responder às demandas da comunidade lingüística.

Jakobson (1971) desenvolveu estudos que merecem destaque com relação aos elementos lingüísticos isolados e a função das atividades lingüísticas em seus vários aspectos, também destacando a linguagem infantil e o signo lingüístico. Ele se opõe a Saussure, dizendo que a língua não deveria ficar envolvida apenas com o estudo das mudanças isoladas (estudo sincrônico), mas sim, ser considerada dentro de um sistema dinâmico que sofre mudanças todos os dias (estudo diacrônico). E ele vai mais além afirmando uma realidade que, hoje, admitimos ser verdadeira – não pode existir um estudo de sincronia sem diacronia.

Com relação aos signos lingüísticos, Jakobson (obra citada) os identifica a partir de dois aspectos primordiais: combinação e seleção. No aspecto fonológico, depois de alguns estudos com outros da área, ele percebeu que o fonema poderia contribuir para diferenciar os elementos lexicais significativos entre si. Junto com Bloomfield (apud Lepschy, 1971) afirmou que o fonema é um feixe de traços distintivos. É impossível negar que as teorias de Jakobson (1971) revolucionaram e influenciaram muitas áreas da lingüística.

Martinet (1975), um professor e pesquisador da língua, contribuiu muito para o desenvolvimento da Lingüística contemporânea. Os seus principais interesses foram: o da fonologia geral e descritiva, o da fonologia diacrônica e o da lingüística geral.

Entre os estudos e teorias tecidos por Martinet (obra citada) sobre a linguagem contextualizada na Lingüística geral temos: Funções da Linguagem – segundo ele todo esse processo ocorre com um propósito básico que é o da comunicação. O conceito de economia, o qual pressupõe uma concepção dinâmica da linguagem, também se tornou matéria de exploração do lingüista. Apresenta, então, a economia sintagmática e

paradigmática. Segundo Martinet (obra citada), a primeira (sintagmática) tem por função representar nexos de elementos diferenciados como exclusivos elementos inéditos. Nessa situação, a pressão é exercida pelas unidades vizinhas que constituem a cadeia do enunciado. E ao contrário da sintagmática, a paradigmática vem representar o elemento como nexos de elementos já conhecidos ou presentes no inventário.

Tratando da Fonologia Geral e Descritiva, Martinet (obra citada) reconhece que a fonologia deve preocupar-se com a interpretação de fatos fonéticos concretos e não situações abstratas. Para ele, é necessário ver os fatos fonéticos do ponto de vista da função lingüística das diferenças fônicas, e o próprio Martinet (obra citada) afirma que a lingüística funcional é toda lingüística e não somente uma parte. A neutralização, conhecida como arquifonema, também foi um dos fenômenos analisados pelo autor.

Na Fonologia Diacrônica, Martinet (obra citada) procura superar a fase essencialmente descritiva a fim de fornecer explicações das mudanças com base em princípios gerais. Ele acredita que se faz necessário procurar as características que diferenciam as línguas entre si. Uma posição bastante atual, assumida por Martinet (obra citada), foi a de que o contexto dinâmico no qual a língua está inserida é um pressuposto bem forte para justificar a necessidade de mudanças e adaptações cotidianas da linguagem. Em certa medida, explica-se também por que razão esse instrumento é levado a mudar de forma para permanecer adaptado ao uso.

Com relação ao trabalho de Halliday (1974), esse autor parte do princípio de que a linguagem é um ruído organizado e usado dentro de uma determinada situação social. É definida como som sistemático organizado. Seu principal interesse é fazer uma descrição da linguagem que, segundo ele, pode ser estudado sob três aspectos: material, estrutural e ambiental. Afirma que a linguagem apresenta níveis: de substância, forma e contexto. Pela classificação dada por Halliday (obra citada), sua teoria também é conhecida por Categorias ou Escalas.

Baseada em Suassuna (1995), para concluir essas considerações gostaria de apresentar os aspectos positivos que essas correntes nos trouxeram.

Um ponto muito importante é a preocupação com a adequação explicativa e não somente descritiva do modelo teórico que, conseqüentemente, traz uma observação mais cuidadosa em relação à intenção do falante. A linguagem em uso é privilegiada e traz um novo objeto de estudo para a lingüística- o texto. É dada uma ênfase à interação entre língua e cultura e a discussão de outras funções da linguagem vai além da informativa.

A consideração da língua oral em uso pelos estruturalistas e os estudos baseados em contato com estas, através de observações e gravações trouxeram muitos avanços para o estudo da linguagem. Embora os estruturalistas se interessassem apenas pela descrição da língua e não pelo uso desta, pregando a mecanização, estes tiveram os seus méritos no contexto histórico lingüístico, os quais até hoje acreditamos serem de extrema importância, reconhecendo-os como verdade ou nos utilizando das falhas destes para a realização de outros estudos mais aprimorados, buscando outros caminhos para o estudo da linguagem.

2.3 Relação triangular: autor, texto e leitor

A concepção de linguagem, hoje, considera a língua como uma forma social de interação. Nessa concepção, o indivíduo deixa simplesmente de exteriorizar seus pensamentos e informar coisas aos outros, ele passa a realizar ações, agir e atuar como interlocutor.

Concordando com Geraldi (1997), posso afirmar que a linguagem agora passa a ser vista como um palco de interações humanas, e por meio dela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não existiam anteriormente, tratando a linguagem como forma de ação. Em um clima rodeado de transformações e mudanças, crises e sucessos, a linguagem começa a ser vista sob um prisma diferente do anterior. A intertextualidade é muito enfatizada e chega a ser prioridade da atual tendência.

Essas mudanças não estão acontecendo do dia para a noite, pelo contrário, o estabelecimento dessa tendência pragmática é resultado de uma história vivida com erros e acertos, que juntos formam um conjunto de elementos e fatos a serem analisados para que possam contribuir para o processo da linguagem que é algo bastante dinâmico e atual, pois todos os dias apresenta mudanças práticas.

Existem dois estudiosos que podem ser indicados como marcos dessa tendência, pois suas teorias foram muito importantes no começo da pragmática.

Um deles trata-se de Benveniste (1976), que apresentou a teoria da enunciação, a qual considera o sujeito como peça fundamental no jogo da linguagem, priorizando o “eu”, dizendo que o sujeito “eu” que determina o tempo, o tu, e este “eu” só tem significação dentro de um contexto específico de fala. O sujeito “eu” só existirá se houver uma elocução, sem esta, ele é inexistente. Quando o “eu” falar ele irá instaurar um “tu”, pois ninguém passa toda a vida falando sozinho, e este “eu” também estabelecerá o agora, que é categoria de tempo que acontece na enunciação.

Benveniste (obra citada) discute a questão de a linguagem não ser apenas um instrumento de comunicação, pois ele diz que falar de um instrumento é colocar o homem e a natureza em oposição. Quando se trata de instrumento, está se referindo a uma criação-produção. O autor opõe-se a essa idéia, pois a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou, mas não pode ser visto separado dela.

A subjetividade é impreterivelmente indispensável, ela está acontecendo ao mesmo tempo em que o “eu” se apropria da linguagem para proferir o seu discurso. As condições de linguagem podem ser comparadas a um rodízio, em que o “eu” e o “tu” trocam de lugar constantemente em uma conversação. Assim, a enunciação acontece em algum momento, em algum lugar, quando alguém fala para um outro indivíduo. Nesse processo, a presença de dois indivíduos é bastante visível: o “eu” e o “tu”, sempre presentes no momento da fala, com constante troca de papéis “eu”.....”tu” e vice-versa. É importante ressaltar que o “eu” quando está com a palavra detém o poder, isso necessariamente não quer dizer que somente um dos indivíduos possua a palavra máxima, pois acabamos de dizer que essa situação pode se inverter a qualquer momento da conversação.

Benveniste (obra citada) ilustra essa estrita ligação entre o homem e a linguagem afirmando que o homem encontra no mundo outro homem falando, logo, é a linguagem que contribui para a definição do homem.

Os conceitos básicos para a teoria da enunciação se referem a :

- **enunciação** - diz respeito ao ato de usar a língua e é vista como um processo;
- **enunciado** - é reconhecido como produto que toda vez que é pronunciado é considerado diferente, não cedendo espaço à idéia de repetição de enunciados, ou seja, uma mesma frase que é dita muitas vezes:

Vou viajar amanhã.

Vou viajar amanhã.

Vou viajar amanhã.

Tem-se a mesma frase pronunciada várias vezes, porém os enunciados são diferentes (cada um foi realizado em um momento).

Outras noções indispensáveis nessa teoria são o locutor e o alocutário. O primeiro refere-se ao indivíduo que se apropria da língua e o segundo, aquele a quem o discurso é dirigido. Vale ressaltar que as condições de produção são

responsáveis pelo sentido do enunciado (tempo, lugar, papéis representados, relação social etc.).

Benveniste (obra citada) diferencia dois planos dentro desse processo: o da história e o do discurso. A história relata eventos passados e não revela envolvimento do locutor. O pronome que a identifica é a 3ª pessoa e os tempos verbais são os seguintes: pretérito imperfeito, imperfeito, mais que perfeito e futuro do pretérito.

O discurso, por sua vez, possui a intenção de influenciar o outro (o aqui e agora), as pessoas que o identificam são a 1ª e a 2ª + 3ª pessoa (eu e tu estamos falando de uma 3ª pessoa). O discurso, como plano de enunciação, tem locutor para narrar fatos, oferece outras marcas que mostram o locutor no texto e possui uma ideologia (intenção de influenciar). Os tempos verbais mais usados no discurso são: presente, pretérito perfeito composto, futuro do presente, imperfeito e o mais-que- perfeito.

Dessa forma, posso afirmar mais uma vez que a linguagem é fortemente marcada pela subjetividade, tanto que não poderia funcionar e chamar-se linguagem desvinculada do falante. Sem expressão de uma ou várias pessoas é impossível se conceber uma língua.

Desse modo, paulatinamente, vai –se passando de um sistema de língua como abstração para uma noção de língua concreta, usada no cotidiano do indivíduo. Essas metodologias cada vez mais priorizam o social, ampliando a noção de língua como um mero instrumento de comunicação para algo mais complexo. A língua passa a ser vista como algo mais do que um instrumento do pensamento e um meio para se transmitir informações: ela é concebida como forma de ação, a qual possui sempre seus fins específicos, ou seja, o indivíduo tem intenção de atuar sobre o outro (Koch, 1987).

Diferentemente dos momentos anteriores, em que se evitavam as questões de significação, agora a semântica tem uma grande importância, assim como a relação linguagem/sociedade e linguagem/pensamento. Uma das teorias que vem se interessando por esses aspectos nos dias atuais é a pragmática (conceito também designado a uma escola atual). Por meio da pragmática, desenvolvem-se os estudos da relação entre os signos e seus usuários.

Austin (1990) também contribuiu grandemente com sua teoria para os estudos da linguagem. Filósofo, com interesses voltados para a Lingüística, contrário ao que sempre os filósofos diziam que uma sentença era apenas para fazer declarações, Austin

(obra citada) faz a distinção entre sentenças performativas e constatativas (conceito que ele dá para sua nova teoria de classificação das sentenças.)

Apesar de acrescentar a classificação das sentenças, Austin (obra citada) segue a linha de Benveniste (1976), acreditando na possibilidade de acontecer uma ação por meio da linguagem.

Os atos de proferir textos são considerados performativos quando são ditos e simultaneamente a ação está sendo realizada. As marcas que caracterizam esse processo são: 1ª pessoa do singular do presente do indicativo na voz ativa e impreterivelmente são necessárias as palavras e as circunstâncias adequadas ao momento em que está se realizando a fala. Com todos esses quesitos, podemos dizer que as palavras culminam fazendo as ações. Essas circunstâncias adequadas dizem respeito a um indivíduo preparado e com autoridade para realizar específicos atos. Posso citar ocasiões como um casamento, um batismo, um juramento ou uma aposta.

*Quando um juiz diz: “Declaro a sessão aberta”, o evento começou com o proferimento das suas palavras, por isso dizemos que é um proferimento performativo.

*Quando um padre ou pastor diz : “Eu os declaro marido e mulher”, a ação de se casar aconteceu junto às palavras do padre ou pastor, pessoas preparadas e com autoridade para realizar tal ação. Se colocarmos qualquer outra pessoa na frente de um casal de namorados que diga: “eu os declaro marido e mulher” em um outro contexto que não o convencional de um casamento, esse ato não passará de uma brincadeira.

Os enunciados constatativos, por sua vez, precisam ser possuidores de uma ação para se constatar a declaração feita (como o próprio nome já sugere). Apenas dizendo, essas ações não estão realizadas, geralmente, são possuidores de verbos que servem para descrever. Quando uma mãe diz:

Veja filho; seu pai está chegando
ou
...Ah! a porta está aberta, por isso faz tanto frio.

Esses são exemplos de proferimentos constatativos, pois são verificáveis e podem ser constatados verificando se o pai, realmente, está chegando ou se a porta está aberta como foi dito.

Austin (1990) ainda apresenta dentro da sua teoria uma distinção entre os atos locucionários, ilocucionários e perlocucionários. Os atos locucionários “dizem”. Um exemplo é quando você está ocupado e grita para alguém: Olha o telefone!!! Você está dizendo para alguém atender a ligação.

Um ato ilocucionário é um “conjunto de coisas que são realizadas quando se diz algo”, tem uma determinada força convencional (informar, ordenar, avisar etc.).

E o ato perlocucionário “é o que se produz porque se diz algo”, como convencer e surpreender. Nesse nível, a intenção pode não estar declarada e o falante pode negar algo que foi dito, mas de maneira implícita, para se defender.

A teoria de Austin (obra citada) deixa claro que o contexto é fundamental, pois é o local onde as expressões de linguagem acontecem. Levando em consideração o contexto, os usos convencionais e as intenções do falante será possível realizar um trabalho mais complexo de análise da linguagem. O interesse agora passa a estar voltado para “como” a linguagem tem significado inserida nos atos de fala e quais são os efeitos e conseqüências que tais expressões lingüísticas causam em uma determinada situação.

As teorias de Benveniste (1976) e Austin (1990) muito contribuíram para o avanço e o progresso dos estudos da linguagem que, aos poucos, vão reconhecendo a necessidade de levar em consideração, cada vez mais, o indivíduo e o contexto que este ocupa.

Imersa nesse momento, a leitura passa a focalizar também o leitor. Forma-se um triângulo, em que autor, texto e leitor interagem entre si para participar historicamente no ambiente a que pertencem. O leitor passa a compreender o mundo a partir do que lê, compreende, interpreta e vive em suas leituras.

“ ... o leitor porta-se diante do texto, transformando-o e transformando-se...”
(Silva, 1983:44)

Kleiman (1998) defende um estilo de leitura, no qual o leitor forma sua própria opinião e se coloca como sujeito da leitura, aquele que pode ser considerado como proficiente, “dono” e consciente da leitura que está realizando.

Os sujeitos, os quais interagem como interlocutores, passam a ocupar lugares sociais. Essa concepção de linguagem como forma de interação apresenta uma postura diferente em relação à educação, uma vez que se coloca a linguagem como o espaço de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos.

Mais do que estabelecer classificações e denominações dos tipos de sentenças, nessa perspectiva de língua é importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento da fala.

Dentre as concepções de leitura apresentadas, as práticas de leitura, que enfatizam o domínio da habilidade de decodificar os signos escritos, ainda são as mais trabalhadas e influenciam a maior parte das leituras realizadas, principalmente nas

escolas. Infelizmente, concordando com Brandão (1992), a compreensão de um texto surge como uma consequência da habilidade de decodificar, enfatizando a compreensão literal do texto e as perguntas chamadas de “perguntas de compreensão”.

Por ser conhecedora do processo indispensável que é a leitura a um indivíduo, exponho minha preocupação a respeito de como o processo de desenvolvimento do gosto pela leitura vem sendo trabalhado com os leitores em formação. Acredito que por meio de pesquisas podemos contribuir para que realmente a leitura atue de maneira mais eficaz, levando o homem a penetrar no mundo simbólico e no universo cultural.

3. O GOSTO PELA LEITURA

“ A arte de falar aos ausentes e de entendê-los, a arte de lhes comunicar ao longe, sem intermediários, nossos sentimentos, nossas vontades, nossos desejos, é uma arte cuja utilidade pode se tornar sensível em qualquer idade”.

(Rousseau apud Cerizara, 1990:132)

Essa passagem, sobre os livros, referida por Rousseau, nos faz refletir sobre a questão de ler: Se a leitura é tudo isso que foi citado acima por que tantas pessoas dizem que detestam ler? Por que a leitura é vista com maus olhos pelos indivíduos em geral?

Concordando com Rousseau (apud Cerizara, obra citada), posso dizer que a sociedade muitas vezes constrange a criança fazendo uso da leitura de maneira não muito agradável. Em seus estudos, o autor antecipa essa afirmação ao dizer que fazer uso da leitura, a partir do momento em que o leitor sinta a necessidade pela mesma, pode ser um bom começo. Algo muito propício citado pelo autor em questão e que vem ao encontro de minha pesquisa - fatores que determinam o gosto pela leitura.

“... faça que a leitura sirva a seus prazeres, e logo ele se entregará a ela sem que você tenha de intervir”.

(Rousseau apud Cerizara,1990:132)

Dessa forma, o fator envolvido é o da persuasão, uma vez que se busca fazer o outro agir a partir do prazer. Entre tantos meios inventados e criados para desenvolver o gosto pela leitura, muitas vezes, segundo o autor pesquisado por Cerizara (obra citada), é esquecido um dos caminhos que tem grandes possibilidades de ser eficaz : o desejo de aprender a ler. Concordar com o autor é o motivo por estar desenvolvendo uma pesquisa a respeito dos determinantes do gosto pela leitura. Como diz Rousseau, *dê a criança esse desejo e todo método lhe será bom.* (apud Cerizara, 1990:133).

3.1 Gosto: como o tratamos?

São possíveis muitos caminhos quando nos referimos à questão de despertar o gosto pela leitura. Obviamente que se faz necessário traçarmos recursos e estratégias para que isso aconteça. Para que trabalhe com o desenvolvimento do gosto pela leitura é necessário, segundo Pondé & Yunes (1998), que se reconheça a leitura como uma condição indispensável ao desenvolvimento social e à realização individual. É preciso que o homem esteja convencido das vantagens de ler.

“ Carecemos de um ambiente favorável à leitura, que permita o nascimento de uma sociedade consciente das vantagens de ler...”

(Pondé &, Yunes 1998:55)

O que é desenvolvimento do gosto pela leitura e como se dá esse processo ou quais são os fatores determinantes é o motivo principal de estar dedicando este espaço sobre o “gosto” pela leitura.

Antes de expor o gosto que me proponho a trabalhar, gostaria de levantar algumas questões. Que tipo de gosto estamos nós, professores, estimulando e passando aos nossos alunos? Quais são as leituras que propomos e por que as indicamos? Tenho o direito de formar o gosto pela leitura da maneira que venho fazendo?

Essas e outras questões desse vulto precisam ser repensadas e observadas mais cuidadosamente, pois estamos influenciando na vida de muitos leitores-cidadãos. O gosto pela leitura é algo muito mais amplo do que às vezes imaginamos. O processo de desenvolvimento do gosto pela leitura é envolvido por questões sócio-político-econômicas.

Magnani (1989) acredita que ensinar a ler é atuar na formação do gosto de alunos e professores, através da leitura que é desenvolvida no cotidiano dessas pessoas. Em outras palavras, o estudo de fatores que influenciam no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura vem a ser um caminho fértil para abrir portas à formação de sujeitos leitores e, mais que isso, sujeitos leitores críticos.

3.2 É deste gosto que estou falando

Concordando com Magnani (obra citada), não estarei investigando um gosto que se refere ao sabor ou agrado, mas à principal atividade intelectual e cultural entre tantas praticadas pelo ser humano. Esse gosto não pode ser controlado ou instrumentalizado, ele é a capacidade de discriminar, discernir e tomar decisões em relação aos diversos valores que o mundo oferece. Ainda segundo a autora, é uma atividade que envolve aspectos éticos e estéticos, questionando os trabalhos mais ou menos prestigiados.

Tratando o gosto pela leitura por esse prisma, continua a autora dizendo que é uma atividade social aprendida e constituída, é o resultado de um trabalho realizado entre as diferentes leituras que o leitor tem contato. Sendo assim, atuar no gosto pela leitura é a realização de um trabalho de extrema importância para a formação de uma sociedade pensante e de sujeitos independentes, capazes de criar coisas e questionar outras previamente impostas.

Investir no desenvolvimento do gosto pela leitura é desafiar a sociedade a formar sujeitos leitores em vez de simples leitores passivos. Nessa linha de pensamento, a leitura se processa por meio da interação entre textos diversos, autor e leitor. Para Kozan (1996), o ato de ler é algo mais complexo que tem uma íntima relação com a vida. Esse ato de ler acredita em um indivíduo-leitor que não somente decodifica um texto, mas é capaz de realizar uma leitura ativa e crítica, a qual interage com o texto, resultando posteriormente em um leitor maduro.

Segundo a autora, o leitor, ao entrar em contato com o texto, traz uma bagagem de conhecimentos prévios que adquire na vivência do cotidiano. Esse conjunto de conhecimentos interage com as “pistas” oferecidas pelo texto e, então, é chegado o momento de interação entre texto e leitor. Essa interação forma um indivíduo-leitor mais crítico, ou seja, preparado para realizar os mais variados tipos de leituras que o mundo oferece, sendo capaz de optar, discernir e posicionar-se frente as mesmas.

O gosto ao qual estou me referindo é uma mesclagem de formação e subjetivismo, um pouco confuso, mas explicável. Formação porque acredito que não existe a possibilidade de gostar de algo que não conheça e em segundo lugar porque estamos tratando do processo de desenvolvimento da leitura, algo que é impossível acontecer sem interferências de terceiros (pais, professores, amigos...). Por esses motivos, digo que gosto é formação, aliás se não fosse, não teria motivo para todas essas reflexões a respeito do gosto pela leitura.

A partir de outros estudos e do dia-a-dia vejo que coisas ou pessoas influenciam fortemente na formação do gosto, não só do gosto pela leitura, mas pelos mais variados gostos que a vida proporciona. Uma vez que somos conscientes da influência que podemos ter na formação do gosto pela leitura dos muitos alunos com quem temos contato, chegamos à resposta de por quê estamos discutindo e refletindo sobre os determinantes do gosto pela leitura.

Para Silva (1998 b), a mesclagem entre criticidade, gosto e maturidade é uma postura do sujeito diante da imensa diversidade de textos que o mundo oferece cotidianamente. Concordando com os diversos autores estudados, a leitura é uma prática social, logo condicionada pela organização da sociedade, por valores da cultura do nosso país, mais especificamente falando.

Em algum momento, o leitor pode vir a pensar sobre a vantagem ou o objetivo principal em desenvolver uma pesquisa que tem a preocupação em detectar os determinantes do gosto pela leitura. Justifico a escolha deste assunto por ser conhecedora da grande diversidade de opiniões a respeito da leitura e também por

acreditar que um sujeito-leitor-crítico, segundo Silva (1998a), abala o mundo das certezas, elabora conflitos, organiza sínteses e automaticamente combate qualquer tipo de conformismo. Diante disso, decidi antes de desenvolver um trabalho a respeito do bom ou mau leitor, pesquisar os determinantes que influenciam no desenvolvimento do gosto por essa leitura tão primordial na vida de um cidadão.

Para Cerizara (1990), o vínculo existente entre a aprendizagem e o prazer são princípios básicos a serem considerados no ensino da leitura. De acordo com Morais (1996), os prazeres da leitura são diversos, lê-se para saber, compreender, refletir, pela beleza da linguagem, pela emoção, para sonhar e outras coisas mais. Prazer em realizar uma leitura é ter o direito de questionar ou concordar com o texto no momento desejado. O texto tem a capacidade de envolver o leitor, mas para isso a leitura não pode ser encarada como um dever social, maneira essa como muitas vezes a escola faz cobranças do público leitor: “O prazer é livre ou não é prazer” (Morais,1996:14).

Faz-se necessário que o leitor em formação sinta a utilidade e a necessidade de aprender a ler, mesclando o gosto aguçado pelas leituras que realiza no seu dia-a-dia. Segundo Cerizara (1990), o gosto e o interesse para se descobrir o que os mais variados textos estão oferecendo é um dos princípios básicos para se estimular no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura.

No ensino da leitura, Cerizara (1990) considera imprescindível respeitar o ritmo e os interesses de cada leitor. Se cada um tem interesses variados é necessário que ofereçamos textos diversos, porque pode acontecer o interesse de maneira diferente por um determinado tipo de texto ou outro.

4. GOSTAR DE LER E EMOÇÕES: O QUE TEM A VER?

Gottman (1997), entre outros estudiosos, reafirma o descobrimento da ciência a respeito da importância do papel das emoções na vida do ser humano. Pesquisadores verificaram que a percepção emocional e a capacidade de lidar com os sentimentos é capaz de determinar o sucesso de um indivíduo em todos aspectos de sua vida. Isso que seria prestar mais atenção, dedicar mais tempo a um sujeito em desenvolvimento ou perceber os sentimentos e ser capaz de compreendê-los é o que os estudos atuais estão determinando como “inteligência emocional”.

A inteligência emocional, segundo Gottman (obra citada), é o saber e poder controlar seus impulsos, lidar com a motivação, com equilíbrio, interpretar e lidar com todas as situações que a vida proporciona. O estudo da inteligência emocional neste momento vem a ser indispensável, pois estou propondo uma leitura emocional. Como alcançar ou proporcionar essa leitura emocional sem antes desenvolver a inteligência emocional?

Pais e professores, pessoas mais diretamente ligadas ao público leitor em desenvolvimento, podem ser considerados, segundo os estudos de Gottman (obra citada), como preparadores emocionais. Esses preparadores emocionais podem oferecer e proporcionar aos leitores obras que estimulem leituras emocionais e, consequentemente, leituras mais significativas e próximas do cotidiano do leitor.

O desenvolvimento do gosto pela leitura é rodeado pela questão emocional, pois o ser humano é um todo, que não consegue se desvincular dos seus sentimentos quando pratica a leitura. Estudiosos afirmam que o desenvolvimento afetivo-emocional, entre outros aspectos, é um crescente conhecimento de si mesmo (recursos de que se dispõem, limites e potencialidades que se possuem).

O indivíduo, quando entra em contato com textos variados, abre espaço para expressar os diferentes tipos de emoções básicas: alegria, tristeza, raiva, medo e o amor. As emoções se dividem em eufóricas e disfóricas.

A primeira classificação diz respeito às emoções que contribuem positivamente para o desenvolvimento do ser humano (alegria e amor), sendo o segundo tipo de emoções, as disfóricas, oposto à primeira classificação, e causam sentimentos reconhecidos como desagradáveis (tristeza, raiva e medo).

Este espaço parece-me bastante oportuno uma vez que, sendo professores, sujeitos diretamente ligados à questão da leitura, podemos trabalhar com obras que procuram aumentar as emoções eufóricas e outras que são capazes de diminuir as

emoções disfóricas. Um exemplo de leituras que procuram diminuir as emoções disfóricas, trazendo à tona as eufóricas são os livros de auto-ajuda. O estudo de Krashen (1982) é uma grande contribuição para a questão da influência do emocional no gosto pela leitura.

4.1 Krashen: filtro afetivo

A hipótese do filtro afetivo, estudada e analisada por Krashen (obra citada), trata-se de uma questão relevante no contexto emocional. Embora o autor a utilize na aquisição de uma segunda língua, acredito ser de grande valor para esta pesquisa.

A hipótese do filtro afetivo refere-se à “cortina mental” que existe entre o aprendiz e o ambiente e que pode ser ativada por meio dos fatores afetivos (ansiedade, carência, estímulo negativo ou positivo e outros) . Também acredita Krashen (obra citada) que esses fatores afetivos podem controlar a quantidade do insumo (amostra de linguagem oferecida ao falante) a que o aluno é exposto e a quantidade de insumo que o aluno transforma em produção.

Para receber uma mensagem se faz necessário estar “aberto” e, segundo os estudos realizados a esse respeito, o filtro afetivo é o primeiro obstáculo com que o insumo se depara antes de ser processado. No filtro afetivo se configuram as atitudes, os estados emocionais, as necessidades, a motivação do aprendiz ao aprender algo, no nosso caso, o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Para Krashen (obra citada), o filtro afetivo “abre” ou “fecha” de acordo com a nossa disposição e motivação, ou seja, se estamos relaxados e em um ambiente de estímulo e acesso agradável ao processo da leitura, o gosto por esta poderá estar sendo desenvolvido de uma maneira mais fértil. Assim como Krashen (obra citada), que dispensa parte dos seus estudos para a questão da influência da afetividade na vida do ser humano, Silva (1989), no livro *Leitura e desenvolvimento da linguagem*, afirma:

“...a leitura não gera nenhum resultado, a não ser os vividos internamente pelo leitor, afetando suas emoções, sentimentos, intelecto” (p. 14)

As diversas leituras realizadas podem proporcionar segurança pessoal em alguns aspectos da vida do leitor em desenvolvimento e também auxiliar em sua organização interna. De acordo com o nosso dia-a-dia, posso dizer que para muitas crianças a escola é o único lugar onde elas têm chance de serem reconhecidas e lembradas. Um contexto agradável e desejado pode facilitar muita coisa para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

4.2 Leitura emocional

Segundo Aranha (1992), que fez uma classificação dos tipos de leitura, existe também a leitura emocional. Essa leitura é subjetiva, que empolga o leitor e dá asas a sua imaginação.

A leitura subjetiva é aquela que o leitor se entrega “viajando” no mundo real ou imaginário que o autor criou, é aquela que as emoções afloram, quer sejam alegres ou tristes elas vêm à tona. Muitas vezes acontece algum tipo de identificação com um dos personagens, nesse momento acontece a participação da vida afetiva alheia e, conseqüentemente, as emoções ficam evidenciadas, o que às vezes não acontece na vida real.

Aranha (obra citada), que classificou este tipo de leitura, considera que o critério mais eficaz para essa situação é o gosto. Esse gostar ou não depende de motivos pessoais (desenvolvimento da inteligência emocional), de trabalhos realizados anteriormente com o leitor, que obtiveram resultados ou não e de características não definidas do texto.

Uma questão bastante interessante é que quando o leitor está inserido no texto, além do prazer, ele traça paralelos com a sua vivência cotidiana, essas lacunas dos textos que permitem acontecer essas relações entre imaginário e real auxiliam o leitor a atribuir significados e resolver conflitos internos da vida real. Os itens aqui levantados me conduzem a considerar a possibilidade de o fator afetivo ser um determinante de extrema importância no desenvolvimento do gosto pela leitura.

4.3 Motivação

De acordo com Magnani (1989:92), *pode-se aprender a ler e pode-se formar o gosto*. Por isso, um outro fator que, de certa forma, pode estar ligado à questão do desenvolvimento do gosto, dentro do processo de leitura relacionado às emoções, é a motivação.

Primeiramente é interessante deixar claro que motivar alguém é algo semelhante ao ato de persuadir. Segundo estudos diversos, persuadir é conseguir que uma determinada pessoa deseje fazer o que você quer que ela faça. E motivar é justamente conseguir que alguém faça o que você quer que ela faça.

São conhecidos os fatores que motivam os indivíduos, mas, antes de citá-los, preciso esclarecer que as pessoas são motivadas a partir dos valores que elas têm. Pfromm Netto (1987) apresenta a competência como sendo um dos fatores que é capaz

de motivar um indivíduo, uma vez que ela é um item que leva o sujeito a ser reconhecido perante a sociedade.

Um outro fator que leva um indivíduo a estar motivado é a visibilidade. Ter essa visibilidade é saber qual comportamento se deve ter para atingir um determinado motivo, é refletir antes de tomar uma atitude para que o objetivo possa ser alcançado com pleno sucesso.

Ainda como fator que motiva um indivíduo a realizar algo é citada a avaliação. Lembrando que pode ser muito perigoso confundir um processo de avaliação com um simples julgamento. Dentro da avaliação, cuidados precisam ser tomados, observações são necessárias antes de emitir uma determinada avaliação sobre algo.

Por outro lado, o que não motiva é um dos itens a serem lembrados neste momento. A recompensa não motiva, apenas ajuda a controlar o comportamento. A maneira mais comum de recompensar um sujeito é extrinsecamente. Essa diz respeito às recompensas que outros indivíduos utilizam em relação ao aprendiz, neste caso são utilizadas no relacionamento com o leitor em desenvolvimento. Isso acontece quando, por exemplo, um pai oferece um determinado presente ao seu filho se ele realizar a leitura de um determinado livro.

O desenvolvimento do gosto por leituras é encorajado por necessidades específicas e dirigido por motivações. Para Pfromm Netto (obra citada), os motivos ativam e despertam o organismo, dirigem-no para um alvo particular e mantêm o organismo em ação. Em outras palavras, é possível afirmar a relação estreita existente entre aprendizagem e motivação.

Segundo o psicólogo Pfromm Netto (obra citada), as antigas idéias a respeito da aprendizagem restringiam-se a considerar a motivação como pré-condição para a ocorrência da aprendizagem. Atualmente, a visão dessa questão mudou um pouco, acredita-se que não somente a motivação venha a ser um objeto de aprendizagem, mas que a aprendizagem gradualmente possa despertar a motivação. O autor apresenta este exemplo:

“A pessoa pode começar a aprender com um nível de motivação baixo, mas à medida que progride, que experimenta êxito e competência crescente, ou que é de algum modo beneficiada pelo fato de estar aprendendo, seu nível de motivação pode elevar-se de modo significativo”. (p.46)

A partir dessa afirmação, posso ratificar que as motivações precisam fazer parte do foco de atenção dos que estão, possivelmente, envolvidos no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura.

A estudiosa Barros (1990) diz que:

“Crianças criadas em condições de enriquecimento do ambiente têm oportunidade e estimulação acima de níveis normais. Em geral, observam-se resultados benéficos no desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e sociais”. (p.50)

4.4 Afetividade

O estudioso Piletti (1991) defende que as ocasiões e os objetos que produzem as emoções são os mais variados que podemos imaginar. Ele cita a mãe como uma das primeiras pessoas com quem a criança inicia suas experiências e diz que essas experiências alternam aproximação ou afastamento, estabelecendo uma ligação afetiva entre os sujeitos, neste caso, a mãe e a criança.

Transportando essa teoria para a área da leitura, posso sugerir que estímulos positivos por parte da mãe ou da família, em relação aos textos que o leitor em formação tem contato, podem vir a desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento de emoções agradáveis ao leitor. A afetividade de que estou tratando não diz respeito à expressão física de carinho, mas implica confiança mútua.

Vygotsky (1962) tem a afetividade como um fator imprescindível das necessidades do ser humano, pois ela influencia fortemente os pensamentos e os comportamentos de cada sujeito.

Proponho que essa afetividade mútua possa ocorrer tanto em um ambiente familiar como no ambiente escolar. Uma vez que o leitor em desenvolvimento esteja sempre rodeado por pessoas que dizem ser admiradoras de leituras, e mais que isso, sempre estejam lendo e demonstrando prazer no que estão fazendo a partir de suas necessidades sanadas, a afetividade, provavelmente, será um dos itens primordiais para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

5. FAMÍLIA: BERÇO DE LEITURAS ?

“Seu gosto traz marcas do aprendizado de leitura a partir da exposição, desde a mais tenra idade...”

(Magnani, 1989)

Considerada como um fator de contribuição para o gosto pela leitura, a influência familiar está intrinsecamente vinculada ao filtro afetivo. Para Silva (1983), “... é de extrema importância para o processo da leitura que se estabeleça uma relação entre família e escola, verificando as conseqüências destas relações para o surgimento de homens - leitores”. (p.54)

Os psicólogos, segundo Barros (1990), concordam a respeito da forte influência da família sobre os traços determinantes da personalidade de um indivíduo. Os pais e as condições dos lares moldam uma criança, no nosso caso, o leitor em desenvolvimento. É comprovado que ambientes harmônicos ou conflituosos são determinantes, por isso, não dispense a idéia de que esse mesmo ambiente seja um dos importantes determinantes do processo de desenvolvimento do gosto pela leitura.

A psicologia, segundo Silva (1983), afirma que os indivíduos e particularmente as crianças tendem a utilizar comportamento de outras pessoas como paradigmas (ambiente com livros, pessoas lendo - estimulação social). Nesse caso, é imprescindível a discussão do papel dos pais no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura.

A relação existente entre pais e escola não deve ser de dependência, mas sim de complementaridade. Segundo Chameux (1995), o papel dos pais no processo da leitura é primordial e tem a característica de contribuição para a escola; a família é uma das partes complementares do sistema educativo.

Dois fatores importantes são: o meio no qual o leitor evolui e a rede de relações positivas e negativas da sua vida afetiva. Com esses dois fatores, reafirmo o motivo pelo qual esses itens estão sendo citados neste embasamento teórico. Após as leituras realizadas, posso dizer que o ambiente familiar e a carga afetiva do leitor em formação são chaves para se abrirem as portas do desenvolvimento do gosto pela leitura.

5.1 Escrita: presença imprescindível para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Para Chameux (obra citada), o mais importante não é um livro comprado pelos pais, mas sim a maneira que o escrito vem sendo utilizado dentro de casa no cotidiano do leitor em formação. O fator essencial, segundo o autor, é a utilização - o caráter vivo

da coisa escrita. Com a nossa experiência escolar e familiar, sabemos que é muito mais produtivo poucos livros lidos e comentados do que uma estante cheia de livros, mas intocáveis.

A partir dessas observações, Chameux (obra citada) acredita que a presença do escrito é um item essencial para o desenvolvimento do gosto pela leitura, por isso ele apresenta três maneiras de trabalharmos com a escrita.

A primeira maneira de trabalhar com a escrita, e conseqüentemente estimular o gosto pela leitura, o autor conceitua como Funcional. É uma maneira de presenciar leituras por meio dos escritos e com maior facilidade poder compreender para que servem, desenvolvendo assim o desejo de ter esse mesmo acesso à escrita e posteriormente à leitura. Manusear receitas ou instruções de eletrodomésticos podem parecer simples ações, mas, segundo pesquisas, são determinantes muito eficientes para o desenvolvimento do gosto pela leitura no ambiente familiar.

Para Chameux (1995:78), “a cultura não é saber tudo, é saber onde se acham as respostas”. Ele diz que é de extrema validade que a criança, por intermédio dos seus pais, venha perceber que a leitura pode ser algo prazeroso, descontraído e ao mesmo tempo uma ocasião de trocas e de discussões. O autor termina esta etapa do Funcional dizendo que se os pais desejam que seus filhos gostem de ler, é necessário que leiam abertamente diante deles, pois o tradicional provérbio já dizia há muito tempo: “nenhuma palavra fala mais alto do que os seus atos”.

Prazer partilhado, é como Chameux (obra citada) conceitua a segunda maneira de trabalhar com a escrita. Antes deste tópico, quero lembrar que estou entrando no mérito de como trabalhar com a escrita, pois segundo a bagagem teórica que estou adquirindo, a escrita é um dos degraus do processo de desenvolvimento do gosto pela leitura. Diz o autor que é indispensável que o escrito seja também o objeto e o local de prazer, por isso ele chama este tópico de prazer partilhado - esse contato com o escrito será mais prazeroso se for estimulado por meio da partilha.

Estudiosos dizem que esse prazer partilhado deve estar presente desde bem cedo na vida das crianças. Essa é uma ocasião quando a criança ouve e se apropria de uma língua diferente, não deixando de ressaltar o desejo, que ela possivelmente terá, de ser capaz de ler as histórias sozinha.

A terceira maneira apresentada pelo autor, a respeito de como se trabalhar com a escrita, é a abertura cultural. O principal objetivo dessa etapa é formar um espírito de curiosidade em relação ao que não se conhece. Chameux (obra citada) cita essa atitude como uma condição essencial para o apetite pela leitura. Para o estudioso, isso não

acontece por acaso ou espontaneamente, é justamente o contrário: “sem uma educação sobre este ponto, isto tem poucas chances de aparecer”(p.54)

Dessa forma, apresento o ambiente familiar como uma possibilidade de ser também um dos determinantes do gosto pela leitura na vida de um leitor em formação.

5.2 Pais que mais fazem do que falam

Smith (1973) afirma que as crianças não aprendem por meio da instrução, elas aprendem pelo exemplo, e mais que isso aprendem atribuindo significado a situações essencialmente significativas.

Hoje, depois de quase trinta anos que Smith (obra citada) fez essa afirmação, a ciência está provando que a criança começa a aprender coisas desde quando está no ventre de sua mãe. Coisas como a música e gostos podem ser adquiridos quando apenas somos um feto. Uma vez que está comprovada a influência que o ambiente familiar pode ter sobre a formação de um indivíduo, por que não ter a família como uma possibilidade de ser um dos determinantes do desenvolvimento do gosto pela leitura?

À medida que a criança vai percebendo o valor e a função de se realizarem leituras, segundo Silva (1983), ela passa a sentir mais curiosidade e desejo de experimentar a ação de ler. Sabemos que a psicologia afirma que parte da aprendizagem humana é atribuída à observação do comportamento de outras pessoas, por isso, mais um motivo para acreditarmos que a exposição e a estimulação por parte do ambiente familiar pode vir a ser um item em potencial no desenvolvimento do gosto pela leitura.

No contexto familiar, o interesse demonstrado pelas atividades que o leitor vem desenvolvendo pode ser muito proveitoso para o processo do gosto pela leitura. Concordando com Chameux (1995), penso que não podemos confundir interesse com vigilância. Gostar de estar envolvido com os trabalhos do leitor em formação é uma coisa, mas ficar dia após dia fazendo perguntas desagradáveis ou repetitivas pode ter efeito totalmente contrário. Prestar atenção nas competências recém adquiridas pelo leitor vem a ser um caminho de grande fertilidade para o processo da leitura ser melhor sucedido.

5.3 Família: sociedade naturalizada

Ariès (1978) define a família como uma sociedade naturalizada, em que os pais possuem funções distintas e primordiais. Trazendo essa definição para o contexto que estamos trabalhando - determinantes do gosto pela leitura, justifico mais uma vez o fato

de os pais estarem sendo citados nesta teoria, uma vez que a maioria dos estudiosos citam a família como um item bastante forte na vida do leitor em formação.

Penso ser bastante coerente a definição atribuída à família: sociedade naturalizada. O ser humano faz construção, a família é constituída política e socialmente; segundo valores e pretensões estipulados pela sociedade. Tenho visto em pesquisas e muitos autores têm apresentado a íntima relação existente entre sociedade e gosto pela leitura, por que não acreditar que a família é a primeira sociedade que tem a oportunidade de estimular o gosto pela leitura?

6. AMBIENTE ESCOLAR+PROFESSOR+ALUNO= LEITURA?

A questão da relação existente entre professor-aluno e aluno e escola mostra-se relevante para este estudo. A interação entre professor e aluno pode promover uma apreciação positiva ou negativa da leitura. Faz-se necessário que o leitor perceba um afinamento entre teoria e prática. O encaminhamento por parte do professor para discussões, conscientização e desenvolvimento das habilidades lingüísticas é de extrema importância. Silva (1989) observa que:

“Os professores fazem a mediação entre os leitores e os livros, observando, facilitando, compartilhando, dirigindo ... qualquer descuido dos docentes pelo caminho que os leitores tentam construir em sua trajetória de crescimento será extremamente prejudicial...”
(p.49)

6.1 Relação de complementaridade

Dessa maneira, é solicitado do professor que se coloque como sujeito leitor, em vez de ser um mero observador ou gerente da situação. Quando o professor assume o papel de um supervisor ou transmissor, o aluno passa a ser um mero espectador, o qual espera passivamente o conhecimento que será “dado” para ele.

A escola nunca esteve e ainda hoje não está desvinculada das questões da sociedade, sejam estas de cunho positivo ou negativo. Segundo Silva (1983), falar em condições para o desenvolvimento da leitura é, ao mesmo tempo, colocar o problema das condições reais para o desenvolvimento do próprio homem dentro de uma sociedade concreta.

Além de tantas questões escolares ligadas à sociedade, ainda se tem conhecimento da questão do tipo de leitura oferecida ao leitor em desenvolvimento, a leitura lúdica (prazerosa, desejada) ou a acadêmica (obrigatória). A leitura lúdica pode ser reconhecida por meio das narrativas triviais e literárias, no entanto, temos um problema já antigo, mas ainda bastante sério. A escola com suas normas e regras pré-estabelecidas, muitas vezes, consegue transformar a leitura literária, que a princípio seria uma leitura lúdica, em uma leitura acadêmica. Essa leitura acadêmica, muitas vezes, acaba desestimulando e desinteressando o aluno de realizar outras leituras.

Apesar dos avanços da modernidade em relação aos meios de comunicação (rádio, TV e outros), a leitura por meio da escrita ainda é, no meio escolar, um dos veículos mais utilizados para a aquisição e transformação de conhecimento, leitura esta

que se levada a sério, com olhos críticos e reflexivos é considerada um trabalho de combate à alienação, como diz Silva (obra citada).

A história da escola tem duas concepções básicas e bastante distintas, a primeira é aquela que a escola se posiciona como conhecedora de toda a verdade e exige que o aluno que chega até ela seja como uma folha em branco, desejando ser preenchida por conhecimentos completamente inéditos na sua vida.

A segunda concepção de escola é aquela que vê a instituição escolar como ambiente de se aprender e de se ensinar. Esse processo de ensino e de aprendizagem é muito amplo, envolve questões econômicas, sociais, relações entre conteúdos e métodos de ensino, crenças e teorias. A escola nesta segunda concepção assume o papel de proporcionar interação para um processo de aprendizagem mais significativo. Ambos, aluno e escola, aprendem e ensinam nesse contexto de interação.

6.2 Relação mesclada

Apesar das diferentes estratégias utilizadas no ensino da leitura, o objetivo principal é encontrar o equilíbrio entre o útil e o desejado, ou seja, esperado pelo leitor. Muitas dúvidas pairam sobre os professores em relação ao ensino da leitura e à melhor maneira de se estimular o gosto por ela. Segundo estudos realizados por Magnani (1993), existem duas posições por parte dos professores no que diz respeito a esse processo de leitura.

O primeiro grupo insiste em indicar os “bons”. Esses bons são aqueles textos indicados pelo professor por acreditar que são extremamente importantes e úteis segundo o seu ponto de vista. Esse grupo se divide em duas vertentes: “clássico” e “ideológico”.

Na primeira vertente, o critério de seleção está intimamente ligado aos clássicos, primordiais, considerados como os melhores entre tantos livros a serem indicados e lidos e, além disso, vistos como obras que contribuem para o desenvolvimento da criatividade do leitor. Já para a segunda vertente desse primeiro grupo o critério é o ideológico. É de suma importância que se discutam temas sociais como: preconceito contra o negro, a mulher, criança e outros.

Antes de passar para o segundo grupo gostaria de abrir um espaço para colocar a questão da criatividade em pauta. A conferência intitulada Creativity, ministrada por P. Guilford em 1950, foi um impulso para os estudos relacionados à criatividade segundo Martínez (1997). O assunto passou a ser interesse de muitos estudiosos: psicólogos,

pedagogos, matemáticos, sociólogos e outros. A modernidade praticamente exige que o indivíduo seja criativo, pois essa característica passa a ser vista e reconhecida como um trunfo, se bem desenvolvida no cotidiano de cada indivíduo.

Para Martínez (obra citada) é comprometedor definir o que é a criatividade, mas a autora diz que com certeza, a criatividade, entre tantas coisas que podem defini-la, é algo que traz integração para a vida do ser humano, seria o processo de produção de algo novo, pelo menos que nunca tenha sido realizado antes pelo sujeito que está realizando agora.

A criatividade pode ser caracterizada por uma idéia, por uma estratégia de solução, objetos, por um determinado comportamento ou outros indícios que não citarei aqui. Martínez (obra citada) faz questão de ressaltar que o novo (a criatividade) precisa ser considerado em relação ao sujeito do processo criativo. O autor diz que sem negar os fatores sócio-históricos a cada dia que passa vem se comprovando que a importância das características particulares de cada indivíduo é imprescindível para o processo de criatividade.

Aqui cheguei em um ponto bastante interessante, se a criatividade está intimamente ligada as características particulares de cada indivíduo, predominantemente no que diz respeito as cognitivas e afetivas, paremos um pouco para pensar na responsabilidade que a escola tem sobre esse processo. Digo isso refletindo a respeito dos diversos anos que um sujeito passa dentro de um ambiente escolar e o contato direto que ele tem com o corpo docente das instituições de ensino. Estamos nós, professores, influenciando no processo de desenvolvimento da criatividade dos nossos alunos, sujeitos leitores da nossa sociedade?

Para o segundo grupo de professores, a leitura quantitativa vem em primeiro lugar acompanhada pela liberdade de juízos de valor, como diz Magnani (1993). Esse é o critério conhecido como “síndrome do prazer”.

E aqui faço um parênteses para dizer que, apesar de estar trabalhando com fatores que determinam o gosto pela leitura, tenho a preocupação de não cair na defesa de um simplificado e repetido gosto, mas sim discutir um gosto mais burilado e preparado para entrar em contato com os mais diversos textos que o mundo oferece. Este último grupo citado acredita que antes de qualquer coisa é preciso deixar que leia o que quiser e quando quiser.

Em qualquer um dos grupos é clara a preocupação com a formação do gosto pela leitura. Seja propondo leituras ou liberando a preferência pelas leituras é inevitável que

se realize um trabalho coerente e acima de tudo consciente. Magnani (obra citada) é extremamente sábia quando diz :

“ Pois enquanto se oferecem textos e ‘estratégias’ de leitura para despertar o gosto de ler, o aluno já está lendo e aprendendo do que lê talvez aquilo em que não tenhamos oportunidade de interferir mais tarde”. (p.43)

6.3 Peças fundamentais

Pressupõe-se que escola e professor assumam uma função fundamental no desenvolvimento do gosto pela leitura. Ambientes atualizados, em relação à literatura e professores conhecedores dessas produções literárias são pontos positivos, mas se faz necessário apurar a compreensão da importância da prática e da bagagem de vida do leitor.

A escola, por meio do professor, mediador entre leitor e livro, precisa proporcionar novas experiências aos leitores para que possam relacionar-se com novos conhecimentos, traçando paralelos com a bagagem de experiências que já possuem e, como consequência, desenvolver um gosto mais apurado pela leitura.

“...se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, a semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos”.

(Silva, 1998:69a)

Silva (1998a) diz que se faz necessário dispensarmos tempo e refletirmos sobre fatores como formação, atualização e outros, pois estes são condicionantes para que o professor goste de ler e possa ler.

Concordando com o autor, não estou aqui querendo acusar professores, mas ao contrário mostrar quão primordial é o papel que esses profissionais podem desempenhar na vida de um leitor em formação.

A falta de novidades pode resultar em uma estagnação para o processo de leitura e necessidade de desafio. É necessário estimular a prática da leitura, traçando uma diferenciação crescente de textos a serem sugeridos aos leitores em formação. Dessa forma, pode ser mais acessível o caminho à demanda e aos anseios dos leitores.

A leitura abre caminhos para a imaginação. Segundo Zilberman (1982), o ler é uma janela através da qual o sujeito pode compreender melhor o mundo e organizar as suas próprias experiências. Uma leitura intermediada pelo ambiente escolar pode

levantar discussões e gerar as mais variadas manifestações e expressões por parte dos leitores.

Ainda cabe à escola, considera Silva (1989), oportunizar tempo e espaço para a criança por meio da leitura, não pedagogizar o rumo das interpretações, mas cultivar a imaginação criadora e a sensibilidade do leitor.

Se são os professores e a escola alguns dos possíveis determinantes do desenvolvimento do gosto pela leitura, acredito que o que Ângelo (1981:10) diz é de suma importância refletirmos neste momento:

“Ler é um ato libertador. Quanto maior vontade consciente de liberdade, maior índice de leitura. Um dos efeitos da leitura é o aprimoramento da linguagem, da expressão, nos níveis individual e coletivo...”

Libertar pode ser o primeiro item da nossa reflexão. Até que ponto a escola e nós, professores, estamos proporcionando uma liberdade que ofereça prazer nas leituras que nossos alunos vêm desenvolvendo? Deixar lacunas, como desafios em nossas aulas e em nossas propostas de leitura poderia ser, segundo muitos estudiosos que estamos citando, um bom começo para o desenvolvimento do gosto pela leitura na escola.

Um efeito da leitura citado por Ângelo (obra citada) que, segundo o meu ponto de vista, é primordial dentro do contexto escolar e centro dos objetivos do corpo docente é o *aprimoramento da expressão*.

Em um dicionário, podemos encontrar o significado da palavra expressão como: “Ato de exprimir algo, fato ou o caráter.” A partir dessa definição, a importância da expressão no contexto escolar é mais acentuada, pois podemos perceber a influência direta que temos na vida de leitores cidadãos.

7. ANÁLISE

A análise dos dados foi realizada a partir dos questionários respondidos pelos sujeitos participantes de minha amostragem. Esses questionários forneceram categorias que utilizei como critério para atingir o objetivo proposto nesta pesquisa - detectar os fatores que determinam o gosto pela leitura.

As respostas dos sujeitos traçaram um caminho, que possibilitou a classificação dessas categorias que foram utilizadas como base para o desenvolvimento desta análise. As categorias dizem respeito ao tipo de ambiente escolar que os sujeitos questionados freqüentaram, quais foram os estímulos principais que influenciaram na vida desses leitores, se houve algum fato marcante em sua vida enquanto leitor, se estes indivíduos realizam, atualmente, leituras por gosto ou apenas por necessidade.

Gostaria de afirmar que tenho conhecimento de que existem outros problemas como distúrbios de aprendizagem e deficiências cognitivas que precisam ser levados em conta, mas optei pelos fatores mencionados acima por julgá-los relevantes para este primeiro momento da pesquisa, deixando em aberto outros fatores que poderão embasar um futuro trabalho.

Os sujeitos de minha amostra serão mencionados como S1, S2, S3 e assim por diante. A seguir apresento um quadro detalhando as categorias para melhor visualização e compreensão da análise:

7.1 Quadro geral das categorias (próxima página)

7.2 Do ambiente escolar ao acadêmico

Na primeira categoria, a qual diz respeito às escolas que os sujeitos freqüentaram, nos ensinos fundamental e médio, pôde ser detectado que apenas um sujeito dos entrevistados freqüentou a escola pública de 1ª à 4ª série enquanto os outros onze freqüentaram escolas privadas. Ainda no ensino fundamental, mas agora de 5ª à 8ª série, dos doze sujeitos, um fez parte de escola pública e onze de escolas privadas, não se tratando aqui do mesmo sujeito da questão. Tratando agora do ensino médio, foram observados que três sujeitos freqüentaram escolas públicas e nove freqüentaram escolas privadas; da mesma forma não se trata dos mesmos sujeitos das questões anteriores.

Foi possível perceber que oito sujeitos freqüentaram escolas privadas nos ensinos fundamental e médio, enquanto os outros quatro mesclaram este período entre escolas públicas e privadas.

Ficou bastante evidente nesta primeira categoria que a maioria dos sujeitos estudou a maior parte do tempo em escolas privadas, o que vem a ser um dado interessante se discutirmos a segunda categoria: instituições freqüentadas atualmente.

O quadro se inverteu quando tratei sobre o ensino superior, pois somente quatro dos doze entrevistados freqüentam atualmente instituições privadas, enquanto os outros oito sujeitos, todos fazem parte de instituições públicas. Um outro levantamento que pude realizar a partir desses dados colhidos é a respeito das áreas que os sujeitos atuam no momento.

O quadro começa assim: seis sujeitos atuam na área de humanas, sendo que dois freqüentaram escolas públicas e privadas e os outros quatro escolas particulares. Quando passei para a área econômica, o quadro se apresentou da seguinte forma: apenas um dos que freqüentaram escola pública e privada atua na área da economia, os outros dois dessa área freqüentaram escolas privadas.

A área de exatas apareceu apenas com um sujeito, que freqüentou escolas pública e privada, sendo que nenhum dos que freqüentaram apenas escolas privadas optou por essa área. A área da saúde é constituída por dois sujeitos que freqüentaram somente escolas privadas.

Não gostaria que fosse perdido de vista o objetivo que é, da análise dessas categorias, detectar fatores que influenciaram no desenvolvimento do gosto pela leitura. Acredito ser de extrema importância essas primeiras categorias analisadas, pois dizem respeito aos primeiros estímulos que o leitor em formação teve contato. Nesse caso,

estamos tratando do ambiente escolar de uma forma bem generalizada - ambiente público ou privado, os quais serão mais detalhados nas categorias a seguir.

7.3 Que estímulo?

A quarta categoria se refere aos fatores que estimularam a leitura nos primeiros anos escolares. Os entrevistados citaram três principais fatores como estímulo no início de suas vidas como leitores: ambiente escolar, ambiente familiar e os livros literários; alguns disseram que não houve estímulo. Quero fazer menção ao fato de que cada sujeito teve a oportunidade de citar mais de um item como responsável pelo estímulo à leitura nos primeiros anos escolares.

Os dois fatores mais citados pelos sujeitos, no que diz respeito ao estímulo nos primeiros anos escolares foram o ambiente escolar e o ambiente familiar. O ambiente escolar foi citado por sete sujeitos e o ambiente familiar por seis sujeitos.

Silva (1983) tem razão ao dizer que é muito importante que se estabeleça uma relação entre família e escola para o surgimento de sujeitos leitores. Quase se apresentou um empate entre esses estímulos, uma vez que a família e a escola são os dois primeiros ambientes, com os quais o leitor em formação tem contato e, conseqüentemente, oportunidade de ser estimulado no que diz respeito à leitura.

O item mais citado pelos sujeitos como estímulo à leitura foi a escola. Era de se esperar que esta fosse levantada pelos sujeitos, uma vez que é considerada um espaço especial e dedicado ao desenvolvimento das atividades intelectuais, entre as quais a leitura está incluída.

Apesar de todas as questões de cunho econômico, social e político que envolvem o sistema escolar serem às vezes duvidosas e até perigosas às vidas em formação, é preciso que se tenha em vista a necessidade de uma escola onde se ensina e se aprende. O ambiente escolar é o local apropriado para que profissionais conscientes assumam o papel de proporcionar interação para um processo educacional mais significativo.

Não estou aqui desejando assumir uma voz ideológica, ao contrário, quero esclarecer que não desconheço as dificuldades e as falhas existentes dentro do processo de aprendizagem e educação. No entanto, apesar de todas as debilidades existentes dentro do meio escolar, este ainda foi citado como um fator determinante no desenvolvimento do gosto pela leitura pelos sujeitos desta pesquisa.

A escola depois da família é a segunda sociedade com a qual os indivíduos têm contato. Aquela se distancia um pouco do caráter de afeto que existe dentro da família,

mas é extremamente importante, pois está inserido nesse contexto o fato de que o sujeito se desvincula um pouco dos pais e passa a tomar decisões e definir seus próprios gostos.

Como poderia deixar de ser a escola um estímulo fundamental no início da carreira dos estudantes? O exemplo dos professores e as estratégias ou metodologias utilizadas por eles são imprescindíveis, uma vez que o professor é quem assume o papel principal como representante da instituição escolar, é ele que atua diretamente no dia-a-dia com os leitores em formação. Em uma das categorias seguintes, estarei discutindo um pouco mais a respeito das metodologias utilizadas pelos professores e a função que a escola tem no que diz respeito ao desenvolvimento do gosto pela leitura.

O meio que inicia tantos outros ensinamentos sobre a vida é também o berço de leituras. É dentro do seio familiar que a criança tem os primeiros contatos de afeto e também os primeiros estímulos da leitura, fator indispensável à vida de um futuro sujeito-cidadão. O S2 diz que sua mãe lia histórias para ele na hora de dormir e que a partir do momento em que ele começou a ser alfabetizado, a família estimulava muito. Um detalhe muito interessante e curioso é a distinção que esse sujeito consegue fazer nesta citação:

“...a partir do momento que eu comecei a ser alfabetizado eu fui muito estimulado por minha mãe e meu pai, mas isso não valeu tanto o que mais valeu é o modelo deles, eu aprendi muito porque eles sempre estavam lendo na minha frente.” (S2)

Esse sujeito conseguiu perceber que o exemplo dos pais falou muito mais alto do que os conselhos a respeito da leitura. O fator que é impossível ser dispensado diz respeito à afetividade, existente nesse processo, porque a motivação de o aprendiz aprender algo se configura no filtro afetivo, que é o controlador da quantidade de insumo que o aluno transforma em produção (Krashen, 1982). Acredito que esse exemplo teve uma significação tão acentuada por serem os pais do indivíduo os modelos-estimuladores; se fossem outras pessoas, talvez o exemplo não tivesse sido algo tão marcante para ele.

Uma outra “pista” foi fornecida por outro sujeito e diz o seguinte:

“eu fui muito estimulada pelos meus pais, que não só falavam para eu ler, mas liam muito” (S3)

Esses dois depoimentos deixam bem clara a importância do exemplo dos pais a respeito da leitura dentro do ambiente familiar. A criança desde muito cedo é rodeada

por hábitos e costumes que passam a fazer parte da sua vida. As atitudes cotidianas dos pais servem como determinantes da personalidade de um indivíduo, conseqüentemente, estão ligadas diretamente também à questão da leitura.

Na parte “Pais que mais fazem do que falam” desta pesquisa, existe uma citação do estudioso Smith (1973), que é imprescindível ser lembrada neste momento. O autor afirma que as crianças não aprendem apenas por meio de instruções, mas também através dos exemplos. O resultado da questão, que se refere aos fatores que estimularam a leitura nos primeiros anos escolares, vem ao encontro dos estudos que indicam a família como meio que estimula a largada para a grande corrida da vida de um leitor.

Silva (1983) acredita que o leitor em formação, a partir da exposição e do estímulo do meio em que vive, passa a se sentir interessado e desejoso de experimentar a ação e o prazer de ser capaz de ler. O valor atribuído às leituras que são realizadas todos os dias no contexto familiar é transmitido e apreendido, uma vez que a Psicologia já afirma que parte da aprendizagem humana é atribuída à observação do comportamento de outras pessoas, principalmente com daquelas com que nos identificamos. A estudiosa Barros (1990) diz que psicólogos como Bloom, Hunt, Piaget e Bruner têm afirmado que a experiência inicial, a estimulação da criança, é a chave de seu desenvolvimento.

Concordando com Cerizara (1990), venho afirmar, com base neste resultado que estou apresentando, que a família pode e deve ser considerada uma sociedade natural, pois desempenha o papel de protagonista em relação ao desenvolvimento do gosto pela leitura, é a primeira sociedade que tem a oportunidade de oferecer estímulos aos indivíduos.

Entre os doze sujeitos envolvidos nesta pesquisa, somente um citou o livro como o fator que estimulou a leitura nos primeiros anos escolares. No entanto, muitas coisas podem envolver essa questão, pois se pressuponho que um livro seja oferecido por alguém em algum lugar e de alguma forma. Soares (1998) diz:

“Leitura não é um ato solitário; é a interpretação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social.” (p.18)

Faz-se necessário que os indivíduos que possuem esse contato mais direto com os leitores em formação observem mais cuidadosamente o papel que um livro pode desempenhar inserido em um contexto, em que as pessoas podem ou não estar sendo mais ou menos estimuladas a gostarem de ler e a se tornarem pessoas leitoras. Uma questão importante é que muitos sujeitos se lembram de pessoas lendo e de

determinadas situações, mas nesse período inicial da carreira escolar, somente o sujeito 7 citou o livro como principal estímulo à leitura.

Soares (1998) e Magnani (1989) afirmam ser a leitura algo mais que uma simples decodificação:

“Mas a leitura não é um ato isolado de um indivíduo frente ao escrito de outro indivíduo. Implica não só a decodificação de sinais... significa o encontro de um leitor com um escrito que foi oficializado (pela intervenção de instâncias normativas como a escola.) e nessa relação complexa interferem também as histórias de leitura do texto e do leitor”.

(Magnani,1989:34)

Ainda dentro da categoria quatro, dos doze sujeitos, três disseram que não se recordam de nenhum estímulo nesse período, apesar de o S9 citar o livro “Poliana” como um livro que leu e que gostaria de reler - um fator marcante.

O S6 diz o seguinte:

“Não tem nada na minha memória, não vem nada...em casa, o pessoal não é muito de ler”.

É surpreendente a declaração desse indivíduo, pois de tantas fontes supostamente eleitas para oferecer estímulo em relação à leitura, ele simplesmente diz que não houve estímulo, pois não se recorda de nada.

Esses sujeitos, de forma implícita, declaram a neutralidade ou a ausência dos outros itens citados pelos demais sujeitos. Esta questão possui os dois lados, no primeiro momento, a preocupação e o questionamento a respeito do papel familiar e escolar; onde eles se encontravam no início dos estímulos destes indivíduos em relação à leitura? Claro que não podem ser descartadas outras questões como a maturidade, o fator emocional e outros, mas é inevitável não citar que do total de entrevistados, ou seja, de doze sujeitos, 25% não se lembram dos primeiros estímulos recebidos em relação à leitura. O S9 chega a dizer que o estímulo partiu dele mesmo.

O segundo ponto deste questionamento é que com essa constatação começam a ser detectados fatores negativos para o desenvolvimento do processo de leitura. A ausência da lembrança dos estímulos escolares e familiares vem desfavorecer o gosto pela leitura. O S10 também foi um contribuinte para a descoberta deste fator negativo no desenvolvimento do gosto pela leitura dentro desta pesquisa:

“Eu acho que esse estímulo não aconteceu. Meus pais não adquiriam livros para que eu realizasse leituras e os professores não estimulavam para que isso acontecesse.” (S10)

O S10 vai um pouco mais adiante, dizendo que seus pais não adquiriam livros e que os professores não estimulavam o suficiente para que o gosto por leituras fosse despertado. A questão da metodologia irei discutir a seguir, mas o livro lembrado por este sujeito é o próximo fator.

Traçando um paralelo, entre as escolas freqüentadas pelos sujeitos desta pesquisa, nos ensinos fundamental e médio, com a questão anterior (ambiente familiar e escolar), locais mais citados como estímulos à leitura nos primeiros anos escolares, detectei algo relevante em relação a estes fatores e o tipo de escola freqüentado anteriormente.

Lembrando que cinco dos doze sujeitos indicaram dois fatores como estímulos, enquanto os outros sete citaram apenas um, foi possível perceber que oito dos sujeitos que estudaram apenas em escolas privadas, quatro citaram a família como o fator principal que influenciou nos primeiros anos escolares em relação à leitura, enquanto que os quatro que estudaram em escolas públicas também, dois citaram a família como estímulo principal neste período de suas vidas.

Obviamente que apresento um maior número de sujeitos que freqüentaram escolas privadas, mas, proporcionalmente, cheguei a um resultado equilibrado em relação ao tipo de escola freqüentado e ao estímulo citado como primordial ao desenvolvimento do gosto pela leitura no início do período escolar. Isso porque ficou claro que metade dos sujeitos que freqüentaram tanto escolas públicas e privadas quanto os que só freqüentaram escolas privadas citaram a família como estímulo inicial.

O equilíbrio encontrado na questão acima não existe em relação ao outro fator também indicado pelos sujeitos como fundamental à leitura - escola. Ao contrário do que temos sido informados e do que temos visualizado no nosso dia-a-dia, esta pesquisa apresenta um resultado com um grande disparate no que diz respeito ao tipo de escola freqüentado e o estímulo citado como primordial pelos sujeitos no início de suas vidas escolares.

Dos quatro sujeitos que cursaram parte dos seus estudos em escolas públicas e parte em escolas privadas, dois além de seus lares citaram a escola e um terceiro citou apenas o ambiente escolar. Este foi um índice altíssimo, apenas um, dos quatro indivíduos que freqüentaram os dois tipos de escola, não citou esta como fator básico para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Existe uma grande desigualdade, pois dos oito sujeitos que estudaram em escolas privadas, somente quatro citaram a escola como fator importante para o desenvolvimento do gosto pela leitura, nos primeiros anos escolares.

Sendo assim, têm-se 75% dos sujeitos envolvidos em escolas públicas e privadas citando a importância do ambiente escolar no processo da leitura, enquanto que dos que estudaram em escolas privadas, somente a metade, 50% dos sujeitos mencionaram a escola desempenhando um papel relevante em relação ao desenvolvimento do gosto pela leitura.

Talvez seja apresentado esse índice em relação às escolas privadas porque os pais desses alunos lêem mais por terem maiores condições financeiras e, conseqüentemente, se isso acontece, eles possuem melhor nível cultural.

Não irei aprofundar-me no mérito dos “porquês” de as escolas privadas não serem citadas ou reconhecidas por esses sujeitos como um dos fatores determinantes para o desenvolvimento do gosto pela leitura, pois para isso seria necessário realizar uma outra pesquisa, mas deixo aqui minha sugestão para uma futura reflexão, a respeito do tipo de estímulo que as escolas vêm oferecendo ao público que está iniciando sua carreira de leitor.

7.4 Algo especial

Um fator marcante em relação à leitura durante a vida foi um outro ponto discutido com os sujeitos da pesquisa. Os fatores lembrados pelos sujeitos foram os seguintes: metodologia do professor, exemplo dos pais, livros e alguns disseram que não se recordam de nenhum fator marcante, assim como aconteceu nos estímulos iniciais.

Dois dos doze sujeitos citaram a metodologia do professor como sendo um fator que auxiliou no desenvolvimento do gosto por leituras- S5 e o S12. O S5 estudou em escolas públicas e privadas, atualmente estuda em uma instituição pública e na questão anterior ele já havia citado como um dos itens estimuladores iniciais da leitura, a escola, além do ambiente familiar. Estou destacando o S5 por acreditar que tenha uma experiência que se destaque neste momento.

Apesar de o S5 ser o único que citou a metodologia do professor como sendo um fator marcante, penso que merece destaque, pois na questão seguinte estarei justamente tratando sobre a influência e a importância que as metodologias utilizadas pelos professores em sala de aula têm no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura.

O S5 lembra de uma prática utilizada por um dos seus professores, que era de ir todas às sextas-feiras para a biblioteca e deixar que os alunos escolhessem o livro que lhes interessasse para ler naquele momento. Parece algo simples e corriqueiro, mas a

citação do S5 revela essa situação como algo marcante e especial para ele no que diz respeito à leitura:

“E na escola nós tínhamos o momento da leitura, que era toda sexta-feira à tarde, quando nós íamos até a biblioteca, cada aluno escolhia o seu livro e lia naquele momento, isso me marcou muito”. (S5)

Acredito que essa metodologia utilizada pelo professor tenha sido de sucesso e citada por esse sujeito pela forma livre e espontânea com que foi desenvolvida e apresentada aos leitores em formação. Esse professor, provavelmente, possuía um conceito de linguagem como uma forma social de interação e essa sua atividade fez o sujeito se recordar da leitura daquele momento como algo especial e diferente.

O exemplo dos pais foi citado por três sujeitos como um fator marcante nas suas vidas em relação à leitura. No entanto há um disparate, pois seis sujeitos na questão que se refere aos estímulos iniciais citam o ambiente familiar, mas neste segundo momento, quando me referi a um fator que se destacou e marcou, somente três citaram os pais, ou seja, o ambiente familiar.

Segundo as informações dadas pelos sujeitos- S2,S3 e S5, pude concluir por que os outros que citaram o ambiente familiar como um estímulo inicial, agora não se lembram, nem aos menos citam, quando discutimos sobre um fator marcante em relação à leitura.

Os únicos sujeitos que explicitam dizendo que mais do que “mandar” ler algo ou dizer que ler é muito importante, o S2 e o S3 dizem que o que falou mais alto não foram os conselhos de seus pais, mas sim o exemplo. Eles dizem que sempre estavam vendo seus pais lendo e isto foi o que mais marcou:

“... o que valeu mesmo é o modelo deles, eu aprendi muito porque eles sempre estavam lendo na minha frente”. (S2)

“Eu fui muito estimulada pelos meus pais, que não só falavam para eu ler, mas liam muito”. (S3)

Essas citações já foram expostas anteriormente, mas é imprescindível deixar de citá-las neste momento. Mais uma vez, vem se afirmar, a partir dos dados coletados nesta pesquisa, que os pais que mais fazem do que falam são considerados como fatores determinantes para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Talvez esses pais nem tivessem consciência, na época, de quão importantes seus modelos estavam sendo para a formação do gosto pela leitura de seus filhos. Torno a

dizer que as leituras iniciais, indicadas ou proporcionadas ao leitor em desenvolvimento, precisam ser selecionadas cuidadosamente, cuidando para que as emoções eufóricas encaminhem ou proporcionem o prazer de realizar essas leituras.

Um outro fator lembrado como marcante, pelos sujeitos e, que anteriormente havia sido citado apenas por dois sujeitos, foi o livro. É necessário levar em conta que na questão anterior me referi ao período dos primeiros anos escolares, e nesta questão tratei sobre um fator marcante para cada sujeito, mas no decorrer da vida, não apenas no início da vida como leitor.

Quatro sujeitos lembram do livro como um fator marcante nas suas vidas. Alguns chegam a citar nomes (*Meu Pé de Laranja Lima, Ilha Perdida, Poliana*) e, por meio dessas referências, é possível detectar que os sujeitos se lembram de livros que foram indicados, mas não nos seus primeiros anos escolares, um pouco mais adiante, pois os livros são para uma faixa etária mais avançada. É interessante lembrar que esse é um tipo de leitura facilmente reconhecida como prazerosa, porque depois de alguns anos ainda estão na memória desses leitores.

Aqui dois fatores precisam ser levados em conta. O primeiro, que é possível que esses sujeitos não tenham citado livros indicados nos primeiros anos escolares porque não se lembram, não conseguem se recordar.

O segundo fator é um pouco mais preocupante, se considerarmos que nos primeiros anos escolares poucos livros tenham sido indicados ou pouco trabalho tenha sido desenvolvido com os livros nessa faixa etária. Digo preocupante, pois a ausência desse trabalho pode ser considerada um fator negativo para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Neste momento, não existe a possibilidade de me aprofundar nesta questão, pois seria necessário um trabalho em campo, pesquisando qual é a qualidade e a quantidade de livros indicados nos primeiros anos escolares. Apenas um questionamento. Não seria mais produtivo se o sujeito-leitor se deparasse com textos que proporcionassem prazer e despertassem interesse ao serem lidos? Penso ser um bom começo nos preocuparmos com as características de um texto, antes de simplesmente o indicarmos.

Deixo aqui minha preocupação em relação à qualidade de literatura e à quantidade de leitura com que os leitores em formação têm tido contato. Quando digo qualidade, refiro-me à possibilidade de os livros estarem sendo indicados, mas não estarem atuando com eficácia na vida dos leitores, pois não são significativos e, quantidade, porque a ausência do livro também pode ser um grande problema no desenvolvimento do gosto por leituras.

Tratando ainda dos fatores em relação à leitura, que marcaram durante a vida dos leitores, os quais participaram desta pesquisa, apresento quatro sujeitos que disseram não ter nada de relevante. Veja o que alguns deles dizem:

“Sempre foi indiferente, não tenho nenhum fato especial”. (S1)

“Não”. (S4) - Resposta bastante objetiva e direta à pergunta que fiz: “Você tem algum fato em relação à leitura que marcou?”

“Não tem nada na minha memória, não vem nada”. (S6)

“Não me lembro de nada em especial”. (S10)

Esses sujeitos, em suas respostas, citam a palavra especial. Talvez não tenham tido um fator relevante em relação à leitura porque os estímulos tenham sido frágeis e superficiais, no sentido de que todos os ambientes, pessoas e meios esperados que fossem citados como fatores marcantes, tenham sido esquivados e não citados nem lembrados pelos sujeitos.

7.5 A arte de orientar

A outra categoria que foi analisada é a que diz respeito à metodologia das aulas de língua portuguesa, mais especificadamente de leitura, que os professores desenvolviam na sala de aula dos sujeitos desta pesquisa.

Dos doze sujeitos, dois citaram a compreensão e a interpretação de texto como sendo a maneira mais utilizada pelo professor nas aulas de leitura. Uma outra estratégia utilizada pelos professores e citada pela maioria dos sujeitos, nove, é a leitura cobrada por meio de provas, resumos e relatórios. O terceiro item que faz parte desta categoria foi citado apenas por um sujeito, que diz não se recordar das suas aulas.

O primeiro fator citado pelos sujeitos, compreensão e interpretação de texto, nesta categoria, vou chamar de estímulo livre ou espontâneo. Denomino assim por acreditar que dos itens citados neste tópico este é o mais maleável, dentro do qual existem lacunas para o leitor penetrar e interagir com o texto. Essa interação age como um estímulo que aos poucos vai conquistando o leitor e mostrando as opções que ele possui como - gostar ou não gostar disso / gostar menos ou mais daquilo.

O professor, ao dispensar algum tempo com compreensão e interpretação de texto, está mostrando que possui uma visão ampla e que consegue enxergar os benefícios que esse tipo de trabalho pode trazer para o leitor em formação. Além de explicitar seu conceito construtivo de linguagem, é impossível não influenciar no processo da leitura. Atividades com características interativas e promotoras de reflexão

formam sujeitos capazes de realizar não apenas simples leituras, mas leituras mais apuradas e críticas.

Concordando com Zilberman (1989), e norteadada pelo resultado desta pesquisa, posso afirmar que leituras realizadas ou estimuladas a partir de vazios, ou seja lacunas que os textos oferecem para que o leitor possa participar, preenchendo e construindo situações, calcados em suas experiências cotidianas, são ricas fontes de estímulos ao desenvolvimento do gosto pela leitura.

Para que um texto seja significativo aos olhos de um leitor em formação, ele precisa ser vivo e, segundo Morais (1996), transmitir algo que venha se casar com as necessidades e experiências de cada leitor. Um mesmo texto pode significar coisas totalmente diferentes para indivíduos distintos, pois a literatura é vasta e criativa. O texto precisa ser envolvente e para isso alguém precisa tomar a iniciativa de expor esses textos ao leitor para que possa de maneira livre, coerente e espontânea criar seu próprio gosto pela leitura.

No outro extremo, está a leitura autoritária como um dos fatores que atrapalham o desenvolvimento do gosto pela leitura. Do total dos doze sujeitos, nove citaram cobranças de leituras por meio de provas, resumos e relatórios como algo não muito construtivo e prazeroso no que diz respeito às leituras que realizaram. Não esquecendo que este é um índice muito alto, pois significa 75% dos sujeitos que participaram nesta pesquisa.

Na fala do S3 fica clara a insatisfação dele em relação à estratégia utilizada pelo professor e, em seguida, a revolta do S9 em relação à maneira que era utilizada as leituras nas aulas de língua portuguesa:

“ Os meus professores cobravam a leitura por meio de livrinhos e depois davam provas, masinceramente, eu esperava mais”. (S3)

“As aulas de português que eu tive eram assim: você tinha que ler um livro para fazer uma prova, nenhum estímulo para ler, tanto que às vezes a gente nem lia, nós só pegávamos um resumo ou alguém que tinha lido e contava pra gente. Então neste ponto eu acho que as aulas eram bem fracas e desestimulantes”. (S9)

Quando o S3 diz que esperava mais além de provas, entendo que as necessidades e o gosto dele ficaram em segundo plano. As estratégias utilizadas pelos professores ao contrário do que se espera, motivar o aluno a gostar de ler, apenas desenvolveram um certo controle sobre a questão da leitura, sem maior sucesso quanto ao fato de gostar de ler.

O sujeito simplesmente lia para responder sobre o assunto e mais adiante receber alguma gratificação, nesse caso, uma determinada nota. O S9 apresenta maior preocupação, pois foi capaz de reconhecer e dizer que lia livros somente para realizar provas e, mais que isso, afirmou que não teve nenhum estímulo para ler.

Tantos discursos de uma leitura caracterizada por questionamentos, conscientização e liberdade são parte do dia-a-dia, Silva (1998 a); porém, faz-se necessário que mudemos algumas estratégias e atitudes em relação à metodologia usada nas aulas de língua portuguesa, consideradas um dos meios protagonistas do desenvolvimento do gosto pela leitura.

Se ainda hoje, por questões burocráticas, precisamos fazer uso de avaliações denominadas provas, nem por isso é necessário que se fique enclausurado em aspectos “conteudistas” que passam por cima de tudo, inclusive do interesse e da bagagem que o aluno possui. Muito mais importante do que os livros indicados ou conteúdos previstos são as questões do cotidiano de que o professor é conhecedor, por ser a pessoa que tem o contato mais direto com os alunos.

Necessidades e expectativas dos leitores em formação precisam ser colocadas como prioridade no sistema escolar e, para isso, o corpo docente necessita atuar com maior seriedade e compromisso. São conhecidas todas as restrições e barreiras que a classe docente encara perante a sociedade, as debilidades políticas, sociais e econômicas são grotescas, porém, esta é a nossa história e, como profissionais sérios, não podemos nos incluir nela para continuarmos esta mesma “lenda”, fazem-se necessárias mudanças, e não as do tipo panfletário, mas aquelas efetivamente conscientes e práticas.

As leituras, antes de serem indicadas, precisam ser analisadas cuidadosamente. Esta análise necessita levar em conta a faixa etária dos sujeitos que as lerão, interesse dos alunos, região, se serão leituras que proporcionaram prazer, se trarão à tona as emoções eufóricas ou apenas se serão leituras controladoras e outros itens que muitas vezes são esquecidos ou esquivados por questões “diplomáticas”. Ingerir algo não desejado ou por pura obrigação não é nada agradável, mas ainda faz parte de contextos normativos e às vezes pode causar efeito contrário do desejado.

Estou aqui sugerindo uma reflexão sobre um dos resultados desta pesquisa: provas, resumos e relatórios, pois estes, desenvolvidos sem um objetivo maior, foram citados como um dos fatores que atrapalham o desenvolvimento do gosto pela leitura. Em outra situação e contexto, poderiam ser citados como instrumentos que subsidiariam o desenvolvimento do gosto pela leitura. Se provas, resumos e relatórios forem utilizados com o único objetivo de relatar ou resumir algo que nem ao mesmo diz

respeito ao interesse dos alunos, então, de nada vale esse trabalho que não passará do campo quantitativo.

O último item citado nesta sexta categoria, que diz respeito à metodologia utilizada pelo professor, foi citado pelo S6, o qual diz não se recordar das suas aulas. Esta não lembrança é lamentável, porque pode indicar a indiferença que as aulas de língua portuguesa tiveram na sua vida ou ainda provar que é muito difícil gostar de algo que não se entende ou de algo que não proporciona nenhum tipo de afinidade com a realidade vivenciada no cotidiano. O sujeito em questão diz o seguinte:

“Não tem nada na minha memória, não vem nada”. (S6)

A atitude dos professores em sala de aula nem ao menos foi algo que incomodou, porque quando isso acontece o indivíduo cita ou critica, como outros sujeitos fizeram. Silva (1998 b) diz algo de extrema importância e seriedade a respeito da leitura, encarada como interação e uma via de mão dupla que dá e soma algo na vida de cada indivíduo:

“... a leitura é uma prática social e, por isso mesmo condicionada historicamente pelos modos da organização e da produção da existência, pelos valores preponderantes e pelas dinâmicas da circulação da cultura”. (p.21)

A leitura considerada como uma prática social precisa ser repensada e considerada a partir de vários aspectos, dentre os quais quero destacar a organização que envolve o sistema escolar. A seleção de atividades e leituras que envolvem o dia-a-dia de um leitor em formação, especificamente, dentro do contexto escolar é nada mais nada menos que uma das partes responsáveis pelo desenvolvimento do gosto por leituras, realização de leituras críticas ou não e mais que isso, segundo Silva (obra citada), esta organização escolar que envolve formação de leitores, também precisa ser compromissada com a maturidade do leitor.

Maturidade do leitor refere-se à reação que cada indivíduo tem frente à ampla extensão de textos que cerca seu meio. A metodologia desenvolvida no ambiente escolar precisa ser algo trabalhado conscientemente, com um objetivo claro a ser alcançado, não por esforços únicos, mas por um ir-e-vir que acontece entre leitor, texto, escola e mundo

7.6 Quem lê o quê?

Outro aspecto, em relação à leitura, conversado com os sujeitos envolvidos nesta pesquisa é a respeito do tipo de leitura que os mesmos realizam atualmente, com maior frequência, lembrando que alguns sujeitos citaram mais de um tipo. Do total de doze entrevistados, oito citaram as leituras referentes aos estudos, dois indicaram revistas como sendo o tipo de leitura que mais realizam no seu dia-a-dia, sendo que um destes também citou o jornal e seis sujeitos disseram que lêem de tudo um pouco.

Traçando um paralelo com a questão anterior - metodologia das aulas de língua portuguesa nos ensinos fundamental e médio, que estes alunos frequentaram, pode-se chegar a um ponto comum.

Dos oito sujeitos que disseram que só lêem coisas relacionadas aos estudos, cinco haviam dito que suas leituras, no decorrer das suas vidas escolares, foram cobradas simplesmente por meio de provas, resumos e relatórios, que tinham seus objetivos voltados para si próprios. Apenas três sujeitos que dizem se deter somente em leituras sobre sua área de estudos é que não citaram as provas, resumos ou relatórios, mas parece-me que a situação de um deles foi pior, pois disse que não se recordava das aulas, enquanto os outros dois admitem que seus professores desenvolveram trabalhos de interpretação e compreensão de textos.

Venho aqui reafirmar minha posição, queixando-me sobre a maneira como as leituras vêm sendo requisitadas dentro do sistema escolar, o qual parece estar ainda se detendo em aspectos secundários e se esquecendo das prioridades que podem de maneira mais ágil contribuir para o processo de desenvolvimento do gosto pela leitura. Kleiman (1997), sabiamente, diz que a aprendizagem da criança na escola está grande parte fundamentada na leitura, o que leva a autora a afirmar que é essencial “ensinar” a criança a compreender um texto. Um pouco adiante, Kleiman (1997) diz:

“Podemos ensinar a compreender? Evidentemente não. O papel do professor neste contexto é criar oportunidades que permitam o desenvolvimento desse processo cognitivo, sendo que essas oportunidades poderão ser melhor criadas na medida em que o processo seja melhor conhecido: um conhecimento dos aspectos envolvidos na compreensão e das diversas estratégias que compõem os processos”. (p.7)

Aproveito este momento para mais uma vez justificar a realização desta pesquisa. Conhecer os aspectos que envolvem o desenvolvimento do gosto pela leitura pode ser um caminho inicial para uma formação de leitores diferenciada e privilegiada.

Seis sujeitos afirmaram ler de tudo um pouco e que não se detêm apenas em leituras vinculadas aos seus estudos, consideradas mais necessidade do que gosto, citaram nas questões anteriores como estímulos primordiais à leitura os ambientes escolar e familiar, com exceção do S9 que disse não ter tido estímulo.

Tratando das leituras de jornais e revistas, o resultado foi o seguinte: o S1 citou revistas e o S2 citou as revistas e o jornal. Esses sujeitos se encontram em vários itens desta pesquisa. Ambos freqüentaram os ensinos fundamental e médio em escolas privadas, no momento atuam na área de humanas (ensino superior). No que diz respeito aos dois fatores mais citados como estimuladores nos primeiros anos escolares (escola e família), os dois sujeitos também se enquadram (o S1 se referiu ao ambiente escolar e o S2 ao familiar) e, quanto à metodologia utilizada pelos professores, ambos citaram compreensão e interpretação de textos.

Vale ressaltar que leituras como as de jornais, revistas, crônicas, ou seja, leituras informativas, são bastante interessantes, pois contribuem para o desenvolvimento da criatividade do sujeito, criatividade essa que já citei em um dos capítulos anteriores e volto a afirmar a sua grande importância, nos dias atuais, para o sucesso dos indivíduos.

Martínez (1997) diz que a criatividade é algo que se desenvolve de acordo com as interações que cada indivíduo possui e ambientes em que está inserido. A Psicologia afirma que a escola e a família são ambientes primordiais para o desenvolvimento da criatividade, uma vez que se acredita que a infância é a faixa etária com maiores potencialidades criativas do indivíduo, período esse que basicamente é rodeado pelo ambiente familiar e escolar.

Em relação a terem freqüentado escolas privadas pode ser uma grande coincidência, uma vez que estas no quadro geral apresentam uma defasagem, pois dos oito sujeitos que estudaram em escolas privadas, apenas dois citaram uma forma mais livre e espontânea de trabalhar com a leitura (compreensão e interpretação de textos) como a metodologia utilizada pelos professores. Por ambos atuarem na área de humanas, posso sugerir que este campo estimula e amplia o horizonte de leitura do sujeito, óbvio que para uma comprovação científica, faz -se necessário um estudo mais aprofundado.

Este pequeno levantamento traçado entre os S1 e o S2 nos mostra que o desenvolvimento do gosto por leituras não acontece nem por um ou por dois motivos, mas por uma cadeia de fatores que começam a rodear e estimular o leitor em formação e no resultado são considerados fatores determinantes dentro do processo de desenvolvimento do gosto por leituras.

“É ponto pacífico que o desenvolvimento de interesses e hábitos de leitura se faz num processo constante que se inicia com a família, reforça-se na escola e continua ao longo da existência do indivíduo, através das influências recebidas da atmosfera cultural de que ele participa”.

(Sandroni & Machado p.59)

A esta altura da análise, alguns dados começam a fornecer informações bastante claras e precisas. Novamente aparecem a família e a escola como maiores responsáveis pelo desenvolvimento do gosto pela leitura. Dos seis sujeitos que disseram ler de tudo um pouco, dois citaram em uma das questões anteriores o ambiente familiar como sendo um dos principais fatores que estimularam a leitura na faixa etária dos primeiros anos escolares. Outros três citaram a escola e um destes que lêem de tudo um pouco citou o ambiente escolar e o familiar como estimuladores iniciais da leitura.

Chameux (1995) diz, baseado em pesquisas, que mais importante do que a compra de livros, ou escritos em geral, é a maneira como estes são tratados em um ambiente, onde o leitor em formação está vivendo. Faço uso deste momento para solicitar aos colegas que trabalham diretamente com leitores em formação e seus pais, que reflitam sobre estratégias de conscientização da importância primordial que os pais e seus hábitos cotidianos têm sobre a vida e a formação de um sujeito-leitor.

Alguns sujeitos disseram explicitamente que foi muito importante ver seus pais lendo todos os dias e que isso falou muito mais alto do que se eles apenas dissessem: “filho, leia, ler é muito bom”. O S11 diz que, quando ainda estava nos seus primeiros anos escolares, a mãe o ajudava muito e que quando ele estava lendo algo e cansava, a mãe lia um pouco para ele:

“Minha mãe lia comigo, quando eu cansava ela lia um pouco”.

Estou afirmando o que Smith (1973) disse a respeito da aprendizagem, esta não ocorre apenas por instrução, mas também por exemplo. O leitor em formação precisa ver e atribuir algum significado ao processo da leitura, senão esse processo se torna algo enfadonho e sem graça.

Realmente é possível definir a família como sociedade natural. Segundo o que estamos analisando nos dados, fornecidos pelos sujeitos participantes desta pesquisa, uma das grandes desencadeadoras também do gosto por diversos tipos de leitura é a família.

Não estou aqui dizendo que se deva trazer livros prontos e só a estes os leitores terem acesso, é óbvio que não. A leitura, segundo Kleiman (1997) tem seu lado

individual e particular - leitura subjetiva, a que cada indivíduo é capaz de realizar segundo o seu conhecimento de mundo e sua bagagem de vida.

Mas, uma vez que me propus a pesquisar os fatores que determinam o desenvolvimento do gosto pela leitura, é porque acredito, segundo os dados fornecidos nesta pesquisa, ser primordial que os profissionais que trabalham com leitura sejam seus conhecedores, pois podem facilitar o desenvolvimento do gosto por leituras diversas.

7.7 Mero instrumento ou uma postura?

A oitava categoria que analisei diz respeito ao conceito e ao objetivo que os sujeitos têm em relação à leitura. Observando o que disseram em relação ao conceito e ao objetivo da leitura, tracei a seguinte divisão: conceito de leitura como um mero instrumento de comunicação ou uma forma de interação e objetivo de leitura como uma simples maneira de ampliar conhecimento ou como uma maneira de adquirir postura crítica. Por meio das informações dadas é fácil perceber a concepção de cada indivíduo em relação ao conceito de leitura:

Os indivíduos que possuem um conceito de leitura como uma forma de interação social serão identificados por asteriscos logo após a conceituação. Dessa forma, aqueles cujo conceito de leitura se refere a um mero instrumento de comunicação não estarão identificados.

CONCEITO

S1: Leitura é a ferramenta básica para a comunicação.

S2: Ler é interpretar.*

S3: Ler é crescer cognitivamente.*

S4: Leitura é conhecer caminhos diferentes.*

S5: A leitura é vital...é o princípio de tudo, se você não lê não sabe conversar.

S6: Leitura é aquilo que traz ou soma algo para você.*

S7: Leitura é um trunfo.*

S8: Ler é ter uma outra visão.*

S9: Ler é aumentar o vocabulário e os conhecimentos.

S10: Ler é interagir de uma maneira melhor com outras pessoas. *

S11: Leitura é um novo caminho.*

S12: Ler é ficar por dentro dos assuntos.

Dos doze sujeitos participantes desta pesquisa, a maioria mencionou um conceito com características de uma leitura interativa, como forma de interação social. Oito indivíduos citaram conceitos de leituras que se encaixam neste grupo - sujeitos que consideraram a leitura como forma de interação social. Enquanto quatro conceituaram a leitura somente como um instrumento de comunicação. Vou apresentar o objetivo da leitura em que cada indivíduo acredita e depois traçarei um paralelo entre os conceitos e os objetivos mencionados pelos sujeitos.

Os sujeitos que possuem um objetivo de leitura como uma postura crítica serão identificados por asteriscos, enquanto os outros não serão, assim como no conceito que apresentaram acima.

OBJETIVO

- S1: Ampliar conhecimento.
- S2: Adquirir opiniões.*
- S3: Mostrar outras visões*
- S4: Conhecer caminhos diferentes.*
- S5: Aumentar o vocabulário.
- S6: Enriquecer o vocabulário e a cultura atualizando-se.
- S7: Formar opinião.*
- S8: Exercitar e ampliar sua capacidade mental.*
- S9: Envolver-se culturalmente.
- S10: Interagir de uma maneira melhor com outras pessoas*
- S11: Tirar uma venda dos olhos.*
- S12: Melhorar o nível intelectual.

Os conceitos de leitura que não possuem asteriscos (leitura considerada como um mero instrumento) são cinco, que é um resultado favorável, pois pode ser dito que a maior parte dos indivíduos concebe a leitura de uma maneira mais séria e não apenas como um mero instrumento de comunicação. O S4 é inteiramente sábio quando diz que “ler é conhecer caminhos diferentes”, ele indica ter uma aspiração maior no que diz respeito à leitura.

Conhecer caminhos diferentes está intimamente ligado à questão da criatividade, o indivíduo quando realiza leituras viajando com sua imaginação, penetrando no universo literário, está realizando uma leitura interativa, aquela que causa estranhamento e por isso faz o sujeito pensar, criar, construir a sua própria leitura.

Igualmente se coloca o S8 quando diz que para ele “ler é ter outra visão”. Aqui dedico o reconhecimento merecido à sociedade que de alguma forma passou essa visão tão ampla e progressista do que seja ler. Em alguns dos ambientes que esses sujeitos freqüentaram ou situações que vivenciaram, isso tenha sido dito por alguém e ouvido por esses leitores em formação.

“Ler é interagir com outras pessoas de uma melhor forma”. O S10 vai ao ponto culminante e chega a citar com suas próprias palavras o conceito de leitura que almejamos e pregamos. Interagir. Interagir com pessoas, com idéias, com o mundo. Dar

sentido ao ato de ler e ver significação nessa interação é uma das maiores tarefas dos envolvidos no processo de leitura. Morais (1996) consegue expressar muito bem o que é essa leitura interativa:

“Os prazeres da leitura são múltiplos. Lemos para saber, para compreender, para refletir. Lemos também pela beleza da linguagem, para nossa emoção, para nossa perturbação. Lemos para compartilhar. Lemos para sonhar e para aprender a sonhar”. (p.12)

O objetivo da leitura foi o segundo item tratado nesta questão e aí pude observar e detectar algumas dificuldades. Enquanto sobre o conceito de leitura apenas quatro apresentaram a leitura como um mero instrumento de comunicação, no que diz respeito ao objetivo da leitura, cinco dos sujeitos citaram objetivos que consideram a leitura como apenas uma ampliação de conhecimentos.

Enquanto refletia procurando um motivo para essa diferença de valores da leitura, quando tratada pelo conceito e depois pelo seu objetivo, algo me fez pensar. Se quando pedi que conceituassem leitura os indivíduos pareciam considerar esta como interação e, logo a seguir, em relação ao objetivo, o quadro se modificou é porque esse sujeito nem ao menos percebeu essa contradição em seu discurso. Trata-se do S6 que conceituou leitura como algo que é somado para você, cujo objetivo é enriquecer o vocabulário e se atualizar.

Baseada em todos os resultados obtidos nesta pesquisa, é possível afirmar que o conceito de leitura tem sido transmitido e o indivíduo em sua carreira de leitor consegue saber o que é essa leitura ampla e interativa, mas ele ainda não tem bem discernido o seu objetivo e a sua prática. E aqui retomo a fala de Chameux (1995), que afirma ser necessário transmitirmos uma significação maior e mais explícita ao leitor, esclarecendo o porquê de se realizarem leituras, quais são os pontos favoráveis ou não de ser um sujeito-leitor.

Cinco sujeitos apresentaram objetivos de leitura estritamente ligados ao aumento de conhecimento, esquivando a interação social como um dos objetivos principais da realização de leituras dentro de uma sociedade.

Sete sujeitos apresentaram coerência quando disseram o que é a leitura e qual é o seu objetivo. Eles expuseram conceitos e objetivos de leitura amplos. Mostraram ser conhecedores de uma leitura atual, interativa que aponta caminhos, que forma opiniões e, como o S11 diz: “tira uma venda dos olhos”.

Os sujeitos que apresentaram coerência no conceito e no objetivo de leitura citaram a escola ou a família como fatores importantes de estímulo nos primeiros anos

escolares, com exceção apenas do S10 que afirmou não haver sido estimulado. O que vem confirmar o que tenho constatado sobre o indispensável papel que ambos os ambientes desempenham no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura.

Dos cinco indivíduos restantes, um citou o fator marcante na sua vida. Um apontou a escola e dois apontaram tanto a escola quanto a família como fatores estimuladores e dois não tiveram estímulo. Apesar dessas respostas pude perceber, a partir dos dados colhidos, que o livro é um dos itens que são considerados importantes no desenvolvimento do gosto pela leitura. Tanto que os sujeitos que citaram livros lidos foram capazes de lembrar o nome deles. Sandroni & Machado (1983) falam sobre o livro e a necessidade existente de pessoas ajudarem as crianças a terem contato com ele:

“A hora de ‘curtir’ um livro juntos é a hora de partilhar...o amor pelos livros não é coisa que apareça de repente. É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles lhe podem oferecer”. (p.15,16)

Ainda tratando dos sujeitos que apresentaram conceitos e objetivos satisfatórios a respeito da leitura, com exceção do S10 e do S11, todos os outros disseram que atualmente lêem de tudo um pouco. Esse é um outro fator positivo, o gosto desses leitores é variado e admite uma gama maior de textos.

O S6 apresenta um conceito interativo de leitura, mas se equivoca quando cita seu objetivo. Ele expôs objetivos que se fixam somente no fato de ampliar conhecimento e se esqueceu de que o objetivo maior da leitura é adquirir uma postura crítica perante a sociedade.

O S3 recebeu um bom trabalho em relação à leitura por parte do ambiente familiar e o exemplo dos pais como fatores que ocorreram na sua vida, mas apresentou uma falha no que diz respeito à metodologia utilizada pelos seus professores (leituras cobradas por meio de provas, resumos e relatórios, sem nenhum estímulo maior).O fato de a metodologia do professor não ter sido a esperada não foi uma barreira, pois o sujeito foi capaz de expor conceito e objetivo de leitura satisfatórios. Digo isso uma vez que se tem claro que o processo de desenvolvimento do gosto por leituras é formado por uma cadeia de fatores.

Uma vez que estou concluindo que vários fatores - (família, escola, metodologia e outros) formam o conjunto que contribui ou atrapalha para o desenvolvimento do gosto pela leitura, é de extrema importância me ater aos dados a seguir.

Os sujeitos (S6, S9 e S10) disseram não ter tido fatores que influenciaram nos primeiros anos escolares, logo, posso dizer que a ausência de estímulos por parte da

família e da escola, fatores citados pela grande maioria dos sujeitos, é um item que atrapalha o desenvolvimento do gosto por leituras.

Na questão em que tratei de fatores marcantes em relação à leitura, novamente os S6 e S10 deram a mesma resposta. Eles disseram que não tinham um fator marcante. Isso significa a ausência dos fatores citados pelos outros sujeitos em suas vidas. A metodologia ineficaz utilizada pelos professores, o exemplo dos pais não existente e os livros não presentes nos ambientes, onde o leitor em formação freqüentava, foram considerados outros fatores que poderiam ajudar, mas acabaram atrapalhando o desenvolvimento do gosto por leituras. Digo isso uma vez que os sujeitos em questão admitiram que atualmente são leitores por necessidade e não por prazer.

Quatro sujeitos (S1, S5, S9 e o S12) citaram conceitos de leitura como um único instrumento de comunicação e o objetivo de leitura como simplesmente uma maneira de ampliar conhecimentos. O conceito e o objetivo apresentados por esses sujeitos não condizem com as expectativas de uma leitura interativa, livre e espontânea que contribui para o desenvolvimento de leitores-críticos.

Quando o S1 citou o ambiente escolar como um estímulo à leitura, disse que seus professores desenvolviam trabalhos de interpretação e compreensão de texto, mas quando foi pedido que ele citasse algo marcante em relação à leitura no decorrer de sua vida, ele não se lembrou de nada. Esta não lembrança pode ser atribuída ao tipo de estímulo frágil e superficial já citados anteriormente, os quais existem, mas não são eficazes o suficiente para contribuírem para o processo de desenvolvimento do gosto pela leitura.

O S5, por sua vez, que citou os ambientes escolar e familiar como fatores positivos, também fez menção à metodologia utilizada pelo professor, além do exemplo dos pais, quando foi questionado sobre um fator marcante, mas logo a seguir se contradisse quando afirmou que seus professores cobravam leituras por meio de provas e resumos sem nenhum tipo de estímulo maior. Essa pode ser uma justificativa para a conceituação decodificativa e o objetivo com o único intuito de ampliar conhecimentos apresentados pelo sujeito.

Nos primeiros anos escolares, o S9 disse que não teve maiores estímulos e que as leituras eram solicitadas somente por meio de provas e resumos. Essa ausência de estímulo, tanto por parte da família quanto por parte da escola e a maneira utilizada para solicitar as leituras, justificam porque esse sujeito apresentou um conceito apenas decodificativo de leitura e um objetivo restringindo ao aumento de vocabulário e de conhecimento.

O último sujeito a ser citado nesta categoria de conceito e objetivo de leitura será o S12. Ele disse que apenas fazia provas a respeito dos livros e que nos primeiros anos escolares seus pais e professores estimulavam, mas ele não queria nem saber:

“Na escola eu recebi dos professores, em casa dos meus pais, mas eu nunca gostei de ler. não adiantava eu dormia. Não tem nada de especial”.

É óbvio que não são todos os que foram estimulados que são amantes da leitura, isso por questões particulares de cada indivíduo, mas uma vez que é comprovado que se expostos ao estímulo, os indivíduos têm grande probabilidade de se tornarem sujeitos-leitores, a ausência do estímulo acaba atrapalhando o processo de desenvolvimento do gosto pela leitura.

7.8 Obrigação ou prazer?

A causa da leitura realizada, atualmente, pelos indivíduos participantes desta pesquisa, foi a nona e última categoria analisada. Classifiquei os sujeitos em dois grupos: o primeiro diz respeito àqueles que lêem por prazer - porque gostam e o segundo grupo é constituído por indivíduos que lêem apenas por necessidade - por obrigação.

Sete sujeitos disseram que lêem porque gostam enquanto os outros cinco afirmaram que lêem por extrema necessidade. No grupo dos que lêem por prazer se encaixaram os seguintes sujeitos: S1, S2, S3, S7, S8, S9 e o S11 e no grupo dos que lêem por obrigação estão os sujeitos: S4, S5, S6, S10 e o S12.

A partir dessa divisão, passei a observar mais cuidadosamente a declaração que cada indivíduo fez dizendo gostar ou não de ler. Quero lembrar ao leitor que esta foi uma das questões traçadas para auxiliar na pesquisa dos determinantes pelo gosto de ler e que meu objetivo principal não era detectar quem gosta ou não de ler, mas sim o que levou esses indivíduos a concluírem que lêem por prazer ou não.

O S1 embora tenha citado o livro como um dos recursos utilizados por seus professores para desenvolver o gosto pela leitura, declarou sua insatisfação em relação aos estímulos que recebeu em relação ao desenvolvimento do gosto pelo ato de ler.

Esse sujeito citou apenas uma vez em todo o nosso questionamento que sua mãe conversava com ele sobre leitura, ressaltando que ele se lembrou de citar sua mãe porque perguntei duas vezes a respeito das pessoas que estimularam nos seus primeiros anos escolares. Pode ser que essa ausência da família, no que se trata do estímulo à

leitura, que foi tantas vezes citada por outros sujeitos, tenha colaborado para este sujeito ainda não ter bem claro o conceito e o objetivo de uma leitura interativa e construtiva, embora tenha declarado que, hoje, gosta de ler.

O S2, por meio dos dados que nos forneceu, pôde mostrar alguns fatores que contribuem para o desenvolvimento do gosto por leituras. Em duas questões, esse sujeito citou o exemplo dos pais como um grande estímulo e motivo de ele gostar de ler hoje. Ele frisou bem que o que mais valeu foi o exemplo dos seu pais e não o que eles diziam para que ele fizesse. Esse sujeito também citou um trabalho livre e interativo como metodologia utilizada por seus professores, o que pode contribuir para que ele se torne um sujeito-leitor. Nas últimas questões, nós podemos destacar a sua postura crítica enquanto leitor. Quando me referi a que tipo de leituras ele realiza hoje, ele disse ler de tudo um pouco e inclusive fez lembrança de não ler somente porque alguém disse para ele ler:

“Eu não sou assim ... vou ler porque o curso está direcionando, não, eu leio porque eu gosto”. (S2)

Outra coisa que deixou transparecer a postura crítica e a visão interativa de leitura que esse sujeito possui foram as respostas que ele deu em relação ao conceito e ao objetivo da leitura:

“Ler é interpretar... quanto mais você lê, você adquire mais opiniões...eu acredito que a leitura muda a pessoa, eu acho que a leitura faz a pessoa crescer...”. (S2)

O S3, embora tenha dito que a metodologia utilizada por seus professores tenha sido sem maiores objetivos de interação, ele citou várias vezes o estímulo e o exemplo por parte dos pais, o que provavelmente o auxiliou a adquirir um conceito de leitura amplo e um objetivo produtivo. Conceito e objetivo estes que mostram que esse indivíduo considera a leitura como algo especial :

“A leitura para mim... mostra outras idéias e outras visões”. (S3)

Na questão seis, o S4 declarou que a metodologia utilizada por seus professores se restringia às leituras cobradas por meio de provas e resumos. O sujeito neste momento disse não se lembrar de nada ou de nenhum fator marcante da sua vida no que diz respeito à leitura. Embora tenha tido essas lacunas no estímulo à leitura, ele diz ler

de tudo um pouco e declara conceito e objetivo de leitura coerentes, apesar de se considerar um leitor por necessidade.

O S5, no início da sua carreira como leitor, disse ter sido muito estimulado por seus pais e na escola. Ele chegou a citar uma prática de um dos seus professores, o qual levava os alunos para a biblioteca e deixava que cada um escolhesse um livro para ler naquele momento - “momento da leitura”, denominado pelo sujeito em questão. Essa situação parece ter mudado, pois quando tratamos das aulas de 5ª à 8ª séries e as do ensino médio, o sujeito apresentou uma situação oposta. Nesse segundo momento, ele disse que tinham aulas de interpretação de textos, mas quem fazia essa interpretação era a professora e não os alunos.

Essa quebra de estímulo parece ter sido muito prejudicial, pois o sujeito declarou que atualmente, na prática, só realiza leituras relacionadas aos estudos, o que ele trata por “obrigação” e também apresenta conceito e objetivo de leitura voltados somente para um trabalho decodificativo. Quando abordamos o fato de gostar ou não de ler, ele disse que está querendo mudar, pretende ler mais, o que implica que atualmente ele não gosta muito de ler.

“Este ano eu estou querendo mudar, comecei com um livro...” (S5)

O S6 apresenta um resultado, no que diz respeito a gostar de ler ou não gostar de ler, coerente com as suas respostas anteriores. Ele disse não ter tido estímulo nem da família nem por parte da escola nos primeiros anos escolares. Conseguiu apresentar um conceito de leitura interativa, mas não foi capaz de fazer o mesmo em relação ao objetivo da leitura e acaba dizendo que praticamente só lê coisas relacionadas aos seus estudos - leitura por necessidade.

O S7 não citou a família como um estímulo à leitura e, embora tenha citado as provas como a forma de avaliação de leituras, lembra da escola como um veículo importante de estímulo para leitura e, ainda acrescenta os livros que, segundo as outras categorias analisadas, foi o estimulador principal para que este indivíduo desenvolvesse o gosto por leituras. O livro foi lembrado por esse sujeito na questão que se refere aos estímulos iniciais e também na questão que tratamos sobre o fator marcante em relação à leitura.

Como resultado do estímulo realizado pelo grande número de livros que o sujeito disse ter lido, ele fala que hoje lê de tudo um pouco e apresenta o conceito e o objetivo de leitura bastante coerentes para uma pessoa que disse que gosta de ler:

“Hoje em dia se estiver parado na frente da TV eu pego uma revista para ler ao mesmo tempo, eu me interessava mais pela leitura do que assistir TV”. (S7)

O outro sujeito que apresentou a escola e também os livros como um dos seus estimuladores à leitura foi o S8. Ele não citou a família em momento algum e disse que suas leituras eram cobradas por meio de provas e resumos, mas disse que lê de tudo um pouco e apresentou conceito e objetivo de leitura satisfatórios.

Embora dissesse que lia revistas, jornais e tenha citado alguns livros, ele esperava mais do estímulo recebido e disse que lê essas coisas, mas não livros inteiros:

“... mas não foi um estímulo muito acentuado, foram coisas básicas como fazer um trabalho, mas não leio livros inteiros”.

Facilmente é possível perceber que o estímulo por parte da escola foi realizado, pois o sujeito deixa isso bem explícito, embora tenha se queixado da maneira como este estímulo foi trabalhado, como ele mesmo disse: “básico”. Volto a enfatizar a necessidade de realizarmos trabalhos mais sólidos, menos superficiais e frágeis, pois eles, com certeza, influenciam muito no desenvolvimento do gosto por leituras.

O S9 disse não ter tido estímulo da sua família nem da escola no que se refere à leitura. Expôs sua insatisfação em relação à maneira como eram trabalhados os textos, mas ele citou um livro, embora não dissesse quem o indicara. O que quero ressaltar é o papel importante que os livros têm no desenvolvimento do gosto por leituras. Além desse sujeito, outros também citaram os livros, embora não muito satisfeitos com a atuação da família e da escola.

Estou aqui sugerindo que apesar das falhas na metodologia dos professores e dos ausentes exemplos de pais como leitores, os livros têm conseguido alcançar um dos seus objetivos- ser um fator que determina o gosto por leituras.

“Se a gente acredita que o livro pode dar um prazer enorme à criança, sem dúvida um conclusão lógica dessa crença está no fato de que, se a criança tiver acesso ao livro, vai se interessar por ele”. (S9)

Observei uma postura muito parecida entre os S6 e o S10. Ambos disseram não ter tido estímulo nos primeiros anos escolares. Uma diferença ocorre quando se referiram à metodologia utilizada pelos professores, o S6 disse que não se recorda como eram as aulas, enquanto o S10 disse que suas leituras eram cobradas por meio de provas e resumos. Ambos disseram que as leituras que realizam atualmente são voltadas para questões acadêmicas.

Além de tudo, o S10 apresentou um conceito satisfatório de leitura e conseguiu mostrar um objetivo de leitura amplo e de interação, postura diferente à do S6. Todas essas lacunas, apresentadas no desenrolar do processo de desenvolvimento do gosto por leituras desses sujeitos, acabam atrapalhando e ambos, como consequência, se consideram leitores por necessidade e não por gosto.

O S11 recebeu estímulo dos pais e da escola. Disse que o livro foi um fator marcante na sua vida e foi capaz de apresentar conceito e objetivo de leitura satisfatórios, segundo os mais recentes estudos a respeito do que seja a leitura e para que serve, qual é o objetivo dela na vida de um indivíduo. Embora se considere um indivíduo que gosta de ler é possível perceber uma contradição, pois ele disse que realiza somente leituras voltadas para o âmbito acadêmico, o que segundo estou desenvolvendo é considerada uma leitura obrigatória e restrita.

Esse é um caso de leitor, que denomino como leitor teórico, ele sabe o que é ler, é conhecedor dos objetivos da leitura, mas a prática não condiz com o que fala. Ao contrário de alguns que disseram que gostam de ler e lêem de tudo um pouco, ele apenas realiza leituras que se encaixam no espaço da obrigatoriedade.

Os dados apresentados pelo S12 são coerentes desde os estímulos iniciais em relação à leitura até o resultado que esses fatores desencadearam. Ele disse que seus pais e na escola falavam “leia, é muito bom ler...mandavam, mas eu não lia”. Esse sujeito se recorda da metodologia de alguns professores em relação à leitura, dizendo que eles pediam para que fizessem resumos.

As consequências dos fatores que determinam o gosto pela leitura terem sido desenvolvidos de forma não muito coerente ou, quem sabe, muito superficialmente são muito sérias e visíveis nas respostas que o sujeito apresentou ao questionário. Ele disse que lê o básico que pedem na faculdade, mas que agora “até” que está gostando de ler - “...estou me interessando mais”.

Na verdade, está buscando o caminho da leitura. Mesmo com o conceito e o objetivo de leitura situados simplesmente no campo da decodificação, ele demonstrou a necessidade que está tendo de ler uma diversidade maior de textos.

Quer sejam leitores privilegiados, por terem tido a oportunidade de se relacionarem com um grande número de estímulos e fatores que contribuem para o bom desenvolvimento do gosto pela leitura, quer sejam carentes pela ausência desses fatores e estímulos, todos possuem perspectivas amplas e profundas em relação ao papel da leitura nas suas vidas. Todos, em algum momento da pesquisa, demonstraram o

reconhecimento da grande significação da leitura para um desenvolvimento mais próspero e produtivo de um indivíduo inserido na sociedade.

7.9 Categorias em destaque

A partir dos questionários, respondidos pelos sujeitos que participaram nesta pesquisa, foi realizada a análise dos dados. As categorias que serviram como critério para alcançar o objetivo principal proposto - detectar os fatores que são determinantes para o processo de desenvolvimento do gosto pela leitura, nortearam o caminho que procurava a identificação desses fatores.

Sei que existem outros fatores que influenciam no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura, que não tenham sido citados pelos sujeitos envolvidos neste trabalho. Porém, levando em consideração a amostragem que constituiu o campo de pesquisa desta dissertação, foi possível verificar alguns fatores primordiais que contribuem ou atrapalham o andamento do processo de gostar ou não de ler. A análise se deteve em observar dois tipos de fatores, cujos papéis são opostos dentro do processo da leitura: fatores que contribuem para o bom andamento do desenvolvimento do gosto pelas leituras e fatores que lesam esse processo.

Felizmente, ficaram bastante visíveis alguns itens que estimulam um gosto por uma leitura que promove prazer, construção e interação entre os leitores, textos e mundo. Fatores esses que não estimulam um gosto fiscalizado ou administrado segundo interesses da sociedade.

Questões que trataram das escolas frequentadas, emoções X leitura, ambientes familiares e metodologias possibilitaram discernir fatores que colaboram para a formação de um leitor, que sabe tomar decisões frente aos diversos textos que o cotidiano oferece.

O gosto por leituras, sem sombra de dúvidas, é uma atividade desenvolvida a partir também dos estímulos que nós formadores de cidadãos temos condições de proporcionar por meio do contato no cotidiano através do sistema educacional. É o resultado de uma grande gama de situações, ambientes e fatores que envolvem o leitor em formação. É consequência de um estímulo menos ou mais acessível, frágil ou mais aguçado.

É impossível dizer que apenas um dos fatores analisados dá conta de realizar um trabalho completo em relação ao desenvolvimento do gosto pela leitura. Por terem sido os dois fatores mais lembrados pelos sujeitos, reafirmo que a escola e a família precisam

caminhar no mesmo trilho. A leitura é um dos alicerces para a aprendizagem, faz-se necessário que desenvolvamos trabalhos mais sólidos atendendo de uma maneira mais ampla e profunda as necessidades e as expectativas dos leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A origem desta pesquisa se deu com o objetivo de investigar os fatores que contribuem ou atrapalham o processo de desenvolvimento do gosto pela leitura. Essa questão foi selecionada, entre tantas, porque é bastante comum ouvir distintos comentários a respeito do processo de leitura, alguns desses relatos explicitam o gosto aguçado pelo ato de ler, enquanto outros declaram o repúdio que possuem em relação às leituras que realizam.

O questionário desenvolvido, o qual resultou em histórias de vida, abrangeu desde questões iniciais do contato com leituras no ambiente escolar até fatores externos a este contexto (amigos, lar). Esse instrumento de pesquisa facilitou a observação cuidadosa dos fatores citados pelos sujeitos como primordiais no processo do gosto pela leitura e, posteriormente, a análise desses fatores, o que culminou no alcance do objetivo traçado para esta pesquisa.

No que diz respeito à primeira questão (escolas freqüentadas anteriormente), dos sujeitos, questionada, a maioria freqüentou somente escolas particulares. De um modo geral, explicou fatores que estão mesclados no desenvolvimento da leitura, embora não sejam todos considerados positivos, os quais os levou a admitir que hoje são leitores por prazer pelo “gosto” por leituras e não por obrigação.

Por esse grande número de sujeitos participantes terem feito parte de seus estudos em instituições privadas, nos ensinos fundamental e médio, deixo aqui o reconhecimento de que algumas dessas escolas estão trabalhando com fatores que contribuem para o bom desenvolvimento do gosto pela leitura e procurando desenvolver um trabalho, o mais próximo possível, de formar sujeitos leitores críticos e, acima de tudo, conscientes e indivíduos que assumam as leituras que realizam, aceitando ou questionando os mais diversos textos que o mundo oferece.

Por estarem todos os sujeitos envolvidos nesta pesquisa cursando o ensino superior, faz-se necessário que eu ressalte as instituições públicas e privadas nestas considerações finais. A maioria dos sujeitos pesquisados, que acreditam que a causa atual da leitura, que realizam hoje, é o “gosto” fazem parte de instituições públicas, enquanto os demais, que admitem realizar leituras somente por necessidade, freqüentam instituições privadas. Por esse resultado apresentado, as instituições públicas, de ensino superior, estão adiante das privadas, no que diz respeito ao processo de leitura, pelo menos no universo aqui delimitado. É imprescindível considerar, desse modo, a instituição atual como um dos fatores que contribuem para o gosto pela leitura.

Foi possível constatar por meio da análise realizada que os dois fatores mais citados no processo de desenvolvimento do gosto pela leitura são a escola e a família. Tanto a família quanto a escola foram lembrados pelos sujeitos participantes como fatores primordiais para que desenvolvessem o gosto pela leitura, portanto um fator motivador.

A família é o berço que embala as atividades iniciais dos indivíduos e tem a oportunidade de estimular desde questões físicas, emocionais até as intelectuais de cada sujeito. Isso não vem servir como regra básica para todos os sujeitos e em todos os contextos, pois afinal, cada indivíduo é possuidor de características genéticas próprias e se constitui um sujeito com maturidade com uma mesclagem de itens genéticos e ambientais, os quais constituem um todo, sendo impossível qualquer um dos dois constituir sozinho um indivíduo.

Esta primeira sociedade de cada indivíduo, a família, foi descrita a partir de peculiaridades, as quais constituíram situações marcantes nas vidas dos leitores, participantes desta pesquisa. Acima de tudo, o exemplo falou mais alto do que o conselho. Muitos sujeitos indicaram como fator marcante das suas vidas, em relação à leitura, o ler cotidiano dos seus pais. Chegaram a explicitar que o que mais valeu foi o modelo dos pais, que liam todos os dias e não só falavam para eles lerem.

Dedico este espaço aos pais que possam ler esta pesquisa e que procuram contribuir para o bom andamento do desenvolvimento do gosto pela leitura. Depoimentos verídicos validam a importância afetiva e conseqüentemente produtiva que os pais podem vir a despertar em seus filhos por meio da leitura. Uma vez que acredito em um ato de ler que liberta o homem das armadilhas da sociedade e no outro extremo, essa mesma leitura, o insere nesse ambiente social, solicito um cuidado especial e detalhado por parte dos pais que esperam contribuir para um fértil processo de desenvolvimento do gosto pelo ato de ler, por serem fatores motivadores.

Como na maioria das situações da vida real, as coisas possuem um lado positivo e outro negativo, o resultado deste trabalho não poderia ser uma exceção da realidade, uma vez que o assunto está intimamente ligado ao cotidiano do ser humano. A falta de estímulo por parte da família e o extremo dessa privação, em relação à leitura, resultam em um problema, o qual é exatamente o contrário do que foi citado no parágrafo anterior: a ausência da presença familiar.

Esse afastamento de estímulo, carência de exemplo e modelos ausentes no dia-a-dia do leitor, foi detectado como um fator negativo dentro desse processo analisado.

Alguns sujeitos declararam que essa ausência foi um fator prejudicial para o desenvolvimento do gosto pela leitura:

“... o pessoal lá em casa não é muito de ler” (S6)

“...lá em casa ninguém gosta muito de ler” (S9)

“... meus pais não adquiriam livros para mim...” (10)

Por ter sido a ausência dos pais citada por mais de um sujeito como um fator que atrapalhou o processo da leitura, fica claro que se faz necessária uma reflexão sobre a prática dos lares em relação à leitura. Se está comprovada a forte influência dos pais sobre os filhos leitores, em formação, quero neste momento deixar os exemplo dos pais que contribuíram positivamente, com o objetivo de procurar sanar as dificuldades dos pais que não conseguiram como resultado esse mesmo quadro de caráter produtivo.

Ler para os filhos, desde muito pequeninos, parece um situação bastante simples e, na realidade ela é, apesar de ser algo singelo é de uma grande significação e traz conseqüências para a vida. A aquisição de livros pode ser algo marcante e expressivo para o leitor em formação, acima de tudo não pode ser esquecido o caráter da família como uma primeira sociedade para os indivíduos, aquela que proporciona as situações iniciais da vida, que dá exemplos sobre os paradigmas construídos e estabelecidos pela sociedade, ela tem a oportunidade de proporcionar uma formação libertadora e consciente por meio também das leituras.

O fator que conquistou o primeiro lugar desta pesquisa, por ser o mais indicado pelos sujeitos como primordial para o desenvolvimento do gosto pela leitura, foi a escola. O ambiente escolar é freqüentado desde muito cedo e por muito tempo. Seria utopia a escola não ser considerada fundamental para o processo da leitura. O ato de ler é um dos itens trabalhados e desenvolvidos pelo sistema escolar, pelo menos deveria ser um dos primordiais nesse contexto. Durante mais ou menos onze anos, o leitor tem contato com os diversos textos que são apresentados das mais variadas formas pelos diferentes professores que constituem o sistema educacional.

A escola é um fator de extrema importância pois possui as condições para contribuir para o processo da leitura da mesma maneira que, se não levadas a sério, essas condições e situações vivenciadas, no contexto escolar, podem jogar por terra todas as chances de desenvolver um trabalho fértil com o leitor em formação.

Convencer alguém de algo é fácil quando esse indivíduo percebe que você acredita naquilo que prega e defende em todas as situações. Enxergar os benefícios e o

prazer que a leitura pode proporcionar faz parte dos estímulos positivos que precisam atingir os leitores.

A principal razão de estar levantando esse questionamento neste momento é despertar uma reflexão sobre a nossa atitude como professores. Como os nossos alunos nos vêem? Acreditam que somos leitores assíduos? Conseguem distinguir o tipo de leitura que desejamos que ele realize? Sabem que procuramos oferecer os mais variados tipos de leituras e acima de tudo trabalhamos de uma forma gostosa e acessível com a leitura em sala de aula?

Uma vez que afirmei ser a família um fator ora positivo ora negativo, segundo os momentos e situações que estimulam em relação à leitura, seria incoerente não traçar esse mesmo quadro em relação à escola, ou uma fuga, uma vez que esse é o ambiente que me envolvo todos os dias. As pesquisas acadêmicas precisam estudar fatores externos ao ambiente escolar, mas não podem se esquivar da parte que cabe ao sistema educacional: escola, direção e professor.

As condições necessárias e mínimas para que sejam realizadas aulas produtivas precisam ser oferecidas pelo Estado e solicitadas pelo corpo docente, uma vez que esse é o grupo de pessoas que têm o maior contato com as situações e necessidades do contexto escolar. Dentro da realidade de cada sociedade, se faz necessária a presença de um trabalho que seja levado a sério e desenvolvido de forma consciente.

Essa seriedade que produz frutos pode ser detectada por meio de alguns depoimentos dos sujeitos envolvidos na pesquisa. O trabalho desenvolvido por uma professora, que acompanhava seus alunos todas as semanas até a biblioteca para que lá tivessem a oportunidade de escolher o seu livro e realizarem leituras espontâneas, desligadas de vínculos de obrigação como resumos, relatórios ou provas, demonstra que alguns profissionais procuram realizar um trabalho comprometedor.

A falta de compromisso por parte das instituições que não possuem material necessário para que se desenvolva um trabalho considerável, a ausência de livros de melhor qualidade, a preocupação centrada em interesses políticos por parte da direção e as metodologias não atualizadas ou negligenciadas, demonstradas pelos professores, podem apagar todo o brilho que o ambiente escolar possui para ser considerado um fator que contribui positivamente para o desenvolvimento do gosto pela leitura.

Desses fatores citados acima vou me deter na metodologia do professor, pois diz respeito às categorias analisadas. Sem dúvida, a metodologia utilizada pelo professor é algo marcante na aprendizagem, ou seja, na construção que cada indivíduo realiza durante a vida, pois poderá se tornar um fator motivador ou controlador do gosto pela

leitura. Ao corpo docente deixo minhas considerações a respeito da metodologia que estamos utilizando em sala de aula. A maneira como desenvolvemos e apresentamos nosso trabalho é um reflexo daquilo que acreditamos e adquirimos como bagagem de vida.

Desde o título da pesquisa, procurei despertar uma reflexão a respeito do tipo de relacionamento e trabalho que nós, professores e pais, estamos desenvolvendo em relação à leitura, no que diz respeito aos leitores em desenvolvimento. Fatores que motivam ou controlam precisam ser reconhecidos e pesquisados para que possamos utilizá-los ou não de uma maneira consciente e produtiva em relação ao processo de desenvolvimento do gosto pela leitura.

Existe uma grande distância entre motivar e controlar alguém a fazer algo, tópico este que já desenvolvemos acima. Espero que esta pesquisa estimule uma reflexão em todos aqueles que tiverem a oportunidade de ler e que contribua para o progresso do andamento dos estudos em relação ao gosto pela leitura.

As condições do sistema educacional no nosso país não são as idealizadas, mas uma vez que nos dispomos a sermos profissionais nessa área de formação de vidas, se faz necessário realizarmos um trabalho competente e necessitado pela sociedade. O estudo e a pesquisa jamais poderiam ter o segundo lugar na nossa vida, pois a sociedade não pára, não é estagnada, ao contrário, todos os dias temos mudanças e diferentes situações para explorarmos.

O indivíduo precisa ter voz ativa e ser sujeito das leituras que realiza. Nós, professores, somos profissionais de extrema importância no jogo de formação de vidas que a sociedade estabelece. Não podemos nos esquivar do compromisso assumido perante o mundo, e acima disso, conosco. Nem um dia é menos importante que outro, nenhum sujeito merece menos oportunidade que outro.

Precisamos ter condições e preparo para cumprirmos as exigências necessárias, determinadas pela necessidade de cada sala de aula, para a realização de um trabalho levado a sério, não somente por nós professores, mas respeitado também pela sociedade que nos envolve no cotidiano.

Seria incoerência apresentar como resultado final desta pesquisa só dados positivos ou somente dados negativos. Uma outra contradição seria apresentar um único fator como sendo fundamental no que diz respeito ao “gosto” pela leitura. O desenvolvimento do gosto pela leitura é constituído por um conjunto de fatores sociais (escola, família, amigos) que simultaneamente determinam a causa da leitura dos indivíduos, quer seja essa por necessidade ou por gosto.

Nessa perspectiva, os fatores que contribuem positivamente ou atrapalham o desenvolvimento do gosto pela leitura foram levantados, discutidos e analisados. O processo de leitura é algo bastante complexo, mas por meio desta pesquisa foi possível apontar algumas especificações dos fatores, sejam eles motivadores ou controladores, que espero poderem ser úteis e servirem de reflexões para uma prática de leitura mais produtiva e diferenciada.

Dessa forma, os sujeitos leitores poderão estar sendo melhor preparados e estimulados a desenvolverem um conceito de leitura mais aguçado, que não se detenha apenas na linguagem como um instrumento de comunicação, mas que tenha um objetivo maior em relação à leitura - adquirir postura frente à sociedade, podendo exercer democraticamente sua cidadania.

BIBLIOGRAFIA

- ÂNGELO, I. **O problema do livro no Brasil**. In: Cultura. O Estado de São Paulo, 10,17ago.1981.
- ARANHA, M.L.de A. & MARTINS, M. H. P.. **Temas de FILOSOFIA**. São Paulo:Moderna, 1992.
- _____. **Filosofia da Educação**. São Paulo:Moderna, 1996.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro:Zahar, 1978.
- ARROYO, L. **Literatura infantil brasileira : ensaio de preliminares para sua história e suas fontes**. São Paulo:Melhoramentos, 1968.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradutor: Danilo Marcondes Souza Filho Porto Alegre:Artes médicas,1990.
- BALLY, C. **El lenguaje y la vida**. Tradución de Amado Alonso. 5 ed Buenos Aires:Losada,1967.
- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura?** São Paulo:Ática, 1987.
- BARROS, C.S.G. **Pontos de Psicologia do Desenvolvimento**. São Paulo: Ática, 1990.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral** (Trad.M.G. Novak e L. Neri), São Paulo: Companhia Nacional, 1976.
- BRANDÃO, M. L. **O processo de leitura: algumas considerações teórico-práticas**. In Cadernos pedagógicos e culturais - Centro Educacional de Niterói. Rio de Janeiro:Edit Grafcen, 1992.
- CADERMATORI, L. **O que é literatura infantil**. São Paulo : Brasiliense, 1986.
- CÂMARA, JR J. M. **História da Lingüística**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- _____.**Princípios de Lingüística Geral**.4ª ed. Rio de Janeiro: 1973.
- CAVALCANTI, M. C. **A propósito da lingüística aplicada**. Trabalhos em Lingüística Aplicada, vol. 07, Campinas, 1986.
- CHAMEUX, E. **Aprender a ler: Vencendo o fracasso**. tradução de Maria José do Amaral Ferreira. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

- CHOMSKY, N. **Linguagem e pensamento**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CERIZARA, B. **Rousseau: A educação na infância**. São Paulo: Scipione, 1990.
- CERVO, A. M. e BERVIAN, P. A. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: Mc Graw - Hill do Brasil, 1972.
- CORACINI, M.J. (org). **O Jogo Discursivo na Aula de Leitura**. São Paulo: Pontes, 1995.
- _____ (org). **Gestos de leitura: Da História no Discurso**. 2ª ed. São Paulo: Unicamp, 1997.
- DUCROT, O. **Princípios de Semântica Descritiva - dizer e não dizer**. Trad. Carlos Vogt et al. São Paulo: Cultrix, 1977.
- ERICKSON, F. **Qualitative Methods in Research on Teaching**. in M. Wittrock (org). **Handbook of Research on Teaching**. Nova York: Macmilian, 1986.
- FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Trad. Bruno .C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE. P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.
- FULGÊNCIO, L. LIBERATO, Y. **Como facilitar a leitura**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- GALVES, C. e ORLANDI, E. (org). **O texto, Leitura e Escrita**. 2ª ed. São Paulo: Pontes, 1997.
- GERALDI, J. W. (org). **O texto em sala de aula**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. **Linguagem e Ensino**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- GOTTMAN, J. **Inteligência emocional**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- HALLIDAY. M. A. K. **As ciências lingüísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- JACKOBSON. R. **Novas perspectivas lingüísticas**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1971.
- JOLIBERT, J. **Formando Crianças Leitoras**. Org. Josette; Trad. Bruno c. Magne.- Porto Alegre : Artes Médicas, 1994.

- KRASHEN, S. **Principles and Practices of Second Language Acquisition**. Oxford: Pergamon, 1982.
- KLEIMAN, A. **Leitura, ensino e pesquisa**. 2ª ed. São Paulo: Pontes, 1989.
- _____. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 5ª ed. São Paulo: Pontes, 1997.
- _____. **Oficina de Leitura: Teoria e Prática**. 6ª ed. São Paulo: Pontes, 1998.
- KOCH, I. G. V. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez, 1987.
- KÖPKE, C. B. **Ensaio de Lingüística Geral**. São Paulo: Quíron, 1975.
- KOSINSKI, Regina Taam de. **41 respostas sobre ensino e cotidiano escolar**. 1ª ed. S.P: Scipione, 1998.
- KOZAN, O . R . **A Leitura no 1º Grau e a Formação do Leitor / Parte II**. In : Anais da IX Semana de Letras, UEM-Maringá, 1996.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994.
- _____. e ZILBERMAN. R. **A leitura rarefeita**. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991
- LEPSCHY, G.C. **A lingüística estrutural**. Ed. USP, 1971.
- LOPES, E. **Fundamentos da Lingüística contemporânea**. 13ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- LOURENÇO FILHO. M. D. **Pedrinho**. Melhoramentos, São Paulo: 1959.
- LUDKE, M & ANDRÉ, M. E. D. A . **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986
- LYONS, J. **Linguagem e Lingüística**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MAGNANI, M.R M. **Sobre ensino da leitura**. In: Leitura : Teoria e Prática. Revista Semestral da Associação de Leitura do Brasil, Mercado Aberto, nº 16 / Dez 1997.
- MAGNANI, M. R. M. **Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MARTINET, A . **Elementos da lingüística geral**. 6ª ed. Lisboa, Editora Soares da Costa, 1975.

- MARTÍNEZ, A . M. **Criatividade, personalidade e educação**; Tradução Mayra Pinto. Campinas: Papyrus, 1997.
- MORAIS, José. **A arte de ler**. S.P. Editora da Universidade Estadual Paulista-UNESP, 1996.
- MOREIRA, R. M. **Psicologia da educação: Interação e identidade**. São Paulo:FTD,1996.
- ORLANDI, E P. **Discurso e Leitura**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- _____ (org). **Gestos de leitura: Da História no Discurso**. 2ª ed. São Paulo: Unicamp,1997.
- ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**. Campinas, S.P: Pontes, 1996.
- ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. S.P.: Cortez, 1996.
- PFROMM NETTO, S. **Psicologia da aprendizagem e do ensino**. São Paulo: E.P.U. & EDUSP, 1987
- PILETTI, N. **Psicologia Educacional**. São Paulo: Ática, 1991.
- PONDÉ, G & YUNES, E. **Leitura e Leituras da Literatura Infantil**. São Paulo: FTD, 1988.
- RANGEL, M. **Dinâmicas de Leitura para sala de aula**.10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- REVISTA TEMPO BRASILEIRO, nº 56. Janeiro / Março 1979.
- ROULET, E. **Teorias lingüísticas, gramáticas e ensino de línguas**. São Paulo: Pioneira, 1978.
- SANDRONI, C. L & MACHADO, L. M. **A criança e o livro**. São Paulo: Ática,1983.
- SAPIR, E. **Lingüística como ciência: ensaios**. Trad. J.M.C. Rio de Janeiro, 1961.
- SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SILVA, E. T. **O ato de ler**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1987.
- _____ . **Leitura & Realidade Brasileira** . , Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

_____ . **Criticidade e Leitura: Ensaio**. S.P: Mercado de letras, 1998.

SILVA & ZILBERMAN (org).**LEITURA: Perspectivas Interdisciplinares**. Série Fundamentos, Editora Ática, 1998.

SMITH, F. **A Política da Ignorância**. In: The Politics of Reading. Point and Counter Point. Delaware, Eric & Ira, 1973:49

SMOLKA, A . L . B. , SILVA, E. T. da, BORDINI, M.G, ZILBERMAN, R. **Leitura e desenvolvimento da linguagem**. Mercado Aberto, R.S.1989.

SUASSUNA, Livia. **Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática**. Campinas: Papyrus, 1995.

TERZI, Sílvia Bueno. **A construção da leitura**. Campinas, S.P: Pontes; Editora da Unicamp, 1995.

VANOYE, F. **Usos da Linguagem; Problemas e técnicas na produção oral e escrita**.7º ed. São Paulo:Martins Fontes, 1973.

VIEIRA, E. **Sociologia da educação: reproduzir e transformar**. São Paulo:FTD, 1996.

VYGOTSKY, L. S. **Thought and Language**. Cambridge, MASS: MIT Press,1962.

ZILBERMAN, R. e SILVA, E. T. **Leitura: Perspectivas interdisciplinares**. 4ª. Ed. São Paulo: Ática, 1998.

ZILBERMAN, R. (org) **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre:Mercado Aberto, 1982.

_____; CADERMATORI, L. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 3ª. Ed. São Paulo: Ática, 1987.

_____;LAJOLO, M. **Literatura infantil brasileira: histórias&histórias**. 5ª.ed. São Paulo: Ática, 1991.

ANEXOS

ANEXOS

QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS

Sujeito 1

E - Eu gostaria de saber qual é a sua formação? Qual foi a escola que você estudou? Cidade? Se foi particular ou estadual?

S - Minha formação é de uma escola particular, Colégio Adventista.

E - Qual instituição frequenta atualmente?

S - Na UEM.

E - Qual é o curso que você está fazendo atualmente?

S - Geografia.

E - Essa conversa está se direcionando especificamente a leitura, eu queria saber se houve um estímulo a sua leitura nos primeiros anos escolares. Lá no seu primeiro aninho, no segundo ano você se lembra de alguma coisa, o que você fazia, o que os professores faziam para estimular o seu gosto pela leitura, quem estimulava? Eram só os professores?

S - Eram só os professores através de livros de literatura.

E - E você gostava de ler?

S - Mais ou menos

E - E os seu pais, os seus tios, eles costumavam a te dar livrinhos ou cobrar sobre o que você estava lendo?

S - Só minha mãe

E - Tem algum fato na escola, com sua mãe ou com outra pessoa em relação à leitura que marcou na sua vida ou sempre foi uma coisa indiferente?

S - Sempre foi indiferente, não tenho nenhum fato especial.

E - Quando você se lembra das suas aulas de língua portuguesa, tem uma professora que marcou? Como foram realizadas suas aulas de leitura?

S - A professora iniciava um assunto, a leitura, e aí ela direcionava os alunos para lerem, para continuarem a leitura.

E - Uma leitura em voz alta e os outros iam acompanhando?

S - Isso

E - E ela pedia para fazer leitura silenciosa?

S - Também tinha leitura silenciosa, tinham os dois tipos.

E - E depois que vocês liam ela discutia sobre aquilo?

S - Ela discutia e depois perguntava se tinha alguma dúvida ou não.

E - Atualmente como são suas leituras? Você lê apenas a respeito da sua área, que no caso é a geografia, ou você faz leituras extras, e com que frequência? Toda semana...Uma vez por mês?

S - Agora eu leio coisas mais direcionadas ao curso, só que revistas é um hábito para acompanhar os acontecimentos e a leitura de jornais é esporádica.

E - O que você pode me dizer sobre a leitura, se você estivesse realizando um teste e tivesse de definir a leitura, o que você diria?

S - É uma ferramenta básica para comunicação e amplia seu conhecimento.

E - E qual é o objetivo principal de se realizar leituras ?

S - Conhecimento.

E - Você acha que você gosta de ler? Não gosta ou lê por necessidade?

S - Agora, agora eu gosto de ler

E- Muito obrigada pela sua colaboração.

Sujeito 2

E - Como foi sua vida de estudante, desde a primeira série, onde você estudou, foi escola particular, pública e em qual cidade?

S - Desde o pré eu estudei em escola particular, estudei na Escola Adventista de Maringá. No ensino médio nesta mesma escola só que em Ortolândia, em regime de internato.

E - Nós vamos começar perguntando onde ele estuda atualmente e qual é o seu curso?

S - Atualmente eu estudo em Prudente e faço o 2º ano de direito.

E - Como já conversamos um pouquinho antes, esta conversa é sobre leitura. Quando você era bem pequenininho, você lembra alguma coisa que te marcou ou não? Quem estimulava você para ler? Seus professores? Era tua mãe, eram seus tios, tinha esse estímulo ou não?

S - Bem no começo como você falou, eu não me lembro muito bem, mas na família minha mãe lia algumas histórias pra mim, por exemplo na hora de dormir, e eu sempre. A partir do momento que comecei a ser alfabetizado ela começou a me incentivar a ler, minha mãe meu pai, mas isso não valeu tanto, o que valeu mesmo é o modelo deles, eu aprendi muito porque eles sempre estavam lendo na minha frente.

E - Quer dizer mais do que falar o importante era o modelo deles? O que mais marcou para você?

S - Mais o modelo deles

E - Agora tratando das suas aulas de leitura de primário, 5ª a 8ª séries e ensino médio. Como foram suas aulas? O que os professores faziam em sala de aula? Eles liam textos? Pediam para vocês lerem? Como que era isso?

S - Na 8ª série eles mandavam ler um texto, perguntavam o que eu entendi do texto, interpretação de texto ... o professor também lia o texto, era mais ou menos assim.

E - Tinham leituras silenciosas, depois alguém lia e os outros acompanhavam?

S - Tinha, era bem assim.

E - Atualmente quais são as leituras que você realiza no seu dia-a-dia? Você costuma ler?

S - Atualmente eu costumo ler, eu adoro ler, eu leio muito mesmo nossa... eu não passo nenhum dia sem ler. Eu leio jornal todos os dias, durante o ano passado eu li uns cinco livros. Agora eu estou lendo um livro que se chama o *Poder do Otimismo* e estou lendo um outro também ... ah! eu estou lendo, eu leio vários livros ao mesmo tempo, eu gosto muito de ler! Eu acredito que a leitura muda a pessoa, eu acho que a leitura faz a pessoa crescer. Eu me lembro de uma frase que diz assim: Leia mais para ser mais ... eu acho que é bem isso, quanto mais você lê você adquire mais opiniões, você conhece mais, outras pessoas, outros pensamentos, você amplia o teu conhecimento.

E - Você está me dizendo que você gosta muito de ler, se for pesar na balança, você acha que lê mais coisas relacionadas ao seu curso ou outras leituras podem ser consideradas como 50 % das suas leituras realizadas?

S - Eu estou sendo equilibrado eu leio coisas do curso, que eu sou obrigado a ler, e tem outros livros que eu leio, porque eu me interessar pelo assunto, porque eu gosto mesmo. Eu não sou assim, ai vou ler porque o curso está direcionando, não, eu leio porque eu gosto.

E - O que você pode dizer a respeito da leitura. Se alguém pedir um conceito de leitura e quais são suas vantagens você diria o que além de tudo isso que você falou.

S - A leitura é um hábito, é um costume que você tem da arte de ler. Eu acho que quem não lê está perdendo, porque deixa de conhecer muitas coisas e também eu penso que ler é interpretar, não é só ler, se o “cara” lê e não entende é um analfabeto também. Então ler pra mim é interpretar, se você lê alguma coisa e consegue contar aquilo pra alguém já é legal. A gente tem que procurar ler coisas boas, o que é útil pra você, tem que filtrar, porque tem coisas boas e ruins.

E- Está certo, basicamente era isso o nosso questionário, a gente agradece.

Sujeito 3

E - Em que colégios você já estudou?

S - Eu sempre estudei em escolas particulares.

E - Qual é o seu curso e em qual faculdade você estuda?

S - Eu estudo na Universidade Estadual de Maringá, faço enfermagem - 5º ano, um período basicamente composto por estágios.

E - Quais são as pessoas que você acha que mais estimularam a questão da leitura, o gosto pela leitura na sua vida? Desde os primeiros anos na escola, na sua família, que foram os responsáveis pelo desenvolvimento do seu gosto pela leitura?

S - Eu fui muito estimulada pelos meus pais, que não só falavam para eu ler, mas liam muito.

E - Você tem algum fato que marcou?

S - Sim, o apoio dos meus pais.

E - E sobre os seus professores o que você tem para dizer?

S - Os meus professores cobravam a leitura por meio de livrinhos e depois davam provas, mas sinceramente, eu esperava mais.

E - Eu gostaria que você deixasse um conceito seu de leitura e a importância que essa tem nas nossas vidas.

S - A leitura para mim, mostra outras idéias e outras visões.

E - Muito obrigada pelo tempo dispensado com nosso questionário.

E - Atualmente quais são as leituras que você realiza no seu dia-a-dia?

S - Eu leio de tudo um pouco, os mais variados tipos de leituras.

Sujeito 4

E - Eu gostaria de saber que tipo de escola que você estudou, se foi em particular ou pública?

S - O ensino fundamental eu fiz em Cascavel em colégio particular e o ensino médio um pouco em Cascavel um pouco em Maringá, também em escola particular, no Adventista. Ah... metade do ensino médio foi em colégio estadual.

E - Eu gostaria de saber que curso que você faz atualmente e em qual instituição?

S - Eu faço contabilidade em Mandaguari, o 4º ano.

E - Como já conversamos, anteriormente, nossa conversa está enfocando a leitura. Em relação aos primeiros anos de escola, você acha que houve um estímulo pelo gosto da leitura? Se houve por parte de quem? Dos professores, dos seus pais?

S - Na escola eles davam muitos livros e trabalhos, tinham provas sobre os livros. Em casa sempre tive estímulo para leitura, livros de igreja e também os do colégio. Agora particularmente eu não sou muito de leitura, mas estímulo eu tive tanto na escola quanto em casa.

E - Você tem algum fato em relação à leitura que marcou?

S - Não.

E - O que você pode deixar a respeito da leitura?

S - Eu penso que a leitura seja muito importante para a competição do mercado de trabalho e também seja conhecimentos de caminhos diferentes.

E - Atualmente você pode dizer que você lê basicamente sobre sua área de estudos- Ciências contábeis ou você realiza outras leituras por prazer?

S - Eu leio de tudo um pouco, eu não sou fã de leituras, daquelas pessoas que pegam um livro e lêem inteirinho, mas o que me interessa eu leio.

Sujeito 5

E - Em que tipo de escola você estudou? Particular ou pública?

S - De 1ª à 4ª séries eu estudei em colégio particular, de 5ª à 8 séries em colégio estadual e parte do ensino médio em colégio estadual, parte em um internato - particular.

E - Eu gostaria de saber onde você estuda, qual é o seu curso e em que ano você está?

S - Eu faço pedagogia na UEM e vou fazer agora o 3º ano.

E - Como já conversamos um pouquinho antes, é sobre leitura a nossa conversa, que tipo de estímulo você teve, retomando sua 1ª série do primário - os anos iniciais dos seus estudos. Quem foram os principais responsáveis pelo estímulo do gosto pela leitura? Pais, Professores?

S - Em casa fui estimulada pelos meus pais, eles sempre compravam aquela revista Nosso Amiguinho e outros livrinhos infantis. E na escola nós tínhamos o momento da leitura, que era toda sexta-feira à tarde, quando nós íamos até a biblioteca, cada aluno escolhia o seu livro e lia naquele momento. Fora isso tinha o ano bíblico, todos os dias depois do culto da manhã no colégio nós líamos um capítulo da bíblia.

E - De 5ª a 8ª séries e ensino médio você se lembra das suas aulas de leitura? Como que elas eram?

S - Aula de português era interpretação de textos.

E - Como que eram essas interpretações de texto?

S - Não éramos nós que interpretávamos os textos, era a professora. Nós líamos o texto e ela interpretava.

E - Atualmente quais são as leituras que você faz?

S - No ano passado eu praticamente só lia o que era obrigação - os estudos, o que pediam eu lia. Este ano eu estou querendo mudar comecei com um livro - Eventos Finais, estou lendo a bíblia e outros livros.

E - Para nós terminarmos eu gostaria que você desse sua concepção de leitura. Por que a leitura é tão importante e desde muito pequenos ouvimos esse comentário? O que você acha?

S - Olha leitura é muito importante porque você aprende muita coisa, tem vários tipos de leituras, aumenta seu vocabulário... eu não gostava de ler, mas eu vi que apesar de sempre ser influenciada para ler sempre tem aquela “preguicinha” ... Leitura é vital, é o principal de tudo, se você não lê você não sabe conversar.

E - Obrigada.

Sujeito 6

E - Como nós já conversamos um pouquinho antes, esta conversa está voltada para a questão da leitura. Como foi na sua vida de estudante o estímulo do gosto pela leitura e que tipo de escola você estudou pública ou particular?

S - Sempre eu estudei em escola particular. Quando pequena eu não me lembro de nenhum estímulo na escola em relação à leitura e acho até que é por isso que eu não gosto muito de ler.

E - Onde você estuda e que ano você faz?

S - Eu estudo em Presidente Prudente faço o 4º ano de odontologia.

E - E na sua casa, você teve estímulo?

S - Em casa o pessoal não é muito de ler, eu até acho que tudo influencia. Meu tio gosta muito de ler, quando você vai na casa dele ... só um monte de revistas, mas sempre em casa era muito vago a leitura. Na minha casa não tinha muitas revistas, agora está tendo bastante revistas atuais tipo: Manchete, Isto é... mas eu acho que já foi a época de nós termos gosto pela leitura, a gente até pega a revista e olha ... tal, lê uma manchete ou outra, mas eu não me lembro de ter lido uma revista de “cabo a rabo”.

E - O que suas professoras faziam?

S - Não tem nada na minha memória não vem nada. Eu me lembro que eu gostei muito de ler quando eu estava no cursinho, no ensino médio, eu lia bastante os livros que eu precisava para o vestibular, eles me interessavam... aí eu achei legal.

E - Atualmente quais são as leituras que você realiza e essas leituras elas são bem voltadas para tua área de estudo ou você lê com certa frequência alguma coisa que te interessa?

S - Eu assinei uma revista direcionada a minha área, então toda vez que chega eu sempre leio, uma vez cada dois meses chega uma revista. Toda vez que eu vou no consultório do meu pai eu leio uma revista, mas fora isso, mais direcionado a minha área que eu leio.

E - Então quer dizer, a grande concentração de leitura que você está fazendo é voltada para os seus estudos.

S- Sim.

E - Para nós terminarmos, eu gostaria que você deixasse o que é a leitura, porque ela é tão divulgada por jornal, revista, televisão?

S - Leitura eu acho que o objetivo seria enriquecer mais meu vocabulário, minha cultura, na minha área no caso ser mais atualizada. A leitura é aquilo que traz alguma coisa para você, que soma alguma coisa, mesmo que você esteja lendo um papel de uma bala, se aquilo for algo diferente, é bom.

E - Está bem, muito obrigada.

Sujeito 7

E - Que tipo de escola você estudou o seu primeiro e segundo graus, particular ou pública?

S - É meio complicado. De 1ª a 4ª séries foi em uma escola municipal, de 5ª a 8ª séries em escola particular e o ensino médio em escola pública.

E - Qual é o seu curso e onde você estuda?

S - Meu curso é engenharia civil, na UEM.

E - Em relação a leitura, como nós já conversamos um pouquinho antes, no ensino fundamental o que você consegue lembrar que houve de estímulo em relação a esta? Por parte dos seus professores, dos seus pais você teve estímulo ou você acha que não?

S - Bom, o que eu me lembro de 1ª a 4ª séries, são as historinhas para pintar. De 5ª a 8ª séries eu me lembro que o primeiro livro que eu li foi a Ilha Perdida, lá eles tinham livros que nós éramos obrigados a ler, nós tínhamos provas, resumos... então isso ajudou bastante. Depois a partir da 8ª série em diante eu comecei a ler por conta própria, eu lia mais ou menos uns cem livros por ano. Eu gostava muito de alguns livros de ação, de livros que contavam sobre pessoas que tinham experiências. Por exemplo: “eu lia a história de um “cara” que ele era o dono de uma empresa de aviação, então ele contava que tinha começado com um ou dois aviões até a época que ele chegou a ter uma frota de jatos...”

E - E na sua família teve estímulo, diziam que você tinha que ler, davam livros para você?

S - Não, na minha casa se eu quisesse estudar eu estudava, se não estava tudo certo. Eu fiz faculdade, mas ninguém nem sabia as minhas notas.

E - De 5ª a 8ª séries e segundo grau, como eram suas aulas de leitura?

S - Na sala de aula não existia aula de leitura, não existia dentro da sala de aula um tempo para se ler. Existiam livros para você ler em casa e depois fazer provas. Essas aulas de leitura existiam nas aulas de inglês, a gente pegava textos para ler e fazer tradução.

E - Mas não havia interpretação de textos ?

S - Muito pouco, eu me lembro que era pouco. Na minha época não existia, muito pouco. Eu me lembro só de uma vez no 2º ano do ensino médio nós pegávamos poesias do Bandeira e discutíamos, mas tão pouco que não foi suficiente pra me empolgar.

E - Atualmente quais são as leituras que você realiza? Essas leituras são bastante voltadas para sua área profissional ou você lê de uma forma mais ampla- outros assuntos e com que frequência?

S - Eu tenho revistas técnicas que eu sempre leio, tenho umas duas ou três revistas que eu leio todo mês, eu estudo a bíblia e fora isso eu quero voltar àquele hábito que eu tinha de ler muito. Eu acho que hoje em dia tem livros excelentes que a gente pode e deve ler.

E - Para nós terminarmos eu gostaria que você deixasse sua opinião sobre a leitura e sua importância para as nossas vidas.

S - Olha eu comecei a ler com o meu tio, ele tinha uns livrinhos chamados Seleções do Reader's Digest desde 1950 até 1970. Eu comecei a ler e me empolguei, achei interessante que tinham resumos de livros, todo mês eles traziam um resumo de um livro...Hoje em dia se estiver parado na frente da TV eu pego uma revistas para ler ao mesmo tempo, eu me interesso mais pela leitura do que assistir TV. A leitura é um trunfo...a vantagem de quem lê em relação a uma pessoa que não lê é incrível... a leitura ajuda a formar opinião.

E - Muito obrigada pela sua participação.

Sujeito 8

E - Como nós já conversamos um pouquinho antes esta conversa é basicamente sobre leitura. Eu gostaria de saber onde você estudou, que tipo de escola que foi se foi particular ou pública?

S - Sempre eu estudei em escola particular com exceção do 1º e 2º anos do ensino médio.

E - Que curso que você faz atualmente e em qual instituição?

S - Economia na UEM, último ano - 5º ano.

E - Com relação à leitura nos primeiros anos da sua vida, eu gostaria que você me contasse como foram os seus anos iniciais na escola? Houve estímulo à leitura e por parte de quem?

S - Eu penso que teve estímulo mais por parte da escola, mas não foi um estímulo muito acentuado, foram coisas básicas como fazer um trabalho.

E - Que tipo de leitura que você lembra que seus professores pediam para você fazer?

S - Leitura de cartilha de livros da... aquela série *vaga-lume*.

E - Como que eles cobravam isso?

S - Eles cobravam através de provas, relatórios ou trabalhos, dependia do professor.

E - Já na 8ª série e no ensino médio como é que eram dadas suas aulas de leitura?

S - Também eram na base de trabalhos e relatórios e aí já era mais literatura, literatura portuguesa.

E - Tinha leitura em sala de aula?

S - Não que eu me lembre, quer dizer tinha sim, mas na aula de história, nas aulas de português eu não me lembro.

E - Você tem alguma experiência, que você se lembre, em relação à leitura, que marcou na sua vida?

S - Eu lembro que no segundo grau eu li *Meu pé de laranja lima* e foi bem marcante pra mim.

E - Em relação às leituras que você está realizando agora, você pode me dizer que a maior parte delas são em relação ao seu curso ou estão bem divididas entre outros assuntos.

S - Eu leio bastante revista Exame, Você e um pouco de jornal (política), eu gosto também de ler alguma coisa técnica, mas não livros inteiros.

E - O que você pensa, depois de tantos anos de escola, sobre a leitura? Porque falam tanto da leitura, no que ela contribui para a sua vida?

S - Eu penso que quando você lê você tem uma outra visão da coisa, quando você vê televisão você fica mais acomodado. Quando você pega um texto sem imagens ou fotografias, eu acho que você visualiza mais e exercita amplamente a sua capacidade mental.

E - Está certo, muito obrigada.

Sujeito 9

E - Que tipo de escola você estudou?

S - Eu sempre estudei em escola particular.

E - Que tipo de leitura você fazia quando você estava no ensino fundamental?

S - Eu lembro que eu lia muito aquela coleção *Vaga-Lume* .

E - Onde você estuda e qual é o seu curso?

S - Eu estudo na Universidade Federal de Santa Catarina, faço pedagogia, 1º ano

E - Como nós já conversamos um pouquinho antes, esta conversa é direcionada à leitura. Quem começou a estimular o gosto pela leitura na sua vida? Lá na 1ª série, quem foi que fez esse papel de estimulador? Seus pais, professores, tios?

S - Na realidade eu não me lembro de ninguém que tenha me estimulado a ler, porque lá em casa ninguém gosta muito de ler. Eu acho que foi uma coisa que partiu de mim, hoje eu leio bastante, mas foi uma coisa que partiu de mim, interesse meu.

E - E tem alguma coisa, algum livro ou aula de português que marcou para você?

S - Um livro que eu li e gostei e na época eu queria ler de novo foi *Poliana* .

E - E você consegue se lembrar, de repente até de aulas do 2º grau, porque estão mais próximas de você, como que eram as aulas de leitura, o que acontecia? Vocês partiam de textos? Como era?

S - Eu acho que isso é uma coisa que desestimula . As aulas de português que eu tive eram assim: você tinha que ler um livro para fazer uma prova, nenhum estímulo para ler, tanto é que às vezes a gente nem lia, só pegávamos um resumo ou alguém que tinha lido contava pra gente. Então, neste ponto eu acho que as aulas são bem fracas e desestimulantes.

E - Vocês faziam leituras em voz alta, discutiam textos ou não?

S - Fazíamos, principalmente, no magistério, nós fazíamos grupos para discutir textos.

E - Atualmente as leituras que você realiza são bastante voltadas aos seus estudos ou estão mais relacionadas aos assuntos em geral?

S - Mais no geral.

E - Sobre a importância da leitura nas nossas vidas, o que você diz?

S - Eu acho que quando a gente lê bastante a gente se envolve culturalmente, o vocabulário e conhecimento.

E - Então você acha que não está lendo somente por obrigação, porque alguém pediu?

S - Não.

E - Com que frequência você costuma fazer as suas leituras?

S - Eu sempre tenho um livro que eu leio um pedacinho todos os dias.

E - Você tem alguma revista ou jornal que você costuma ler semanalmente?

S - Seleções.

E - Se alguém perguntasse para você: Você gosta de ler? O que você responderia: Sim, Não ou Mais ou Menos?

S - Eu gosto de ler.

E - Está certo, muito obrigada pela sua colaboração.

Sujeito 10

E - Que tipo de escola você estudou? Particular ou pública?

S - Eu fiz o ensino fundamental em escola particular e o ensino médio em escola pública.

E - Onde você estuda, que ano você está cursando e em qual instituição?

S - Na Universidade Estadual de Maringá, faço o curso de direito e estou no 5º ano.

E - Como nós já conversamos um pouquinho antes, nossa conversa é sobre leitura. Eu gostaria que você retomasse todo o seu período de estudos e me dissesse que tipo de estímulo você recebeu em relação à leitura?

S - Eu acho que esse estímulo não aconteceu. Meus pais não adquiriam livros para que eu realizasse as leituras e os professores não estimulavam para que isso acontecesse.

E - Na escola você costumava ler?

S - Basicamente eram lidas as matérias que nós tínhamos em sala de aula.

E - Então não tinha uma aula de leitura?

S - Não.

E - Nas suas aulas de ensino médio como eram realizadas as leituras? Como que essas leituras eram cobradas?

S - Nós não tínhamos aulas de leitura. No ensino médio foi basicamente literatura, os professores mandavam ler e depois cobravam nas provas.

E - Atualmente qual o tipo de leitura que você realiza. As suas leituras estão basicamente voltadas para sua questão profissional ou você lê diversas coisas ao mesmo tempo?

S - Basicamente o que está relacionado com o curso.

E - Tem alguma revista ou jornal que você com uma certa frequência?

S - Não.

E - O que você pode deixar sobre a importância da leitura nas nossas vidas?

S - Você amplia o seu conhecimento, facilita o raciocínio, e possibilita redigir de uma melhor forma. A leitura faz com que você se interaja com outras pessoas de uma forma muito melhor.

E - Se fosse para você responder agora se você gosta de ler ou não, o que você diria?

S - Eu leio porque é necessário.

Sujeito 11

E - Que tipo de escola que você estudou? Particular ou pública?

S - Eu fiz o ensino fundamental e médio em escolas particulares.

E - Onde que você estuda, qual é o curso e que ano você está?

S - Na UEM, faço psicologia, 2º ano.

E - Eu gostaria que você voltasse a 1ª série e me contasse como foi o estímulo à leitura nos seus primeiros anos escolares.

S - A partir da 2ª série eu comecei a me interessar porque durante as férias os professores davam livros para nós lermos e depois eles davam uma prova sobre o livro. Minha mãe também me ajudava muito.

E - Você acha então que seus pais influenciaram bastante no desenvolvimento do gosto pela leitura?

S - Eu acho que sim. Minha mãe lia comigo, quando eu cansava ela lia um pouco.

E - Na 7ª, 8ª séries e no ensino médio como que eram realizadas suas aulas de leitura?

S - A gente tinha mais leituras em casa, tinham livros que o professor indicava para nós lermos e depois fazermos provas. Era assim, sempre tinha uma avaliação, a gente se obrigava a ler por causa da prova.

E - Atualmente quais são as leituras que você realiza?

S - São leituras mais relacionadas à faculdade e nas férias eu leio livros da minha igreja.

E - Você realiza leituras com uma certa frequência, tipo jornal ou revista?

S - Revista... às vezes leio *Veja*

E - Para nós terminarmos o que você pode deixar sobre a importância e porque existe tanta divulgação a respeito de se ler?

S - A leitura é um novo caminho, que parece que tira uma venda dos seus olhos. Eu gosto muito de ler e acho que é muito importante.

E - Muito obrigada.

Sujeito 12

E - Qual foi a escola que você frequentou, se foi particular ou pública?

S - Eu sempre estudei em escola particular.

E - Onde que você estuda e qual é o curso que você está fazendo?

S - Eu estudo na Faculdade Maringá, faço Comércio Exterior, 2º ano

E - Como nós já conversamos um pouquinho antes, a nossa conversa é sobre leitura. Eu gostaria que você se recordasse de alguns fatos ou pessoas que marcaram na sua vida em relação à leitura? Que tipo de estímulo você recebeu na escola e em casa?

S - Na escola eu recebi dos professores, em casa dos meus pais que diziam “leia, é muito bom ler”, mas eu nunca gostei de ler...não adiantava eu dormia. Não tem nada de especial.

E - Como eram realizadas suas aulas de leitura já na 8ª série e no 2º grau? O que o professor fazia? O que vocês liam? Como liam: em grupo, individual, leitura silenciosa?

S - Tinha professor que pedia para ler e depois fazer resumo. Tinha leitura em sala de aula, o professor falava “leia tal parágrafo”.

E - E vocês liam esses textos para quê? O que vocês faziam depois destas leituras?

S - Para nós entendermos ali o ... contexto. Lia ... lia... passava...

E - Atualmente quais são as leituras que você realiza?

S - Na faculdade mesmo, só os textos que eles dão lá - as apostilas, o básico né?

E - Você acha que o que você lê é basicamente voltado para sua área profissional ou seus estudos?

S - É

E - Para nós terminarmos eu gostaria que você me dissesse porque é tão comentado sobre a leitura nos meios de comunicação, por que a leitura é tão divulgada?

S - Eu acho que para melhorar o nível intelectual da pessoa, para ficar por dentro dos assuntos.

E - E você acha que você gosta de ler ou não gosta?

S - Agora eu até que estou gostando de ler. Estou me interessando mais.